



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

HÉLVIA CRISTINE CASTRO SILVA PERFEITO

**OS IMPASSES NAS FUNÇÕES PARENTAIS: DA CLÍNICA
PSICANALÍTICA DO PRECOCE ÀS TRANSFORMAÇÕES
SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS**

Uberlândia

2007

HÉLVIA CRISTINE CASTRO SILVA PERFEITO

**OS IMPASSES NAS FUNÇÕES PARENTAIS: DA CLÍNICA
PSICANALÍTICA DO PRECOCE ÀS TRANSFORMAÇÕES
SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Uberlândia

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P438i Perfeito, Hélvia Cristine Castro Silva, 1963-

Os impasses nas funções parentais : da clínica psicanalítica do precoce às transformações sócio-histórico-culturais / Hélvia Cristine Castro Silva Perfeito. - 2007

164 f.

Orientador: João Luiz Leitão Paravidini.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise - Teses. 2. Pais e filhos - Teses. I. Paravidini, João Luiz Leitão. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

HÉLVIA CRISTINE CASTRO SILVA PERFEITO

**OS IMPASSES NAS FUNÇÕES PARENTAIS: DA CLÍNICA
PSICANALÍTICA DO PRECOCE ÀS TRANSFORMAÇÕES
SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia Castilho Romera

Prof^ª. Dr^ª Marisa Schargel Maia

Prof^ª Dr^ª Sandra Augusta de Melo

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

(orientador)

*“Tributo ao Senhor glória e força.
Ao único que é digno de receber
toda honra e adoração, Jesus Cristo,
Aquele que me sustenta a vida”.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Heber e Odálvia que sonharam com a minha existência e que inscreveram na tábua do meu coração, marcas importantes.

À minha família, Nilsinho, Ana Carolina e Henrique, pela compreensão, carinho e intensidade com que vivemos juntos.

A João Luiz, orientador e mestre, que com seus dons e sensibilidade tanto me ajudou e impulsionou.

Aos pacientes, razão e incentivo para aprofundar o conhecimento, o qual certamente só se torna possível quando passa também pelo coração.

Às estagiárias: Ana Paula, Ludmilla, Isaura, Patrícia, Andréa e Luizana que muito contribuíram com seus relatos tão bem escritos e pelas discussões emocionadas.

Aos funcionários da Clínica de Psicologia, Neusinha, Susi, Niltinho e Antonio, pelo apoio, carinho e presteza em ajudar.

Aos colegas da Universidade Federal de Uberlândia, Sandra, Sergue e Gislaine, pelo tempo trabalhando e aprendendo juntos e a Dárcio, chefe da Clínica de Psicologia.

Às queridas irmãs que estiveram comigo em oração, “Em todo o tempo ama o amigo e na angústia se faz o irmão” (Pv. 17:17). Regina, Marli, Ana, Angeliquinha, Marta, Neide, Maria Maia, Maria Helena, Marlene, Sandra, Joana, Ana Rúbia, Andréa, Ana Beatriz, Cida, Dona Aurora, Damaris, Valéria e Beatriz (minha amiga inseparável de infância).

Ao ministério 'Desperta Débora' da Igreja Presbiteriana Central de Araguari, que incansavelmente carrega as cargas uns dos outros: Sara, Eliane, Marília, Virgínia, Jaqueline, Joyce, Sandra (minha irmã querida), Rachel, Valerinha, Cleide e Cristina.

“A família, divinamente instituída, é o ponto de origem por excelência, o nó vital de toda a existência individual, assim como o ambiente mais favorável ao desabrochar e ao desenvolvimento normal do ser humano. É, ao mesmo tempo, a célula inicial de toda a verdadeira sociedade, o fator principal de sua riqueza, a mais segura garantia de sua prosperidade na ordem e na paz”. (Heber Orcalino Silva)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo principal analisar as transformações das funções parentais nos atendimentos psicoterapêuticos clínicos conjuntos pais-criança, buscando ressaltar os impasses nestas funções, a partir de uma leitura psicanalítica e sócio-histórico-cultural. Neste sentido, a família que atualmente se apresenta, configura-se de formas diversas (famílias recompostas), sendo que é sobre a própria criança e o vínculo de filiação que repousa a continuidade familiar. Há crises substanciais nas relações, principalmente quanto à função paterna, decorrendo crises das referências simbólicas, bom como há uma crescente maternalização na família que se torna horizontal e fraterna, contrapondo-se ao modelo de outrora, onde na verticalidade predominava o patriarcalismo. Foram analisados três casos clínicos, a partir da psicopatologia infantil na primeira infância e o método empregado tanto para a realização da pesquisa quanto para análise dos resultados foi o método psicanalítico. A partir de analisadores elencados de cada caso clínico, dados importantes foram construídos em relação aos impasses vividos pelos pais na contemporaneidade tais como: o esvaziamento e o deslocamento das funções parentais associados ao individualismo e desamparo, marcas atuais fundamentais do sujeito contemporâneo; sentimentos de insuficiência dos pais associados ao simulacro e a uma maneira masoquista de relacionar-se com o outro; o uso de um mecanismo psíquico defensivo denominado incorporação, a partir do qual a desafetação e o rebaixamento da capacidade reflexiva, crítica e elaborativa se fazem presentes; o uso de mecanismo de cisões, como maneira de lidar com a angústia do real e da dor; a utilização de um saber formal no relacionamento com seus filhos, contrapondo-se ao saber vivencial e a concepção dos sintomas infantis como reativos às neuroses dos pais mediante elementos inter e transgeracionais.

Palavras-chave: funções parentais; psicanálise; contemporaneidade.

ABSTRACT

This research had as its main objective analyse parental functions transformation in the clinical psychotherapeutical visits by both parent and child trying to stress the impasses in this functions, from a psychoanalytical and from a social cultural history. The family that is presented lately is shown in many different ways (reconstituted families) and it is upon the child and its tie to the parents, that rests the family continuity. There are substancial crises in the relations, mainly towards the father function, where crises of the symbolic references happens, as well as a growing mother centered family, which becomes horizontal and fraternal, going against the old model, in which we saw a vertical way with father centered families. Three clinical cases were analysed, from the infants psychopatology in the first infancy and the method used both for the development of the research and the analysis of the results was the psychoanalytical method. From the related analysts in each clinic cases, important datas were built upon the impasses experienced by comtemporary parents as: the parenting emptying and change of location, associated with individualism and loneliness, which are fundamental marks of the comtemporary subject; also feeling of insufficiency of parents associated to the simulacrum and with a masochistic way of relating to each other; the use of a psychic defensive mechanism denominated incorporation in which the lack of affection and the lowering of the reflexive, critycal and ellaborative capacity are present; the use of a mechanisms of splitting as the way of dealing with the agony of the real and of the pain; the use of a formal knowledge in the parent and child relationship against the everyday knowledge and the conception of the child symptoms as reactive to the neurosis of the parents by inter and transgeracional elements.

Key-words: Parental functions; psychoanalysis; comtemporary

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	17
2 – OBJETIVOS	26
3 - CRISE DA FUNÇÃO PATERNA	27
4 - FUNÇÕES PARENTAIS E FORMAÇÕES DE SINTOMAS	36
5 - FORMAÇÕES DO SUJEITO E DA FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE	54
5.1 - A família na contemporaneidade	71
6 - METODOLOGIA	80
7 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	84
7.1 – Caso 1: Mariana, a mãe de Joel	84
7.1.1 - A aceleração e a agitação e Mariana: o colo vazado	87
7.1.2 - Suas lamúrias e infantilidades	89
7.1.3 - A aproximação de Mariana em relação a Joel: o padrão de ensino-aprendizagem	91
7.1.3.1 - Do menino furacão ao menino robô	94
7.1.3.2 - A inexpressividade de Mariana: a mãe robô	96
7.1.3.3 - Vazio, solidão e desamparo: comida, brinquedos e escolas	97
7.1.3.4 - A mãe como babá	99
7.1.4 - Diálogos travados	100
7.1.5 - O corpo a corpo, a massagista, o toque	104
7.1.6 - Mariana como filha: o lugar da desgraça e a identificação com Joel	106
7.1.6.1 - A menina invejosa	112
7.1.7 - Relação de poder/erótica da mãe com Joel	114
7.1.8 - O excesso e a fragmentação	116
7.1.9 - A relação marcada pela violência, agressividade e rivalização	120
7.1.9.1 - O pacote entregue	123
7.1.10 - Criatura X Filho	125

7.2 – Caso 2: José Paulo e Sandra, pais de João Vitor	129
7.2.1 - A família sorriso: o sorriso escondendo a palavra, a angústia, a dor	132
7.2.2 - O pai desistente	135
7.2.2.1 - O menino atropelador – o filho papaizinho	142
7.2.3 - O papai que é mamãe	147
7.2.3.1 - O papai é preto e branco? O papai é sem cor?	149
7.3 – Caso 3: Cássio e Vanda, pais de Amanda e Rebeca	153
7.3.1 - Do sintoma e da constipação das palavras e afetos, às palavras faladas	159
7.3.1.1 - A fragmentação, a agressividade e a rivalização	165
7.3.2 - Mamãe e suas crianças	174
7.3.2.1 - Rebeca e Amanda: as irmãs gêmeas da mamãe	177
7.3.2.2 - O menino da mamãe	179
7.3.3 - O papai e suas crianças	182
8 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	185
8.1 - O esvaziamento e o deslocamento das funções parentais: a função materna e a função paterna	185
8.2 - Os sintomas como reativos às neuroses dos pais, a intergeracionalidade e a transgeracionalidade	196
8.3 - O mecanismo de incorporação	199
8.4 - O sentimento de insuficiência, o masoquismo e o simulacro	204
9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	212

“Grave seu nome em corações e não em mármore”

C. Spurgeon

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende refletir sobre as transformações das funções materna e paterna em atendimentos clínicos da primeira infância com quadros de transtornos psíquicos. A partir desta leitura clínica, tem como proposta fazer também uma leitura sócio-histórico-cultural numa interlocução com autores de outras disciplinas, na tentativa de uma compreensão mais ampla das condições das posições parentais contemporâneas.

Nos atendimentos clínicos no trabalho conjunto dos pais com seus filhos, pude observar uma grande precariedade e fragilidade no exercício das funções materna e paterna. A questão que se coloca é, porque isto está se dando de forma tão acentuada em nosso tempo. Porque hoje os pais não conseguem mais pensar sua própria criança e porque se encontram tão esvaziados de suas funções.

Desde 1996, quando realizei um levantamento estatístico dos atendimentos infantis em triagem psicológica, na instituição onde trabalho, constatei um elevado número de procura para atendimento para crianças (0 – 10 anos) e cada vez mais, para crianças mais novas, na faixa etária de 0 a 5 anos (Perfeito & Melo, 2006).

A mídia tem abordado freqüentemente as mudanças que vem ocorrendo na maternidade e na paternidade, bem como na masculinidade e na feminilidade assim como trabalhos de pesquisa têm sido realizados.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o total de mulheres chefes de família cresceu quase 30% na última década e o número de famílias

tradicionais (compostas por pai, mãe, filhos) encolheu 11%, e somam-se às estatísticas o aumento do número de separações judiciais e divórcios, onde são freqüentes os casos de mulheres que assumem sozinhas a responsabilidade dos filhos (Bemfica, 2004).

Estes dados confirmam e revelam acerca das mudanças nas configurações familiares e nas relações familiares, nos hábitos sociais, bem como apontam para o que muitos profissionais das ciências humanas tem chamado de “crise da função paterna” ou o “declínio da função paterna”.

A função paterna está atribuída a princípio ao pai e representa a oportunidade que o bebê tem de conhecer novas relações e novos elementos do mundo. Simbolicamente o pai vai tirando do colo materno a criança e apresentando possibilidades de crescimento. Garante também junto à mãe uma presença amorosa, a partir da qual ocorre sustentação para que a mãe cuide de seu filho.

Cabe à mãe dentro de sua função materna estabelecer uma relação com o seu bebê onde ela seja capaz de conter com sua mente, os sentimentos de seu filho e com tranquilidade dar-lhes significado e sentido. O início da vida é acometido por terrores, medos e angústias e é conferido à mãe ser receptiva, compreensiva, acolhedora de todos os afetos de seu bebê, recebendo-os e transformando estes afetos de maneira a livrar este bebê de vivências tão intensas e incompreensíveis.

Se a função paterna está intimamente relacionada também ao exercício da função materna e há crises no exercício destas funções, é possível que haja também muitas alterações nas relações familiares e prejuízo nas condições necessárias para um desenvolvimento saudável de uma criança.

Muito têm sido discutido acerca das tendências atuais da demanda na clínica do casal e da família, as transformações sociais ocorridas nas ultimas décadas e suas conseqüências para a dinâmica da família e do casal assim como as novas configurações conjugais e familiares juntamente com a influência de macrovariáveis como a urbanização, a industrialização e a sociedade de consumo na vida familiar e na determinação da rotina diária das crianças e seus efeitos no desenvolvimento da infância. (Feres, 1998; Simionato & Biasoli, 1998; Souza, 1997)

São muitas as pesquisas nesta área e muitos aspectos e fatores que interferem no exercício das funções paterna e materna. Qual seria o peso destas transformações, destas novas configurações familiares no adoecimento infantil? Como os pais têm vivido e quais seriam as condições de fragmentação e de impasse ou porque eles se destituem de suas funções? Embora o campo de análise seja muito vasto em relação a estes fatores e aspectos é preciso fazer um recorte para pensar mais aprofundadamente sobre o prisma do universo psicológico, sabendo que este também está imerso nas mudanças e transformações atuais. Cada época produz determinados sintomas que são o reflexo de toda conjuntura social, econômica, relacional e familiar.

Mas será que o incremento da conflitiva infantil se deve ao incremento da conflitiva paterna? Qual seria, então, a importância dos conflitos parentais na constituição da demanda por atendimento psicoterapêutico da criança?

“Na nova ordem social, a mãe e o pai buscam um lugar no mercado de trabalho e um lugar para os seus filhos nas instituições ou o cuidado de terceiros (babá, empregada, avó, etc..). Desde muito cedo, as crianças são enviadas para creches ou hotéis-escola para que possam ser cuidadas ou deixadas durante um período longo de tempo com pessoas que

cuidam sem assumir de fato a maternagem. Soma-se a isso, as mudanças ainda em andamento, nos papéis masculino e feminino dentro da organização familiar e social.” (Perfeito & Melo, 2004).

Pude observar na prática clínica um grande distanciamento na díade mãe-criança, do universo adulto e do universo infantil, uma insensibilidade quanto às necessidades infantis e grandes dificuldades na comunicação. Em contrapartida a isto, a busca cada vez mais freqüente por um profissional Psi, o qual fica sendo o depositário de todo o conhecimento e capacidade de cuidar da sua criança, a despeito de si própria.

Embora este seja um fenômeno que ocorra nos atendimentos psicológicos onde o paciente imagina que o psicólogo tem magicamente a solução de seus problemas ou ainda que seja um desconhecimento dos processos terapêuticos, não exclui o fato citado acima, onde os genitores se colocam alheios a todo o processo relativo a seus filhos, como se deles não fizessem parte. Ou seja, a deposição das funções parentais vem aumentando em nossa época.

Com o incremento do atendimento conjunto pais-criança, estas questões ficaram em clara evidência. Acentuou-se a pergunta: Por que a incapacidade dos pais em pensar sua própria criança? Por que a criança é tão desconhecida a seus pais? De onde vem tanta impotência?

Ao levantar as características epidemiológicas e clínicas da população infantil atendida durante 3 anos (2000 a 2002), pude realizar 139 psicodiagnósticos, os quais receberam classificações segundo a Classificação de Transtornos Mentais (CID 10). Dos 139 casos analisados, 109 receberam classificações relacionadas a problemas ligados ao suporte familiar e ambiental, apontando assim para a precária situação psicológica familiar. Destes

109 casos, 34 deles receberam também outra classificação em transtornos mentais ou comportamentais propriamente ditos, expressando assim conflitos relacionados às suas condições intrapsíquicas, além da classificação ligada ao ambiente familiar, expressando as condições intersíquicas. (Perfeito & Melo, 2006).

Este trabalho epidemiológico confirma o trabalho clínico, dentro do qual estas questões já vem sendo trabalhadas nos atendimentos conjuntos, com uma leitura muito singular e própria de cada família que se apresenta em seu próprio modelo, com sua própria forma de articulação.

As teorias já apontam para esta questão, como Freud (1910/1976) nas séries complementares ou na obra de Winnicott (1980) onde ele diz que muitas mães e pais não podem prover condições suficientemente boas no momento do nascimento da criança por causa de desajuste social, familiar ou pessoal. E ainda discute em toda a sua obra sobre a relação da mãe com sua criança. Há uma grande ênfase na relação, no aspecto intersíquico.

No desenvolvimento deste trabalho estarei discutindo nos capítulos seguintes sobre as posições de algumas escolas psicanalíticas tanto quanto a formação de sintomas quanto ao processo de subjetivação, no que se refere à dialética do inter/intrasubjetivo bem como da leitura onde as demandas e o inconsciente parental estão atrelados à sintomatologia infantil, como um fator vinculado.

Esta posição é imprescindível para compreensão do que está se dando hoje na clínica sintomatológica infantil. Compreender as modificações manifestas a respeito da relação. Talvez se compreendendo o que tem sido a relação, conseqüentemente se desvende o que

tem ocorrido na ordem da função, pois são processos imbricados e intimamente relacionados.

Em um primeiro momento, enquanto eu trabalhei dentro de uma abordagem Kleiniana, os pais eram deixados longe do atendimento, onde o que era enfatizado recaía sobre as fantasias inconscientes, cujo trabalho seria suficiente para provocar mudanças no meio familiar. Qualquer tentativa de entrada dos pais era considerada como invasão do espaço da criança e transtornos na relação transferencial com o psicoterapeuta.

Em um segundo momento, deixei de usar a caixa lúdica e tudo o que significava de representativo do mundo interno da criança para o uso de um armário de uso coletivo. A partir daí a presença dos pais também se tornou parte importante do processo psicoterapêutico e algo da concepção de trabalho que inicialmente era vinculada somente ao intrapsíquico, tomou uma nova direção de entendimento. A compreensão dos sintomas como originário de fantasias inconscientes, mas também vinculado às relações estabelecidas na família e especialmente aos primeiros vínculos.

A presença dos pais nos atendimentos evidenciou aquilo que nunca estivera presente antes de maneira tão contundente e maciça, ou seja, os conflitos da relação e a força das histórias paterna e materna sobre a história da própria criança.

Os sintomas inscritos no corpo da criança, ao mesmo tempo em que pertencem a ela também espelham outras questões subjacentes ao âmbito familiar, especificamente às figuras parentais. Não está isolado em si mesmo circunscrito por questões pessoais e individuais, mas é o emergente de todo um contexto mais amplo. Cabe pensa-lo junto à história familiar, junto a seus pais numa perspectiva intergeracional e dos seus pais com

seus próprios pais, ou seja, os avós, numa perspectiva transgeracional (Lebovici, 2000 citado por Solis-Ponton, 2004).

Pesquisar sobre as funções parentais implica em analisar como uma mãe e um pai tem introjetados em si mesmos as funções materna e paterna, pois isto advém de sua própria história de vida, relacionada com os seus pais e o quanto a posição ocupada por cada um do casal parental é determinante ou não de um sintoma e em que grau isto ocorre.

Por outro lado, a criança em suas condições físicas e emocionais também está intrinsecamente relacionada a um processo denominado parentalização (Solis-Ponton, 2004), pois ajuda os pais a se tornarem seus pais. É uma relação complexa que depende não só dos pais mas também da criança com toda a sua potencialidade emocional, afetiva, física e cognitiva. As respostas que a criança dá a sua mãe e a seu pai e as trocas afetivas na relação são importantes neste processo de parentalização, no tornar-se pai e no tornar-se mãe.

Além destas questões intrínsecas à própria família, farei também uma análise segundo o vértice sócio-histórico-cultural, sobre as patologias atuais, narcísicas, sobre o individualismo, o hedonismo, na tentativa de relacionar as características e as transformações que estão ocorrendo na contemporaneidade de maneira mais ampla, a qual atinge o indivíduo e certamente o universo familiar, principalmente no que diz respeito aos ideais de eu.

Na psicopatologia infantil sintomas relacionados a fala tem chamado atenção. Crianças que não falam, embora tenham o aparelho fonoaudiológico perfeito, crianças com gagueira ou que falam como máquinas isoladas em disparada, tresloucadamente, tem sido um retrato clínico atual. Será que estes sintomas são o reflexo de toda a conjuntura social, relacional e

familiar? Refletem a falta de comunicação, a superficialidade das relações e o isolamento em que vivemos? E de que forma estas questões atravessam os pais no desenvolvimento de suas funções? E a aquisição da linguagem que está relacionada à ordem simbólica, que advém da função paterna a qual introduz o sujeito na cultura, socializando-o?

Vivemos em tempos de crises que levam a situações de impasses, de transições. Um ponto importante que se levanta é que para se conviver com crianças psiquicamente perturbadas, necessita-se de condições mínimas de tolerância e continência, de palavras, de significância e de história e se já há uma condição sabidamente prejudicada na relação dos pais em suas funções parentais (materna e paterna), como considerar o trabalho analítico com estes sujeitos, que imersos numa conjuntura sócio-histórico-cultural incrementam ainda mais as circunstâncias de fragmentação, individualismo e falência das narrativas (ato substituindo palavras). Como pensar as funções paterna e materna, dentro de circunstâncias já inseridas a formações filiais psicopatológicas dentro desse contexto histórico?

A família não está destacada do contexto em que se insere e o próprio contexto atual (sócio-histórico-cultural) guarda profunda semelhança ao modo de funcionamento das funções parentais.

Há muitas questões a serem respondidas e que talvez não encontrem respostas fechadas e sim mais perguntas a serem abertas neste vasto e complexo campo das relações humanas.

Além da tentativa de abordar acerca das transformações nas funções parentais e produzir teoria a partir dos dados clínicos e da cultura, a relevância desta pesquisa se dá também no caráter interventivo, visto que é uma pesquisa-ação, levando os pais a refletirem sobre o seu relacionamento com sua criança, na situação-problema, nas vivências pessoais emocionais conflitivas ou não e na família como um todo. Esta forma de pesquisar e atuar é

uma forma de gerar conhecimento e ampliando o conhecimento acerca de si, do outro e das relações entre os membros familiares poderá constituir uma maneira de promover mudanças e transformações.

Ao mesmo tempo em que gera um conhecimento mais ampliado, muda o foco acerca da deposição, tanto em relação à criança quanto ao profissional psi, colocado pelos pais no lugar do suposto saber. Se inicialmente, a deposição é em cima do sintoma da criança e ela é a portadora do problema, do sintoma ou da doença, posteriormente, poderá haver uma diluição, estendendo a problemática para um campo maior, o campo das relações familiares. Ao mesmo tempo há que se analisar as condições mentais de todos os membros envolvidos, não somente focado para um membro, como se este estivesse em uma posição destacada da família, numa posição já há muito definida como bode expiatório, aquele que leva toda a carga, a culpa por todos.

Pode também, favorecer a reflexão da parentalidade contemporânea na medida em que explicitará os elementos clínicos e culturais que tem interferido no desenvolvimento das funções parentais, reflexão esta que me parece de grande importância no momento e com uma repercussão relevante sobre a família na atualidade.

Aprofundar o conhecimento sobre todas estas questões é um passo fundamental para a transformação de algo que é primordial para o desenvolvimento humano, a relação primária da criança com seus pais e conseqüentemente a saúde mental.

2 - OBJETIVOS

Objetivo geral:

Analisar as transformações das funções parentais nos atendimentos clínicos conjuntos pais-criança a partir da psicopatologia infantil na primeira infância e das mudanças sócio-histórico-culturais da pós-modernidade.

Objetivos específicos:

Refletir sobre as funções parentais a partir de proposições teóricas psicanalíticas;

Discutir e analisar nos casos clínicos, as relações entre posições parentais e sintomatologia infantil;

Refletir acerca das subjetividades contemporâneas segundo uma leitura interdisciplinar sócio-histórico-cultural e articulá-las às transformações da família na atualidade;

Analisar como as funções parentais se estruturam no contexto contemporâneo.

“O que o pai calou aparece na boca do filho, e muitas vezes descobri que o filho era o segredo revelado do pai”.

Nietzsche

3 – CRISE DA FUNÇÃO PATERNA

Para entendermos um pouco da crise em relação à autoridade paterna, há que se compreender também acerca da história da família e sua evolução nos tempos. Para isto, Roudinesco (2002), historiadora e psicanalista, faz uma análise detalhada desta ao longo da literatura dos últimos séculos.

A autora cita três grandes períodos na evolução da família: a família tradicional, numa primeira fase; na segunda fase, a família moderna, a qual deixa de ser conceitualizada como paradigma de um vigor divino ou do Estado e a família contemporânea ou pós-moderna, constituída a partir dos anos 1960, sendo caracterizada como a família mutilada de hoje.

Na família tradicional, os casamentos são arranjos e servem para assegurar um patrimônio e “a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino” (Roudinesco, 2002, p.19).

A moderna (século XVIII e meados do século XX) é fundada no amor romântico, dentro de uma lógica afetiva, com divisão de trabalho entre o casal, cabendo ao Estado a educação do filho. Neste sentido, a autoridade fica dividida entre o Estado e os pais, de um lado e entre os pais e as mães de outro.

Já na família contemporânea, há a união de dois indivíduos com uma duração relativa, onde a transmissão da autoridade torna-se problemática, à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam.

O declínio da posição do pai vem se dando a quase três séculos, de uma posição paterna originalmente tida como encarnação familiar de Deus e senhor das famílias (o pai dos tempos arcaicos) para uma posição atual de uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico e individualizado. (Roudinesco, 2002)

A autoridade do pai dos tempos arcaicos (anterior ao século XVIII) é qualificada como se fosse de um rei em sua própria casa, imitando na política, o governo dos homens; este pai era revestido de tal poder, podendo ser compreendido em sua dimensão por um costume francês denominado “lettres de cachet”, o qual permitia a um pai enviar à prisão um filho rebelde. E embora este poder tenha se transformado ao longo dos séculos seguintes, “a dominação do pai permaneceu constante até o final do século XIX, a despeito da grande ruptura da Revolução de 1789 ” (Roudinesco, 2002, p.29).

Com a queda da monarquia, o poder paterno também se vê relativizado, mas é reinvestido de outra forma, ou seja, na vida econômica e privada, de pai divinizado ao pai da sociedade burguesa, o patriarca do empreendimento industrial e há mudanças também no lugar da mulher, a qual vai gozar de uma maior liberdade dentro do lar, ou seja, se outorga um lugar considerável à mãe e a maternidade.

O pai burguês deverá assimilar a vida privada e a de trabalho, a família biológica e a família econômica, sabendo impor o seu poder dentro deste ambiente doméstico (que é familiar e ao mesmo tempo econômico) e impondo limites também ao exercício da onipotência feminina, sejam mães ou mulheres misturadas.

O poder do pai burguês está associado então, ao seu patrimônio e é a tradução de seu poder simbólico, sendo que seus herdeiros só podem ter acesso a este status com a sua morte, repetindo assim o destino dos pais, assim como as filhas repetiriam o destino das mães. (Roudinesco, 2002).

Segundo Roudinesco (2002), ao longo do século XIX a autoridade paterna foi incessantemente revalorizada, embora em alguns lugares da Europa tenha sido rompida, dividida, fragmentada e laicizada, pois o poder do pai divinizado sendo substituído por um pai mais real e familiar, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos não podiam mais ser ilimitados, abrindo assim um caminho para emancipação das mulheres e das crianças.

Conjectura também que a sociedade européia viveu no fim do século XIX um terror em relação à irrupção do feminino e à obsessão pela supressão da diferença sexual e que Freud reinventou Édipo para responder racionalmente a isto, restabelecendo simbolicamente as diferenças necessárias à manutenção de um modelo de família que se temia estivesse desaparecendo, atribuindo ao inconsciente o lugar de soberania perdido pelo pai outrora divinizado.

A reinvenção de Freud da peça grega de Sófocles diz respeito a uma mudança, pois na tragédia o assassinato do pai precede o incesto, mas para Freud o que conta é a história do filho culpado de desejar sua mãe e de querer assassinar seu pai. Ele toma o mito de Édipo e formula uma nova concepção familiar, inscrevendo a família em uma nova ordem simbólica, dentro de uma conjuntura histórica específica e projeta em Édipo a universalidade possível de uma estrutura psíquica. “o mito e a tragédia investem o campo dos sofrimentos imaginários ” (Roudinesco, 2002, p.62).

Édipo será portanto culpado não de *ter* cometido um assassinato, mas de *ser* um sujeito culpado de desejar sua mãe. Culpado de ter um inconsciente, Édipo se torna então, na interpretação freudiana, um neurótico *fin de siècle*, culpado de seu desejo, escriturário de suas fantasias. (Roudinesco, 2002, p. 62).

A partir de um modelo mítico, Freud então, explica a relação familiar fundante da constituição da subjetividade e da sexualidade, sob uma perspectiva afetiva e romântica, inserindo dentro do próprio contexto familiar os conflitos entre homens e mulheres, mães e pais, filhos e filhas, recentrando a antiga ordem patriarcal, já derrotada, em torno da questão do desejo, onde agora, está toda a ordem do poder (Roudinesco, 2002) submetendo o sujeito aos seus desejos inconscientes.

A concepção freudiana da família, como paradigma do advento da família afetiva, apóia-se em uma organização das leis da aliança e da filiação que, embora instituindo o princípio do interdito do incesto e da perturbação das gerações, leva todo homem a descobrir que tem um inconsciente e portanto que é diferente do que acreditava ser, o que o obriga a se desvincular de toda forma de enraizamento. Nem o sangue, nem a raça, nem a hereditariedade podem doravante impedi-lo de alcançar a singularidade de seu destino. Culpado de desejar sua mãe e de querer assassinar seu pai, ele se define, para além e aquém do complexo, como o ator de um descentramento da subjetividade. (Roudinesco, 2002, p.89).

A sexualidade que até então era socialmente reprimida, será então admitida, coadunando com um movimento da sociedade de emancipar o sexo das coerções corporais e penais impostas nos séculos precedentes, fazendo do indivíduo livre o depositário de suas próprias punições interiorizadas e este é obrigado a se submeter à lei de um logos separador

interiorizado (lei do Pai) e não mais submetido à tirania patriárquica. A família autoriza-o a entrar em conflito com ela mesma e é no Édipo que se instauram ao mesmo tempo, rebeldia, culpa e restauração da autoridade, figuras indispensáveis à ordem familiar. (Roudinesco, 2002).

É no Édipo que se institui a instauração do animal humano na sexualidade humana com determinadas leis e proibições, as quais advêm das imagos parentais, com identificações e com a castração, operação simbólica constitutiva da diferença sexual.

Através da psicanálise, muitas transformações são operadas na família e na sociedade no final do século XIX e principalmente ao longo do século XX (contribuindo também para a eclosão de novos modos de parentalidade no seio da família afetiva), “impulsionada pela industrialização, pelo enfraquecimento das crenças religiosas e por uma diminuição cada vez mais intensa dos grandes poderes autocráticos, teocráticos, monárquicos” (Roudinesco, p.93).

No modelo edipiano, há uma nova organização familiar:

(...) que repousa em três fenômenos marcantes: a revolução da afetividade, que exige cada vez mais que o casamento burguês seja associado ao sentimento amoroso e ao desabrochar da sexualidade feminina e masculina; o lugar preponderante concedido ao filho, que tem como efeito maternalizar a célula familiar; a prática sistemática de uma contracepção espontânea, que dissocia o desejo sexual da procriação, dando assim origem a uma organização mais individual de família. (Roudinesco, 2002, p.96).

Nesta nova ordem simbólica, os lugares ocupados pelos membros de uma família antes imutáveis e rígidos, agora são cambiáveis e flexíveis e segundo Roudinesco (2002), até 1970, “esta nova ordem foi o receptáculo de uma evolução da sociedade que homologou o declínio da função paterna em favor de uma autoridade parental dividida” (Roudinesco, p.102). E a partir deste ano (1970) a expressão chefe de família é eliminada da lei francesa, caindo definitivamente a noção de poder paterno, o qual será dividido com a mãe, tornando a família, então, a partir daí, co-parental.

Tanto a psicanálise quanto duas outras disciplinas, a sociologia e a antropologia, propuseram “pensar o declínio do poder paterno, mas sem com isto destruir a estrutura capaz de mantê-lo sob uma forma cada vez mais abstrata” (Roudinesco, 2002, p.106).

Sob a ótica sociológica, a construção da família nuclear repousa na contração da antiga organização patriarcal e esta família nuclear tende a se reduzir à medida que as relações sociais se estendem e o capitalismo se desenvolve (tendo como consequência o individualismo) e o pai é reduzido a uma abstração, pois é a família e não ele que se encarrega dos conflitos privados (Durkheim, 1892, citado por Roudinesco, 2002).

Durante todo o século XX, há uma crescente maternalização da família e a criança passa a ser o centro, a relação entre a mãe e o filho torna-se primordial (evidenciado nas teorias psicanalíticas Kleiniana e Winnicotiana) e o pai o suporte da autoridade materna.

Na obra de Freud, Lacan e dos psicanalistas de maneira geral as noções de função materna e paterna serão largamente abordadas e discutidas. A mãe não só é aquela que nutre mas também desperta no bebê sensações físicas agradáveis e desagradáveis; é o primeiro objeto de amor, “o protótipo de todas as relações amorosas posteriores” (Freud, 1938).

A relação inicialmente dual da mãe com seu bebê é eminentemente narcísica e se dá em um campo imaginário, onde o que domina nesta etapa é a identificação do bebê à imagem do outro materno, sendo que nesta relação binária, de fascinação imaginária e sem saída a princípio, um elemento terceiro (função paterna) que pertence ao campo simbólico deverá intervir para que o desenvolvimento do sujeito e para que sua entrada na vida se dê. Este elemento terceiro a criança encontra desde o nascimento quando entra em um mundo em que reina uma ordem de cultura, de lei e de linguagem, envolvendo assim o sujeito na ordem simbólica. (Mannoni, 1983).

Encontramos também em Dolto (citado por Ledoux, 1991) uma leitura semelhante quando ela diz que o eu é inicialmente um outro e que as determinações do sujeito vem de fora. É na relação com o outro que se situa a trama de sua existência precoce e nos primeiros dias o bebê extrai sua identidade da mãe, mas que além deste papel fundamental da mãe, o pai como um terceiro entra e é essencial que ele interfira nesta díade, pois a criança só se desprenderá do corpo da mãe e se distinguirá deste, através de uma terceira pessoa.

O pai será aquele que deverá barrar a mãe, sem ele a criança poderia ficar presa a um vínculo imaginário incestuoso com uma mãe infantil. Ele encarna a lei da proibição do incesto e através dele a criança desenvolve-se num corpo de homem e mulher ouvindo uma voz diferente associada à da mãe. É portador e dinamogênico para a díade mãe-filho em relação às castrações que impõe e é aquele que inscreve a criança na sociedade, enraizando-a numa história e numa filiação (Dolto citado por Ledoux, 1991).

A função paterna está para além deste pai homem, de existência real (mas também representante da lei simbólica), pois esta função deverá estar introjetada no agente materno.

O pai no inconsciente da criança, também depende do pai da mãe, da atitude inconsciente arcaica da mãe em relação a seu pai, e das relações dessa mulher com seus irmãos varões, com os homens e com o pai de seu filho. Também a mãe está ligada ao sobrenome de um homem, a sua força geradora. (Ledoux, 1991).

Folberg e Reck (2002) em seu trabalho sobre o declínio da função paterna e a dialética da simbolização destacam a importância desta função no registro do psiquismo humano e as possibilidades decorrentes deste declínio para o processo de simbolização. A partir de uma leitura lacaniana, analisa os três tempos do Édipo: o primeiro sendo caracterizado no assujeitamento da criança à mãe numa relação especular e identificada com o objeto de seu desejo; o segundo tempo, aquele em que o pai entra, privando a mãe do objeto fálico e consequentemente privando a criança do objeto do seu desejo, etapa importante que possibilita a esta identificar-se com a lei que lhe garante ter acesso à dialética do ter e a ver o pai mediante uma nova significação, a partir do momento em que ele ocupa o lugar de ser objeto do desejo da mãe, ou seja, a mãe tem outros interesses na vida que não o seu próprio bebê; e o terceiro momento onde o pai intervém como aquele que detém o falo (o objeto desejado), momento que assinala a instalação do Ideal de Eu, lugar de passagem do registro do ser ao ter, onde a criança se identifica com aquele que tem o falo, aceitando a castração, em busca de outra coisa além da mãe.

É muito importante este momento para estrutura do sujeito na medida em que ele se percebe incompleto, mas com possibilidades de buscar o que lhe falta, estabelecendo objetivos e perspectivas futuras em termos de um ideal a ser perseguido. Isso representa buscar o que lhe falta,

estabelecer objetivos e metas, pensar, criar, ou seja, sair do estado de onipotência e indiferenciação. (Folberg & Reck, 2002, p.97).

Através do processo de simbolização, que se instaura desde as primeiras relações, plenas de simbolismo e da função simbólica na relação dual, é preciso que um terceiro (função paterna) opere um corte, um limite nessa relação, possibilitando um ordenamento diferenciado à criança que passará a ter seus próprios desejos (não mais alienada a sua mãe), a partir da falta instaurada, desenvolvendo assim a criatividade, o pensamento. “Na medida em que a função paterna oportuniza o espaço da falta, também abre espaço para esse olhar de incompletude e de busca por um ideal” (Folberg & Reck, 2002, p.99).

Segundo estes autores, o fracasso da função paterna não possibilita uma diferença, um reconhecimento de incompletude e, nessas condições, o sujeito encontrará dificuldades para buscar o que lhe falta, pois nada lhe falta e se não há castração simbólica, não existirá falta e, portanto, não há o que criar. “Há uma marca de onipotência e narcisismo que inviabiliza as trocas e os projetos que constituem os ideais de existência futura” (Folberg & Reck, 2002, p.98).

“O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente”. Mário Quintana

4 - FUNÇÕES PARENTAIS E FORMAÇÃO DE SINTOMAS

A existência de uma criança e a sua formação psíquica está sempre em dependência de um outro ser humano responsável e cuidador para que ela possa sobreviver fisicamente e psicologicamente. Desde Freud, a noção de desamparo original nos é preciosa, sendo que o sujeito humano nasce não acabado e originalmente um bebê (o *infans*, aquele que não fala e não é capaz de contar sua própria história, a não ser a partir de um Outro) só se torna humano quando alguém o reconhece como tal (Celes, 2004; Jerusalinsky, 2002).

A priori, não há uma estrutura psíquica definida, sendo que este tempo inicial de vida é de extrema relevância e fundamental na constituição desta, pois é nele onde se efetuam as primeiras inscrições certamente advindas deste outro cuidador.

O corpo de um bebê é um suporte silencioso, o qual associado às representações de outro ser humano (na função materna e paterna), será subjetivado mediante uma condição humana linguageira. “o corpo do bebê representa a via real de acesso aos processos de simbolização, de subjetivação, de semantização e de semiotização na espécie humana.” (Golse, 2004, p.21).

Quando a criança está dentro da narrativa de um outro (simbolização), ela poderá ter acesso à própria palavra (semiotização) no lugar de um sujeito que se distancia do outro, se deslocando e se desprendendo do desejo parental.

Para se apropriar da linguagem e do pensamento, o bebê precisa de seu corpo, de seu ambiente (físico, histórico e social) e de sua própria inscrição na história mediante a filiação materna e paterna, perante a qual haverá algo próprio seu a ser construído, a singularização (Golse, 2004).

A singularização se dá a partir de um complexo processo o qual Julieta Jerusalinsky (2002) descreve com perspicácia e que só nos damos conta de sua complexidade, quando algo falha, quando há um transtorno seja ele psicossomático ou emocional. Relata ainda que as aquisições de uma criança não se dão somente pelo processo maturacional e desenvolvimental, mas sim atreladas às demandas do outro materno.

O conceito de Outro é um conceito Lacaniano onde se situam as coordenadas simbólicas referentes à linguagem, às leis, à cultura, aos valores e desejos presentes no Outro primordial, um outro encarnado na figura de um pai, mãe, avó, instituição, a história familiar atual e de seus antepassados, o universo lingüístico ou outro qualquer responsável então pelo advento do sujeito. (Fernandes, 2000).

Um bebê já é falado desde antes de seu nascimento e sua história já o antecede antes que ele surja como pessoa física. Ele já é sonhado e falado por este Outro inserido em um contexto também real, simbólico e imaginário, onde presente, futuro (antecipação) e passado (desejos inconscientes e narcisismo dos pais) estão conjugados.

Jerusalinsky (2002) descreve sobre os três registros temporais importantes para que um bebê se desenvolva física e psiquicamente. O registro real neurofisiológico, o registro imaginário (das relações narcísico interpessoais) e o registro simbólico (da lei enquanto estruturador psíquico que instaura proibições e permissões para o sujeito e que rompe com a natureza enquanto ser de necessidades somente, mas que segue em direção aos desejos),

sendo que a maturação e o desenvolvimento de um bebê estão ligados às relações estabelecidas entre estes três tempos.

O registro real do tempo refere-se à maturação neurofisiológica no sentido que existem períodos para determinadas aquisições do bebê e que passados estes períodos, estas se tornam impossíveis. Por exemplo, um bebê não tem todo o tempo para firmar o seu pescoço.

Este registro também dependerá muito do ambiente, pois poderá ocorrer atrasos ou demoras nas aquisições de acordo com o outro, o agente materno. Uma mãe que não tira seu bebê do carrinho ou chiquerinho impedirá que a criança, por exemplo, engatinhe ou demore a fazê-lo. Neste sentido, o meio físico poderá se constituir como facilitador ou não, favorecendo ou não a criança com as potencialidades que lhe são próprias.

Nestes registros temporais, poderá haver um destempo nas produções do bebê associadas aos desejos e demandas parentais capazes de produzir sintomas clínicos. Destempo no sentido antecipado ou atrasado, mas que está relacionado exclusivamente a uma demanda parental sem considerar as condições da criança, tomando-a como um objeto e não como um sujeito (Jerusalinsky, 2002).

Mas existe também um destempo na relação pais-criança que é constitutivo do sujeito, importante no processo de subjetivação. É uma aposta, uma antecipação diante de um real, de algo que virá a ser, é a suposição, de verdade, dos pais, diante de um bebê que não é mas que poderá ser a partir do imaginário parental.

Inerente à função materna, um dos fatores importantes que a compõe está na capacidade que uma mãe terá de interpretar os grunhidos de um bebê, supondo ali uma fala, uma palavra, a partir das falas ainda incompreensíveis e pré-verbais, estabelecendo assim uma

condição comunicante, ao supor no bebê a possibilidade de um ser falante e que compreende. E não só no desenvolvimento da linguagem, mas em qualquer aquisição a ser realizada pelo bebê, ele dependerá de um Outro que produzirá antecipações imaginárias endereçadas a este bebê, erogeneizando as partes do seu corpo, nos cuidados que lhe são dirigidos.

No dizer de Jerusalinsky (2002) o que será constituinte para uma criança será justamente a dialética instaurada pela circulação da demanda do Outro (ligada às antecipações imaginárias) articulada aos diferentes registros de tempo. Neste sentido, quatro operações fundamentais serão exercidas pelo agente materno: a demanda (os pedidos, os objetos de dom e de amor e a inscrição da criança no campo da linguagem); a suposição do sujeito (antecipação); a alternância (no jogo da presença-ausência) e a alteridade que se constitui em um espaço para o bebê ser com a parte que cabe a ele. Todas estas operações devem ser articuladas num mesmo movimento no campo da dialética do desejo materno articuladas a um diferencial próprio da criança.

Em relação ao jogo da presença-ausência, Maud Mannoni e Françoise Dolto, psicanalistas francesas (as quais serão citadas mais adiante), descrevem em suas obras acerca desta operação fundamental, a qual impõe para a criança através da mãe, um ritmo tanto do funcionamento orgânico de seu corpo como para organização pulsional e subjetiva.

“É por meio da alternância entre fome-saciedade, sono-vigília, repouso-atividade, que o funcionamento pulsional do bebê se organiza de acordo com a letra impressa em seu corpo pelo gozo e desejo materno” (Jerusalinsky, 2002, p.157).

No jogo da presença-ausência cria-se um objeto de outro modo (na ausência do Outro), como representação de um elemento simbólico, a partir de algo que não está presente, mas

que já esteve em uma situação já vivida, evidentemente na relação com o Outro materno quando alguns elementos foram erogeneizados.

Este jogo existe desde sempre, quando uma mãe usa de antecipações, ela está dizendo da presença de uma ausência, algo ainda não acontecido, mas que provém de seus desejos imaginários, instalando assim um desejo que se faz presente na sua ausência e que por isto mesmo é o causador e o impulsionador do sujeito a vir a ser.

Quando o desejo do Outro materno não se encontra em posição de fazer demanda, oferecer objetos de dom e de amor ou ainda quando no jogo da presença-ausência não há ritmo, mas sim unilateralidade em um dos pólos, nada se articula em relação ao bebê. Não só há produção sintomática, mas graves quadros psicóticos ou autísticos poderão se instalar.

Unilateralidade em um dos pólos quer dizer presença maciça, sem ritmos, ou ausência maciça. Na presença absoluta poderíamos pensar na relação da criança com o outro materno, na qual ela não tem a ausência da ausência da mãe, relação que a impossibilitará a entrada na condição simbólica (pensar, criar, entrar na cultura), pois se uma mãe é toda para o seu bebê, não há espaço para alteridade e sim para patologias. Na ausência absoluta não há como pensar em ser humano, já que ele se constitui sempre a partir de um outro humano.

Quanto à parte que cabe ao bebê, articulada à função materna, Jerusalinsky (2002) diz que se não há eroginização do corpo de uma criança, ele pode até adquirir aquisições instrumentais (sentar, andar, correr), mas será um funcionamento que excluirá a extensão simbólica, o laço vincular com o Outro e levará esta marca de exclusão na forma como se constituirá psiquicamente.

Quando a ausência materna é modulada e ritmada, ela fornece a segurança da presença para um bebê e não o angustia, mas quando a insegurança materna leva uma mãe a prover

sempre e imediatamente as necessidades de uma criança, retirando dela a dimensão da falta, isto é extremamente angustiante, pois retira a possibilidade do desejo surgir. “Quando o adulto está demasiadamente presente no nível da necessidade, a criança tem dificuldades em fazer-se ouvir no registro do desejo” (Mannoni, 1982, p.61).

Neste jogo da presença-ausência do bebê com o outro materno é que a falta irá se constituir, condição para que um desejo surja.

É somente na falta do objeto que a criança progride para a subjetividade, abandonando assim o estado de a-subjetividade da presença total. Isso significa do lado dos pais a suportarem não continuar a ser tudo em suas relações transferenciais com a criança e que deixem que esta siga em direção à descoberta da diferença (Mannoni, p.58).

O sujeito é constituído no limite da ausência e da presença e ele é a relação da presença e da ausência. O seu nascimento passa pelo desaparecimento do objeto, do qual ele preserva a imagem, sendo que quando a mãe está presente, a imagem desaparece. (Mannoni, 1982).

A autora aponta Freud (1920) no jogo do “fort! da!” quando uma criança de 18 meses tenta superar a ausência de sua mãe, fazendo desaparecer e aparecer um carretel, pontuando a oscilação entre a rejeição e o retorno com um ‘fort’ (desaparecimento) e um ‘da’ (reaparecimento) e segundo Freud a criança se compensava da partida e ausência da mãe, reproduzindo com os objetos a cena do desaparecimento e do reaparecimento. Mannoni enfatiza que de alguma forma o sujeito do “fort! da!” *transforma-se no lugar onde se recortam presença e ausência*. (grifos meus)

A dimensão simbólica da relação mãe-filho aparece neste jogo da presença-ausência, através da *palavra materna, a qual permanece enquanto o objeto real não está presente* (grifos meus) e a criança conserva uma imagem suficientemente tranquilizadora da mãe,

para que possa, no plano real, não morrer com a partida dela. A criança encontra no vocábulo (brincadeira do ‘fort, da’) a mãe simbólica que está para lá da ausência da mãe real (Mannoni, 1982).

Dolto (citado por Ledoux, 1991) enfatiza que a dialética da presença-ausência é vital para o desenvolvimento psíquico, sendo que quando a mãe se ausenta, a criança perde seus referenciais, mas logo os reencontra nos retornos dela e no contínuo do ser. O bebê é capaz de armazenar em sua memória, desde muito cedo, as percepções auditivas e visuais do encontro com as pessoas que com ele se comunicam e esses traços de memória formam uma ponte nos momentos de solidão preenchendo as lacunas na separação corporal. Aquilo que é compartilhado com a mãe e também memorizado imageticamente constitui em si uma presença de um pré-sujeito.

“Se o presente da criança se enraíza nas trocas com uma mesma pessoa, de ausência em presença e de presença em ausência, a criança vai se informando sobre seu ser na solidão” (Dolto, 1981 citado por Ledoux, 1991).

Ocorre assim a idéia de internalização de uma continuidade relacional que se dá após um intervalo de ausência da mãe que é tolerável para a criança, mas que se ultrapassar a isto e a ausência for demasiadamente longa, poderá provocar efeitos dissociativos e regressões traumáticas. O bebê pode experimentar um corte na continuidade de sua existência, organizando assim defesas primitivas contra a angústia vivida. Mas a partir de um quantum tolerável ao bebê na vivência da ausência da mãe, nesta dialética presença-ausência se fundamentará o sujeito (Ledoux, 1991).

Em toda sua obra Dolto dá muita importância à palavra materna, são as palavras que recebemos que doam o viver e são portadoras de presença, reconhecimento e sentido, ordenam, distinguem e presentificam o humanizado.

Toda criança é dotada de função simbólica. Quando a mãe não fala, as percepções da criança cruzam-se apenas com seu próprio corpo, corpo-coisa; ela corre o risco de se fechar em percepções internas, em sensações arcaicas. A criança se humaniza desde o nascimento pelas vocalizações e pela fala da língua materna, símbolos de reconhecimento mútuo. As palavras, portanto, tem uma função de comunicação, de reconhecimento, mas são também instauradoras de sentido e promessas de desenvolvimento. (Ledoux, 1991).

A noção de mãe simbólica em Dolto (citado por Ledoux, 1991), refere-se a uma mãe presente e tranquilizadora, que fala com o seu bebê, que dá significado, sentido e representação e não o considera como um tubo digestivo a ser preenchido.

Neste sentido a noção de corpo está muito presente em sua obra, a partir de uma compreensão do que ocorre inicialmente na comunicação do bebê através do seu corpo.

O prazer e o desejo de se comunicar do bebê se erotizam inicialmente em dois pontos, a boca e o ânus, pontos de contato, rupturas e relações. Inicialmente, ele está submetido às sensações peristálticas de seu tubo digestivo e ao trânsito intestinal que dá uma continuidade interna. Um sentido é moldado a partir do trajeto que o objeto parcial oral faz até a expulsão dos objetos parciais anais bem como através dos cuidados corporais e as sensações táteis que estas provocam.

A mãe então faz a sua inscrição no corpo e nos ritmos do bebê através da elaboração da linguagem e emoções acerca destes objetos parciais, presentes inicialmente no leite

introduzido na boca e ausente e rejeitado nas fezes expulsas pelo ânus. O bebê se sente coeso pelas sensações contínuas que tem em seu tubo digestivo assim com também se sente inteiro e coeso pelos cuidados maternos, que se constitui um outro primordial, fonte de sua própria existência.

Na privação do objeto específico que satisfaz uma zona ou outra, oral ou anal, a mãe quando elabora na linguagem este objeto parcial ausente, introduz estas zonas erógenas na fala permitindo assim a simbolização dos objetos (castração).

Assim, após esta explanação das idéias destas autoras citadas, notamos o quanto esta dialética da presença-ausência na relação de uma mãe com seu bebê se constitui uma função materna importante no processo de subjetivação e simbolização, o que, ao contrário, sem ritmo, sem pausa, há que se constituírem sintomas e transtornos diversos.

Na concepção de Jerusalinsky (2002) dentro das quatro operações fundamentais citadas pela autora, todas inter-relacionadas e imbricadas, ainda cabe uma palavra acerca da antecipação e da alteridade, ou seja, na relação da díade mãe-bebê, não basta somente a expectativa do Outro, da antecipação simbólica, imaginária e funcional do Outro em relação ao bebê para que haja a realização de algo, mas é necessário que haja uma precipitação por parte deste bebê (alteridade). Tanto o espaço da aposta, da expectativa deve ocorrer quanto à implicação do bebê ou da criança neste espaço, se lançando com aquilo que é seu, para sua realização.

A função materna não só sustenta o bebê e sua função, ela também o pulsionaliza, produz um estiramento de sua corda pulsional, pois quando o bebê se implica nesta demanda do Outro, quando procura enlaçar este objeto do desejo do Outro, seu circuito pulsional se espicha, estende a

sua cadeia significativa na busca pela satisfação (Jerusalinsky, 2002, p.161).

A operação de alterização só será possível se a mãe sustentar uma interdição simbólica no funcionamento das funções do bebê, atrelando tanto as demandas e ofertas maternas, à lei paterna, se assim não for, “o Outro encarnado permanecerá numa posição de quem sabe tudo e tudo têm, não se deixando transbordar, não se deixando surpreender e o filho ficará condenado a uma posição de objeto do gozo materno sem que se dê lugar a que ele possa advir como sujeito do desejo.” (Jerusalinsky, 2002 p.163).

Uma mãe na posição de aposta, de antecipação, embora espere algo da sua criança, sempre estará surpresa com o que há de acontecer, pois o esperado só fará sentido com o que vem também da criança. Já a mãe na posição onipotente, de tudo saber, não vive esse momento de surpresa.

Quando a mãe pode dirigir-se em outra direção, que não seja somente o seu bebê, quando o desejo materno é deslocado do bebê para outros interesses, seja na figura do pai, da avó, do trabalho, de uma intervenção terapêutica, existe aí uma saída para a criança, um desprendimento do investimento narcísico materno (2º tempo do Édipo, tempo relacional que independe da cronologia) e um desejo da criança daquilo que a mamãe deseja (3º tempo do Édipo). Se em um primeiro tempo, um bebê pode tudo com sua mãe e há um investimento narcísico pleno materno, necessário para o desenvolvimento do psiquismo, no segundo e terceiro momento, através da interdição ou castração quando um outro barra a onipotência materna, este bebê vivenciará uma falta, fundamental para se constituir além de tudo ser.

A castração ou lei do pai ou função paterna é uma operação simbólica pela qual se constitui a diferença sexual, as identificações, a escolha do objeto amoroso e a constituição da instância do supereu (leis e proibições) pela introjeção das imagens maternas. (Jerusalinsky, 2002)

Na relação dual inicial, a castração se colocará desde o início, a partir de uma condição interna materna (operação inconsciente de castração), pois a mãe há que carregar em si o pai introjetado no sentido simbólico, sendo que também o pai real deverá ter em si esta dimensão castrante, dimensão de separação em relação ao outro, que faz barra, que não é absoluto, onipotente, capaz de tudo.

Uma criança só ingressará no universo simbólico (símbolos, leis da proibição e do incesto, da não transgressão geracional) a partir do desejo materno, o qual terá inscrito em si, a função paterna, a interdição, permitindo assim que a criança não seja tomada na posição de objeto de gozo materno, de satisfação pré-edípica, pois se assim o for tomada, ocupará um lugar assujeitada ao desejo de um outro, desenvolvendo toda diversidade de psicopatologias e sintomas físicos.

Antes de chegar ao mundo há uma estrutura significante (linguagem, leis, cultura) que antecede a um bebê e ele é tomado e recebido pelo agente materno também segundo a estrutura edípica que o antecede, e não só pela mãe, mas a partir das fantasias inconscientes parentais e mesmo num tempo em que ele não sabe nada acerca de um menino ou menina (sexuação), com quem se parece (identificação) ou de quem é filho (filiação) os pais se ocupam em sustentar e produzir as marcas que o inscrevem nesta diferença (Ibid., 2002). Ou seja, “a função paterna está, desde o início, contemplada no laço da mãe com o bebê,

pois se bem a castração ainda não esteja inscrita nele, a princípio, as está inscrita pela estrutura em que a mãe o toma” (Jerusalinsky, 2002, p.264).

O primeiro tempo lógico da relação dual é tomado por Jerusalinsky como mítico, pois nunca é dual no sentido de existir mãe-falo-bebê, pois no bebê se inscreve a condição edípica materna, este tempo é o tempo da alienação, do primeiro encontro com o Outro primordial, absoluto, onde o bebê deverá alienar-se, como condição essencial e necessária para a existência dele e para que ele advenha como sujeito. Alienando-se e ao mesmo tempo sendo olhado narcisicamente e investido com apostas antecipadas como discutimos no texto acima (Jerusalinsky, 2002; Fink, 1998).

Na teoria lacaniana (Fink, 1998) a operação de separação, inseparável do tempo lógico da alienação, envolve o confronto do sujeito alienado com o Outro, não como linguagem, mas como desejo e consiste na tentativa do sujeito na posição até então de assujeitamento ao Outro, lidar com esse desejo do Outro. Nesta posição a criança entende que não é o único objeto de desejo da mãe e que este se manifesta por algo mais, sendo assim a castração a condição fundante e humanizante.

O que é constituinte na infância é que o circuito de demanda dos pais no qual o infante é tomado possa circular entre o tempo do desejo (simbólico), o tempo do real (com seus efeitos cronológicos sobre a maturação do organismo), e o tempo imaginário (de antecipações de imagens ideais) (Jerusalinsky, 2002, p.291).

Estes três tempos articuláveis e inscritos entre si, bem como a dinâmica entre eles são fundamentais para que, por exemplo, se produza o brincar na infância, sinal de que tudo está correndo bem. Por outro lado, sintomas poderão ser produzidos quando se exige de

uma criança além de suas competências e de suas condições reais de executar algo ou atender ao desejo materno além daquilo que lhe é possível.

Através desta leitura da escola lacaniana (Jerusalinsky, Fink, Fernandes) e francesa (Dolto e Mannoni), entendemos o sintoma infantil atrelado à demanda dos pais, indicando que o sujeito a advir (através dos tempos do Édipo) é marcado pela intersubjetividade (desejo materno) desde o início e através do discurso parental é possível desvendar o lugar que uma criança ocupa na fantasia parental. (Zornig, 2001).

“A criança procura responder ao enigma dos significantes obscuros propostos pelos adultos se identificando ao que julga ser objeto do desejo materno, tentando preencher a falta estrutural do Outro e evitar a angústia de castração (assunção da própria falta)” (Zornig 2001, p.121).

Lacan (1986, citado por Zornig, 2001) indica duas vertentes onde a criança pode se posicionar: quando responde ao que existe de sintomático na estrutura familiar, sendo o sintoma representativo da verdade do desejo parental ou o sintoma corresponde à subjetividade materna e a criança é tomada como correlativo de um fantasma, obturando a falta onde se especifica o desejo materno, realizando a presença do *objeto a* na fantasia (campo da psicose).

O *objeto a* é um conceito lacaniano que vem na relação com o Outro, sendo designado como aquilo que falta à mãe, advém de um suposto que vem do campo do Outro. A criança se identifica com este lugar e o sujeito viverá sempre em busca deste objeto (desejo), sempre pulsado em direção a este ‘a’, sendo este o único caminho possível da articulação do desejo. Buscando este objeto ‘a’ dentro de uma relação de fantasia, este nunca será

encontrado, pois é da ordem do impossível, sempre haverá um desejo de outro desejo, pois o desejo não é da ordem da satisfação e sim da realização fantasiosa.

Por outro lado, teríamos os sintomas de ordem intrapsíquica (como substituto de uma satisfação pulsional não realizada), os sintomas ditos analíticos propriamente ditos, articulados ao recalçamento primário e correlato à constituição da neurose infantil do sujeito. Nesta leitura, Melanie Klein (psicanalista inglesa) coloca todo o peso da constituição psíquica neste pólo, intrapsíquico e no inato, pois considera o aparelho psíquico constituído desde as origens, sendo que vai desconsiderar a influência dos pais da realidade e enfatizar a vida fantasmática da criança e a imago internalizada dos pais.

Esta constitui a mesma abordagem utilizada em minha trajetória clínica, como eu me coloquei na parte inicial do trabalho, quando num primeiro momento o atendimento psicoterapêutico era realizado a partir desta perspectiva Kleiniana, utilizado a caixa lúdica, numa compreensão do sintoma como intrapsíquico, para, a partir de então, com o uso do armário coletivo e do atendimento conjunto pais-criança, mudar o olhar e acrescentar à compreensão intrapsíquica, o entendimento também do interpsíquico na formação de sintomas, como será descrito abaixo.

Considerando que a criança ainda está em processo de estruturação e há um psiquismo em formação e que necessita de adultos para que este processo se dê, os sintomas de ordem intrapsíquica estão entrelaçados interpsiquicamente, ou seja, o que é próprio da constituição do psiquismo da criança e o peso do mundo desejante do outro. (Zornig, 2001; Rosenberg, 1994).

Rosenberg (1994) discute sobre a permanente dialética do inter/intra-subjetivo, tanto na formação da subjetividade como na formação de sintomas. As subjetividades paternas e

infantis se entrecruzam e se presentificam na transferência frente a uma escuta analítica. A criança ao formar seu próprio imaginário toma emprestado dos pais ou é tomada por eles de seus fantasmas imaginários. O analista ao abrir espaço para escuta dos pais, está abrindo também a escuta para o inconsciente permitindo uma re-simbolização do lugar que a sua criança e seu sintoma ocupam na história dos pais e da própria criança.

“As crianças costumam fazer sintomas naqueles lugares que se tornam insuportáveis para seus pais. Frequentemente os sintomas estão a eles dirigidos porque é uma maneira de se fazer ouvir. O sintoma aparece em substituição a um desejo reprimido, podendo ser utilizado inconscientemente pelos pais para pedir análise. Por outro lado, pode aparecer no lugar de algo que ficou bloqueado no desenvolvimento de suas relações inconscientes com seus próprios pais. Desta maneira, as crianças, em muitos momentos, reatualizam conflitos enterrados, não resolvidos dos pais” (Rosenberg, 1994, p.27).

A autora ressalta ainda que para que haja modificação no inconsciente de um dos progenitores ou de ambos ou de algo da relação é preciso dirigir a escuta para o peso que o intersubjetivo tem na formação do sintoma ou na estruturação da neurose.

Em Lebovici (2000, citado por Solis-Ponton, 2004a), psiquiatra infantil e psicanalista francês há uma leitura semelhante da concepção dos sintomas inscritos no corpo infantil, como emergente de conflitos relativos a um contexto mais amplo, familiar, denominado por ele como intergeracional (constituída por vivências psíquicas elaboradas em fantasias, imagos e identificações, que organizam uma história familiar) e transgeracional, sendo o conceito de transmissão transgeracional definido através dos conflitos dos avós que não são gerados nem resolvidos pelos pais (elementos brutos não elaborados, vivências traumáticas de não-ditos), mas que permanecem enquistados no inconsciente e através das

identificações projetivas são transmitidos às crianças, que acabam por ser as depositárias dessas projeções. Neste processo, Lebovici (2000, citado por Morales, 2004) declara que as crianças também participam ativamente da tomada para si do que é projetado, não sendo, portanto, vítimas passivas.

Em entrevista realizada por Letícia Solis-Ponton com Serge Lebovici em 2000 ele declara: “Quando o filho nasce e a mãe o pega no colo, ela pega no bebê real e também no imaginário. Esse bebê real vai decepcioná-la com relação ao bebê imaginado. O bebê imaginário é o portador da história transgeracional.” (Lebovici, 2000, citado por Solis-Ponton, 2004a, p.21).

A história transgeracional inclui os elementos da história dos pais, dos avós, frequentemente dos conflitos, mas também inclui a criança mítica. Todos esses elementos vão se concentrar no mandato transgeracional transmitido à criança. Quando procuramos um mandato transgeracional, vemos que os pais se uniram para fazer um filho portador desse mandato. E os avós tem um papel primordial nesse assunto. (Lebovici, 2000, citado por Solis-Ponton, 2004a, p.22).

Na mente de uma mãe, antes e depois do nascimento, existem pelo menos cinco representações de um bebê que se misturam e se alternam nas trocas com o bebê real, dando lugar a uma dimensão imaginária e fantasmática das interações: o bebê imaginário, que é o das fantasias conscientes e pré-conscientes da mãe, o produto de seu próprio desejo infantil; o bebê fantasmático, o fruto das fantasias inconscientes da mãe, herdeiro de seu complexo de Édipo; o bebê narcísico, que é o do narcisismo da mãe; o bebê cultural, aquele

que se relaciona com a cultura da mãe, associado ao bebê mítico e o bebê real, que é o da corporalidade real (Lebovici, 1998, citado por Solis-Ponton, 2004b).

Através destas múltiplas representações, as desarmonias nos vínculos com o bebê podem expressar os conflitos inconscientes maternos, podendo ser ele o reservatório das projeções desses conflitos, expressados sintomaticamente.

Martine Flechet (1989, citado por Kupfer, 1994) propõe duas categorias de sintomas: os estruturais constitutivos da neurose do sujeito, articulados com o recalçamento primário, onde a criança deve ser ouvida como um sujeito cuja verdade é representada por um sintoma e os sintomas chamados reativos pois são manifestações sintomáticas em resposta às neuroses de seus pais e o produto da organização parental inconsciente. "Essas manifestações sintomáticas seriam de algum modo um laço entre o Real do corpo da criança, de um lado, e de outro, o Imaginário e o Simbólico dos pais, esses Outros reais" (Flechet, 1989, citado por Kupfer, 1994). Algo da própria neurose dos pais será escrito no corpo infantil.

Esta questão, sendo tomada em consideração não podemos deixar de mencionar o espaço reservado a alteridade já descrito mediante a leitura de Jerusalinsky, à singularidade, aquilo que cabe à criança. Leitura semelhante é realizada por Bleichmar (1994), a qual concebe a "realidade fundante do inconsciente infantil como aquela que, estando em relação com o inconsciente parental, não é, no entanto, o simples reflexo deste" (p.126). A trama psíquica singular da criança se dá a partir das correlações entre as determinações parentais e os modos mediante os quais estas se significam para o sujeito, inscrevendo-se e produzindo efeitos em seu corpo e psiquê.

“Nos interstícios do discurso parental, em sua correlação com o discurso da criança – discurso falado, mas também discurso-ato a ser compreendido semiologicamente -, é o lugar em que a determinação sintomática pode descobrir sua especificidade.”(Bleichmar, 1994, p.127)

Neste sentido, embora a criança traga a marca da função simbólica dos pais, não é redutível a ela, o inconsciente infantil não é um simples reflexo do inconsciente parental e o sintoma infantil desenrola-se nos interstícios do discurso parental. (Zornig, 2001)

Não só estão sobre as crianças as demandas parentais (referentes ao restabelecimento de um gozo narcísico), mas também as sociais (de um ideal social), ou seja, na sociedade há uma exigência que a criança corresponda a uma imagem-modelo proposta pelas ideologias, sejam elas políticas, sociais, pedagógicas ou psicológicas. Se a criança não se integra ao gozo social, identificando-se a um sistema de valores fica de certa forma a margem de um eu ideal proposto pela ideologia. A produção de sintomas poderá se dar neste outro contexto, uma maneira da criança denunciar sua não-conformidade ao ideal social atrelado ao ideal de seus pais (Balbo, 1992, citado por Zornig, 2001).

Esta questão referente ao contexto social e cultural será discutida mais aprofundamente no capítulo seguinte.

“Mais que de máquinas, precisamos de humanidade”. Charles Chaplin

5 - FORMAÇÕES DO SUJEITO E DA FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

Além destes elementos internos que atravessam os membros de uma família, outros elementos também inseridos nela, devem ser tomados em consideração.

Os desafios em nossa cultura atual são muitos, tanto para o homem quanto para a mulher, para a mãe, para o pai e para a criança. A nossa geração é marcada pela urgência, pelo imediatismo, pela hipercomunicação de massa, pela produção no trabalho, pelo excesso de informação, pelo acúmulo de títulos profissionais, pela superficialidade das relações, pelo individualismo hedonista, personalizado e narcisista (Lipovetsky, 1983, citado por Lisondo, 2004), pelo isolamento, pela solidão, com pouca memória, com pouca história. É a era do descartável, não serve, joga fora, compra outro. É o princípio do prazer dominando.

Parece que nos encontramos numa geração com poucas condições de pensar, de sentir, de refletir. A relação com o outro tem sido precária, superficial e a comunicação enquanto diálogo (sem os intermediários tecnológicos como orkut, msn) tem sido reduzido. O tempo dos pais com seus filhos para conversar, brincar, partilhar emoções tem sido escasso. A escola, a creche, a babá entram cada vez mais cedo na vida de uma criança o que parece favorecer um empobrecimento e precariedade nas relações com seus pais.

O indivíduo é atravessado por um contexto bastante amplo no que diz respeito ao social, histórico e cultural, o qual traz ressonâncias nas relações familiares, pois a família é somente “uma das partes imbricadas em um conjunto de transformações socioeconômicas complexas que se realizam em ritmo acelerado nas últimas décadas e cujos processos conhecemos pouco” (Lowenkron, 2001).

A partir da leitura filosófica do francês Gilles Lipovetsky (2004), autor de vários livros, nos quais vem discutindo sobre a nossa época, abordaremos algumas questões relevantes para compreensão das subjetividades contemporâneas entrecortadas com leituras de pesquisadores psicanalistas.

O pós-moderno, assim denominado por este pensador, é caracterizado por uma sociedade pós-disciplinar, e marcada por paradoxos, onde lógicas diferenciadas coexistem, a valorização da autonomia e ao mesmo tempo o aumento da dependência; no individualismo, há a opção de assumir responsabilidades ou não, de autocontrolar-se ou deixar-se levar, podendo ser exemplificado por patologias atuais que expressam a excessividade do controle, como na anorexia ou a total desestruturação dos ritmos alimentares, na bulimia. “Nossa sociedade da magreza e da dieta é também a do sobrepeso e da obesidade” (Lipovetsky, 2004, p.21).

E ainda, fenômenos tão opostos entre si como o autocontrole e a total falta de vontade (abulia), são produzidos dentro da própria lógica do individualismo e da desagregação das estruturas tradicionais (as normas não são mais impostas pela disciplina, mas pela escolha individual, dentro da superficialidade de uma sociedade do espetáculo regida pela lógica da moda).

Em relação à falta de vontade e ao autocontrole colocados por Lipovetsky (2004) como opostos mas coexistentes no indivíduo, Ehrenberg (2004) realiza uma leitura sociológica similar e muito pertinente para a nossa compreensão da nova subjetividade que assim nos apresenta. Pois este, desagregado das estruturas tradicionais e não mais regido por uma ordem exterior, soberano e livre, sujeito às suas próprias competências mentais passa também a pagar um preço por sua responsabilidade, liberação psíquica e iniciativa individual, os quais se darão mediante uma precariedade interna, uma insegurança identitária e uma impotência no agir, o que acaba por provocar “uma patologia da responsabilidade, dentro da qual domina o sentimento de insuficiência” (Ehrenberg, 1998, citado por Prata, 2004, p. 47), sentimento este característico do quadro depressivo que domina a subjetividade contemporânea. “A depressão ameaça o indivíduo aparentemente emancipado dos interditos, é a sombra do homem sem orientação, cansado de tentar ser somente si mesmo” (Ehrenberg, 1998 citado por Prata 2004, p.47).

Continuando a análise que Lipovetsky (2004) realiza, o autor coloca que o consumismo e os valores ligados a ele constituem a marca da passagem da modernidade para a pós-modernidade e a ideologia individualista e hedonista atinge todas as camadas sociais, em uma só mentalidade, constituindo assim uma sociedade voltada para o presente, segundo uma lógica sedutora de renovação permanente de bens a serem adquiridos, a qual modifica não só as nossas relações com os objetos, mas também com os seres e nas diversas áreas de nossas vidas.

A hipermodernidade é colocada por ele como a 3ª fase do pós modernismo, a era do movimento, da fluidez, da flexibilidade, da liberalidade, indiferente aos princípios estruturantes da modernidade onde “as grandes certezas ideológicas se esvanecem em

benefício de singularidades subjetivas talvez pouco originais, pouco criativas, pouco ponderadas, mas mais numerosas e mais flexíveis” (Lipovetsky, 2004, p.32).

Esta liberalidade reflete-se também nos costumes, no mundo familiar e relacional, tornando os vínculos com as pessoas mais complicados do que no passado onde a norma tradicional impunha a cada um o seu lugar (Lipovetsky, 2004).

Em relação ao narcisismo, também este se superlativiza, tornando-se hipernarciso, um Narciso mais responsável, organizado, eficiente e flexível, mas também dominado pelo medo da doença, do envelhecimento, da morte, com terror pelo cotidiano e pelo ambiente social agressivo (Lipovetsky, 2004).

Fortes (2004) analisa como a evitação a dor se relaciona com o narcisismo e com a diminuição do espaço oferecido para a interação com a alteridade. Na medida em que alteridade e dor andam juntas, trazem um estranhamento à estabilidade narcísica do eu, pois é na relação com o outro que as intensidades e diferenças se evidenciam provocando dor, sentimento contrário ao imperativo atual de ter prazer e evitar o sofrimento.

Neste sentido, a indústria farmacêutica tem seu papel fundamental ao proporcionar paliativos, medicações para aplacar toda dor, seja estados de ansiedade, angústia ou tristeza, eliminando assim parte da experiência humana. A dor e a frustração não são mais reconhecidas como constitutivas do percurso rumo aos ideais de prazer e alegria, mas passam a ser indicadores da insuficiência do indivíduo contemporâneo (Maia & Albuquerque, 2000).

Mas a dor sendo excluída torna-se ela própria a fonte de dor, o desamparo, marca de nosso tempo. “Vivemos em uma era de incertezas que mudou a relação do sujeito com as garantias relacionadas a seu futuro, o que conduz à sensação de vazio e desproteção, à

descrença na política, à fragilidade dos laços sociais e ao enfraquecimento da figura da alteridade nas nossas vidas” (Fortes, 2004, p. 70).

A anulação das diferenças (alteridade) na contemporaneidade se dá a partir de um registro simbólico (dentro da lógica consumista associada ao individualismo-hedonismo) de que ter acesso aos objetos e bens se equivale a ser feliz, onde o conforto e o bem estar são sinônimos de felicidade colocando todos os indivíduos em um mesmo nível de igualdade. Até o outro ser humano torna-se objeto de consumo, na medida em que serve como instrumento de prazer e de reforço a “auto-exaltação narcísica do sujeito, como meio para alimentar o seu eu e não uma verdadeira relação de alteridade” (Fortes, 2004, p.71), dentro de um caráter utilitário nas relações interpessoais, reduzindo o espaço do diálogo e da troca efetiva. Neste sentido o amor de si torna-se cada vez mais intenso em detrimento do amor do outro. É a presença da lógica consumista nos relacionamentos.

Estamos também inseridos em uma “sociedade de consumo que se exhibe sob o signo do excesso” (Lipovetsky, 2004, p.54) em uma escalada aos extremos onde todas as coisas se agigantam: hipermercado, hipertexto, hiperterrorismo, hipercapitalismo, hiperpotência, hipervigilância, além das infinitas informações da internet associadas a uma “cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação” (Lipovetsky, 2004, p.57).

A partir da lógica do consumo e da moda o tempo presente passa a ter importância cada vez mais crescente e prevalecente e a sociedade se reestrutura através da temporalidade da moda,

“(...) um presente que substitui a ação coletiva pelas felicidades privadas, a tradição pelo movimento, as esperanças do futuro pelo êxtase do presente sempre novo. Nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita a satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar, viajar, divertir-se, não renunciar a nada: as políticas do futuro radiante foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico” (Lipovetsky, 2004, p.60).

É o imperativo do pleno gozo, tudo poder ter, sendo que deste modo o ideal de eu deixa de se vincular a valores que dizem respeito a um modelo a ser seguido e passa a se atrelar a objetos que o sujeito necessita ter para alcançar a felicidade. Desta forma, o ideal de eu da contemporaneidade fica associado ao sucesso, felicidade e bem estar relacionados às mercadorias de consumo (Pinheiro, 2002, citado por Herzog & Salztrager, 2003).

A globalização e a revolução informática são dois fenômenos fundamentais dos anos 80 e 90 que se conjugaram para comprimir o espaço-tempo e aumentaram a lógica da brevidade, criando a sensação de simultaneidade e de imediatez, a qual desvaloriza cada vez mais as formas de espera e lentidão, colaborando assim para instalar uma lógica da urgência e de um presentismo exacerbado (Lipovetsky, 2004).

Este tempo presente e a realização instantânea do desejo interfere no modo das subjetividades atuais, as quais se diferem em muito das de outrora, do mundo introspectivo, herdeiro do romantismo, marcado pela interioridade e introspecção do indivíduo. Neste sentido, hoje o invólucro vale mais que o conteúdo, o corpo não pode mostrar as marcas do tempo e o sofrimento psíquico do homem contemporâneo parece preso a este corpo

(somatizações), fechado na exigência narcísica imposta pela sociedade de consumo (Pinheiro & Verztman, 2003).

Os autores citados acima analisam o adoecimento dos pacientes de hoje (dentro de um modelo narcísico-melancólico) relacionando-os à noção temporal, sendo que os depressivos (doença que ocupa 2º lugar na faixa etária dos 15 aos 44 anos), não apresentam noção de futuro, como se projetar no futuro lhes fosse impossível, a vida parece marcada minuto a minuto, como se vivessem somente no presente, não lembram do passado, dos sonhos, não tem fantasias, não fazem lapsos. “A seqüência passado, presente e futuro, que dá a dimensão do que chamamos vida – um tempo entre o nascimento e a morte – lhes é estranha” (Pinheiro & Verztman, 2003, p.86).

Ao tempo do processo predomina então o tempo do imediato e da urgência e o processo, antes de se constituir uma trajetória para se atingir uma meta, é vivido como um obstáculo a ser superado. É da ordem do insuportável o adiamento de uma satisfação, na sociedade do consumo, do espetáculo, da imagem e da instantaneidade, sendo que a cultura da imagem constitui-se em um desdobramento da cultura do consumo e a passagem do consumo a imagem é marcada pela tendência à supressão do tempo do processo. (Maia & Albuquerque, 2000).

Viver no registro do pleno prazer contínuo associado ao cultivo do imediato como valor socialmente instituído é colocar em xeque a dimensão de trabalho e postergação, caminho importante na constituição do sujeito quando se configura o trabalho psíquico exigido entre o querer imediato e urgente e a postergação desse prazer (Albuquerque, 2004).

Maia e Albuquerque (2000), em seu artigo sobre cultura, imediatismo e desamparo abordam sobre o caráter mágico e instantâneo de um mecanismo de apreensão do objeto

denominado incorporação (objeto apropriado por inteiro sem que seja processado ou digerido), o qual ocorre quando há falência das possibilidades introjetivas (relação inaugural do eu com o meio, em um processo pelo qual o eu traz para si parte significativa do meio exterior, de maneira que o objeto a ser apreendido tem um sentido, sendo que neste modo de apreensão a dimensão de processo está presente).

Rigorosamente, o processo de introjeção abre caminho para a possibilidade de um aparato psíquico centrado na representação, na medida em que, ao introjetar o objeto, o eu também introjeta a dimensão de sentido que comporta o objeto. Já no processo de incorporação existe um ‘faz-de-conta’, pois o objeto é apropriado mas sem essa dimensão de sentido. [...] Enquanto a introjeção possibilita o enriquecimento do eu, na incorporação o eu é como que diminuído frente à grandeza do objeto incorporado, que de alguma forma assume o lugar do próprio eu (Maia & Albuquerque, 2000, p.87).

Ao analisarem sobre a formação de identidade na sociedade contemporânea, Herzog e Salztrager (2003) também discutem sobre o mecanismo de incorporação, como um mecanismo psíquico que entra em cena em decorrência de uma falha ou de uma deficiência no mecanismo de introjeção.

A incorporação se constitui como um procedimento eminentemente defensivo, convocado para salvaguardar determinado estado de coisas e se opor a qualquer mudança psíquica que o trabalho de elaboração da perda objetual possa promover. Em outros termos, por ainda manter o objeto vivo no aparelho psíquico, o mecanismo de incorporação dispensa o sujeito do árduo esforço de recomposição psíquica a ser empreendido mediante o luto objetual. Trata-se, portanto, do fruto de uma resistência ao

trabalho de luto que, uma vez realizado, proporcionaria o desinvestimento desse objeto e a conseqüente construção de outros laços libidinais (Herzog & Salztrager, 2003, p.40).

Já o mecanismo de introjeção permite ao indivíduo ampliar os investimentos libidinais, pois é no vazio da boca da criança que esta passa a ser preenchida por palavras e é na linguagem articulada que se metaforiza a perda do objeto idealizado, tornando assim menos catastrófico o perigo da privação objetal (Herzog & Salztrager, 2003).

(...) a introjeção não apenas faz soçobrar a dependência estrita do sujeito a um único objeto de prazer, como também permite expandir seus investimentos libidinais em direção a um campo mais vasto de escolhas libidinais, dada sua separação do objeto originário. Desse modo, todo e qualquer laço libidinal construído pelo sujeito ao longo de sua vida constituirá um substituto metafórico do laço original que o ligava ao objeto primitivo (Herzog & Salztrager, 2003, p.39).

A incorporação se apresenta, então como um mecanismo compensatório que tem como finalidade reparar a ausência da introjeção, o sujeito não assimila o sentido e a linguagem veiculados pelo objeto e “ao tentar compensar de imediato os danos psíquicos ocasionados pelo sentimento de desprazer decorrente da perda do objeto, a incorporação acaba por se opor a qualquer possibilidade de enriquecimento e desenvolvimento psíquico em nome da recuperação sempre instantânea do objeto idealizado (Abraham & Torok, 1978, citado por Herzog & Salztrager, 2003, p.40).

Se na estruturação da identidade de um sujeito o mecanismo de introjeção permite a ele apreender do objeto idealizado e perdido, atributos simbólicos deste objeto, no mecanismo

de incorporação “exclui-se toda e qualquer possibilidade de estabelecer trocas simbólicas ou expor os atributos do objeto” (Herzog & Salztrager, 2003, p.42).

Voltando a Lipovetsky, na análise que ele faz sobre o tempo, o filósofo não anula a existência da preocupação do indivíduo contemporâneo com o futuro, enfatiza o tempo presente como dominante (mas não absoluto), mas relaciona-o com o tempo futuro. Aborda o hiperindividualismo como projetivo, higienista e preventivo, onde a “obsessão narcísica com a saúde e a longevidade segue de mãos dadas com a prioridade dada ao depois sobre o aqui-agora” (Lipovetsky, 2004, p.73). São os paradoxos da pós-modernidade em sua terceira fase na relação com o tempo.

Isto se reflete também nas relações conjugais e familiares, pois ainda que vivamos sob o jugo da instantaneidade, do superficial, do efêmero, ainda que as uniões sejam mais frágeis e precárias (“posso me casar, se não der certo, eu separo”, frase comum em nossos dias), o matrimônio persiste, a vontade de ter filhos permanece (o que requer um investimento em longo prazo), há a revalorização da fidelidade, a vontade de contar com relações estáveis na vida amorosa e o amor continua como um ideal e uma aspiração de massa (Lipovetsky, 2004).

Na relação do indivíduo hipermoderno com o tempo, esta se constitui alvo de grande preocupação e motivo de grande conflito, na medida em que ele agora tem autonomia para reger o próprio tempo e não está mais submetido a outros, o seu tempo é destradicionalizado, ou seja, ele é o próprio dono do tempo e quem o administra.

O tempo em seu caráter de urgência e de ação imediata, sob o poder do regime presentista, interfere no cotidiano e nas relações interpessoais. O urgente se dá às custas do importante e a ação imediata às custas da reflexão. Com o ativismo em alta, os ritmos

acelerados e a agenda superlotada, há uma sensação de que o tempo é rarefeito, não há tempo. “somos mais sensíveis à escassez de tempo que à ampliação do campo das possibilidades ocasionadas pelo ímpeto da individuação, a falta de dinheiro e de liberdade motiva menos queixa que a falta de tempo” (Lipovetsky, 2004, p.78).

Como o paradoxo é um aspecto inerente nos tempos hipermodernos, ao mesmo tempo que estamos sob a égide da urgência e do acelerado, há também a democratização da tecnologia do bem-estar crescente, a busca da qualidade no agora, a felicidade dos sentidos, as práticas e gozos que revelam uma época de sensualização e estetização em massa dos prazeres, a conquista da eficiência e o ideal da felicidade terrena. Há uma imposição de felicidade consumista e erótica na cultura hedonista (Lipovetsky, 2004).

Maia e Albuquerque (2000) tem um pensamento semelhante ao exposto por Lipovetsky quando abordam sobre o processo de modelagem subjetiva de massa, o qual ocorre pela via da fascinação, tendendo à supressão da dimensão das singularidades, sendo que neste âmbito do fascínio e da hipnose é que se encontra o eu, “capturado na trama imagética da mídia-cultura-contemporânea” (Maia & Albuquerque, 2000, p.86). Por exemplo, a televisão é um meio de comunicação de massa onde o ideal de felicidade é veiculado e difundido e onde também através das imagens a instantaneidade e o imediato se difundem e se consolidam como valores de grande massa. O expectador é poupado do trabalho de pensar (diminuindo assim a sua capacidade crítica e reflexiva) e é submetido a um mundo facilmente digerido, em flashes e imagens.

A mídia-cultura então, segundo estas pesquisadoras, tem sua contribuição significativa e fundamental no processo de subjetivação atual, pois o indivíduo preso nesta rede de fascínio vive um grande engano de que tudo pode obter para ser feliz, alimentando “a

crença em nossos recursos mágicos, em nossa onipotência” (Albuquerque, 2004, p.102). E nesta apropriação dos modelos veiculados pela televisão, o indivíduo o faz a partir do mecanismo da incorporação (explicado no texto) segundo o qual ocorre um rebaixamento da capacidade reflexiva de pensamento.

Neste sentido, “a cultura contemporânea tem produzido tanto a emergência de novas representações psíquicas quanto o incremento de patologias narcísicas” (Maia & Albuquerque, 2000, p.88) e discutem da seguinte forma o processo de constituição do sujeito:

Definitivamente, o processo de constituição do sujeito não é marcado nem pelo instantâneo, nem pelo imediato. É preciso um longo ‘aprendizado’ para que se instaure o sujeito social. Presos a rede de fascínio da mídia-cultura vivemos um logro, já que mecanismos psíquicos complexos estão imbricados na possibilidade de alcançar o estado de prazer-satisfação, e esses mecanismos, os quais estão atrelados aos processos de socialização, nos atestam que para se ascender ao social há que se parcializar a onipotência infantil, própria ao narcisismo primário, onde temos a certeza que podemos: um bebê-criança tem a certeza que, estendendo as mãos, alcançará a lua e parece que, no âmbito da mídia-fascinação, mães e pais crêem que suas filhas tornar-se-ão Xuxa (ou qualquer outra que ocupe este lugar) vestindo e imitando seus trejeitos (Maia & Albuquerque, 2000, p.88).

O valor central propagado pela mídia é então, o sucesso imediato construído através dos modelos de sucesso, “personagens de vida pública que se tornam referência de como deveríamos e, principalmente, *poderíamos ser*. O reconhecimento social estaria garantido

pela assunção da identidade daquele personagem, facilmente alcançável pelo mimetismo,” basta vestir uma roupa igual ou fazer um corte de cabelo semelhante, pois somos impactados pela mídia, de maneira passiva, distraída e anestesiada (Albuquerque, 2004, p.97).

Araújo (2002) coloca que um grande complicador à educação na modernidade é o fato de que o simulacro, ou seja, a falsificação, a imitação, o disfarce, tornou-se a base da construção da realidade. Antes a educação era em direção a construção de um sujeito valoroso, que pudesse obter suas conquistas, sua posição na sociedade em função de seus dons e talentos e de seu esforço pessoal. Hoje não basta ser, é preciso parecer ser. “A vox populi tem uniformizado mais do que diferenciado, provocado pouca reflexão, globalizado muito mais do que particularizado o ser humano” (Araújo, 2002, p.105).

As figuras oferecidas na televisão e a superposição de imagens superficiais (as quais estimulam o mundo da sensorialidade) não proporcionam identificação estruturante do aparelho psíquico, pois não há uma relação humana singular, não há frustração, nem amores, nem ódios. “Uma casca é formada no EU de um ser vazio. Tudo é superficial, sem profundidade e transcendência” (Lisondo, 2004, p.339).

Mas se a frustração é o ponto de partida que exige trabalho de elaboração do aparelho psíquico e não tem havido a possibilidade de realização de um trabalho de luto em relação ao objeto desejado, temos que na atualidade há uma substituição alucinada, um preenchimento. (Lisondo, 2004)

E nesta perspectiva de poder ter tudo ou ser igual a um personagem famoso da mídia, seja apresentadora de televisão ou jogador de futebol, o amor parental se encaminha para uma “felicidade mítica, (...) por meio de ideais imaginários (...)” garantindo às crianças

“(cada qual com a ‘sua’, já que numa sociedade individualista será amada aquela com a qual estabelecemos laços identificatórios narcisistas) a felicidade e a evitação da dor – meu filho não irá passar pelo que eu passei” (Araújo, 2002, p.102).

Contudo, a presença da liberdade (tudo poder ter ou ser) e do gozo (que não tolera o adiamento da satisfação) como ideais da pós-modernidade não elimina um mal estar que se fará nomeado pela insegurança, sentimento característico e preponderante na atualidade (Fortes, 2004).

Segundo esta autora, há duas marcas importantes no homem contemporâneo: a permissividade e a presença de um forte componente de masoquismo. Com o declínio da autoridade patriarcal, a ética do prazer não encontra limites e há “uma verdadeira institucionalização do que pertencia ao campo da transgressão” (Fortes, 2004, p.75). E quanto ao masoquismo, perante o desamparo vivenciado, este, entrega-se masoquisticamente ao outro, oferecendo o seu corpo “como objeto de gozo em troca da proteção que os laços outrora legitimados pela cultura não oferecem mais” (Fortes, 2004, p.75).

O indivíduo (não mais regulado por instituições coletivas) torna-se cada vez mais aberto, volátil, cambiante e socialmente independente (Lipovetsky, 2004), mas com um preço a ser pago, pois “essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo” (Lipovetsky, 2004, p.83), gerando sintomas psicossomáticos assim como os quadros tão característicos de nossa era, as depressões, distúrbios compulsivos, ansiedades, suicídios, sentimentos de insuficiência e autodepreciação crescentes.

Em consonância com Lipovetsky, Albuquerque (2004) coloca que a contemporaneidade é marcada pela idéia da flexibilização e relativização nas relações afetivas, de trabalho e identidades. O “é assim” cede lugar ao “pode ser assim”. A plasticidade e a vastidão dos possíveis entram em cena, mas o que encontramos são “(...) subjetividades homogeneizadas, iguais em sua busca do modo mais adequado de ser diferente, de ser radicalmente única ao obedecer cegamente aos padrões – de beleza, de atitudes, de modos de estar conectado ao mundo (...)” (Albuquerque, 2004).

Um encontro com o outro humano em sua diferença constituindo assim uma verdadeira relação de alteridade parece estar cada vez mais sendo anulado, o que podemos constatar nas comunidades do Orkut (ferramenta de comunicação tecnológica usada na internet), nas gangues, nos bandos, os quais se sustentam na igualdade, como em espelho e não na diferença.

O narcisismo que presenciamos é um narcisismo pleno e raso, frágil, uma superfície narcísica que precisa desesperadamente de um outro coisificado que o reafirme. Nesse sentido, a fragilidade se mostra a medida que o outro de si não pode ser um outro sujeito, um outro alteritário, mas apenas um outro espelho de si que somente reflete o mesmo, sem *refração* (Albuquerque, 2004, p.110).

Em relação à fragilidade das personalidades, Lipovetsky (2004) aborda que o aumento dos transtornos de ansiedade e depressão se deve ao “enorme avanço da individualização e o declínio do poder organizador que o coletivo tinha sobre o individual” (Lipovetsky, 2004, p. 84) mais do que as pressões da cultura do desempenho.

Deixado a si mesmo, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência. À desregulação institucional generalizada correspondem as perturbações do estado de ânimo, a crescente desorganização das personalidades, a multiplicação de distúrbios psicológicos e de discursos queixosos. É a individuação extrema de nossas sociedades o que, tendo enfraquecido as resistências ‘a partir de dentro’, subjaz à espiral dos distúrbios e desequilíbrios subjetivos. Assim, a época ultramoderna vê desenvolver-se o domínio técnico sobre o espaço-tempo, mas declinarem as forças interiores do indivíduo. Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é socialmente cambiante, mais surgem manifestações de esgotamentos e ‘panes’ subjetivas. Quanto mais ele quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso de viver (Lipovetsky, 2004, p. 84).

Antunes e Santos (2003) ao discorrerem sobre as novas subjetividades e os novos sintomas, colocam que estes se tornam cada vez mais idiossincráticos, bizarros, singulares e difíceis de classificar e questionam as limitações da fórmula edipiana como lógica do inconsciente, pois estes (os sintomas) se confundem com o caráter e com a maneira de usufruir do próprio corpo, “no lugar da sofisticação do simbólico dos sintomas formações do inconsciente que Freud desvendou. O imperativo do gozo excede e desloca o imperativo de renúncia. (...) o que chamamos novos sintomas é sempre o índice de um excesso ou uma falta patológica de gozo do corpo” (Antunes & Santos, 2003, p. 60).

Da angústia ao pânico, da hiperatividade à insônia, do hábito ao vício, do gosto à compulsão, do prazer à saciedade, da preferência ao vício, quase

tudo faz parte da existência normal, do modo mais contemporâneo de viver, pode dar lugar ao abuso, uma modalidade sintomática pelo exagero e pela flagrante separação do circuito das trocas simbólicas. (Antunes & Santos, 2003, p. 60).

A psicanalista Lisondo (2004) faz uma reflexão sobre as patologias do vazio (doenças do psicossoma, drogadição, bulimia, anorexia, neo-sexualidades e enclaves autísticos) onde há sempre uma “fome psíquica” de experiências reais e autênticas, associando-as à era pós moderna como a era virtual, do vazio, do homem light, era da imagem, da inversão dos ideais, da sociedade do espetáculo onde tudo é superficial, sem profundidade e sem transcendência e onde na era da neurotecnologia, pretende-se que todos os problemas humanos possam se resolver imediatamente, abolindo o árduo caminho do pensamento e do desenvolvimento emocional.

Onde haveria a dor do pensamento ou a angústia, não há. O que ocorre nas patologias do vazio é uma falta de representação psíquica, constituindo-se passagens ao ato, sendo que o vazio não representa o nada, mas sim exigências exageradas de um eu que tenha acesso a um gozo absoluto e pleno.

Além disto, Maia (2003) toma a desafetação e a apatia como o congelamento do domínio psíquico (o qual se constitui em puro processo e movimento) a partir de vivências traumáticas dessubjetivantes, as quais geram paralisação da potência sensorial e expressiva de um indivíduo. Processo contrário à afetação traumática subjetivante, o qual traz desdobramentos de movimentos, gerando diversas formas de registros psíquicos, os quais se deslocam, se entrelaçam e se transmutam.

5.1 - A família na contemporaneidade

Abordar a família na contemporaneidade é também pensar sobre as transformações do lugar da mulher na família e na sociedade como um todo.

Inicialmente, dentro do modelo de família patriarcal, segundo um princípio monárquico, o homem comandava e a mulher se submetia. Com o declínio do poder do pai e a transferência deste poder para uma ordem simbólica cada vez mais abstrata (questão abordada no capítulo sobre o declínio da função paterna) e a maternalização da família, o lugar da mulher sofreu mudanças radicais, inclusive com respeito a sua sexualidade e a conquista de diversos processos de procriação, os quais aumentaram o poder feminino no final do século XX (Roudinesco, 2003).

A autora analisa alguns marcos no século XX que contribuíram para esta mudança do lugar da mulher como o feminismo e as duas grandes guerras mundiais. A primeira grande guerra provocou mudanças no cotidiano feminino, pois as mulheres tiveram que aprender a prescindir dos homens, sendo obrigadas a trabalhar para continuarem a viver e na segunda deram prova de sua determinação (até então prerrogativa masculina), alistando-se e engajando na batalha.

Em Andreucci (2001) encontramos alguns aspectos negativos do movimento feminista, o qual se dá segundo o mesmo radicalismo do patriarcado dominador, pois a mulher ao buscar a equivalência de valores abala-se a si mesma confundindo-se com o “[...] radicalismo feminista de repúdio das diferenças sexuais e alimento alucinatório em relação ao mito da androginia” (Andreucci, 2001, p.845). Neste sentido, gera confusão entre as

diferentes funções do masculino e do feminino, da verdadeira feminilidade e verdadeira masculinidade.

Mudanças ocorrem no interior da família, pois com as técnicas de regulação dos nascimentos (dispositivos intra-uterinos, pílulas, abortos) e com o planejamento familiar, as mulheres alcançaram um lugar diferenciado, conquistando direitos e poderes e reduzindo a dominação masculina.

Então, a partir da nova identidade feminina, a família do pós-guerra parece se ver ameaçada de ser ela própria destruída em função da autoridade duplamente enfraquecida, tanto do pai quanto da mãe (não mais no lugar de sujeição), sendo que então, torna-se objeto de uma política do Estado que passa a ser garantidor da proteção do desenvolvimento de seus membros (Roudinesco, 2003).

A segunda metade do século XX foi marcada por mudanças ainda mais acentuadas contribuindo para uma verdadeira revolução na condição feminina e que dizem respeito a “[...] generalização de novas regras estéticas impostas pelo mercado da moda e a domesticação padronizada das aparências corporais” (Roudinesco, 2003, p.151). Neste sentido, as mulheres passaram então, a se preocupar muito mais com a imagem e com o seu papel social.

Outras mudanças foram também significativas: no mesmo ano em que o aborto dito “terapêutico” foi autorizado na França, a pílula anticoncepcional também foi aperfeiçoada nos Estados Unidos (1955). Em 1967 uma lei foi votada (França) autorizando a contracepção e em 1975 a lei sobre o divórcio na França foi modificada pela introdução do procedimento dito de “consentimento mútuo”, em abolição a noção de “erro” e até o final

do século XX leis similares foram votadas na Europa, Estados Unidos e em outros países ocidentais (Roudinesco, 2003).

À medida que os divórcios aumentaram, o casamento foi perdendo a sua força simbólica, sendo “[...] cada vez mais assimilado a um rito festivo que acontecia não mais como ato fundador de uma célula familiar única e definitiva, mas como um contrato mais ou menos duradouro entre duas pessoas” (Roudinesco, 2003, p.153).

A possibilidade de gerar filhos por outros meios descobertos pela ciência (inseminação artificial, mães de aluguel) além do coito vaginal concedeu as mães um poder inigualável, do qual o lugar do pai poderia ser excluído ou não.

Ao final do século XX, a família torna-se horizontal e fraterna, os homens assumem um papel maternalizante e as mulheres que não são mais obrigadas a serem mães, passam a deter o controle da procriação (Roudinesco, 2003).

O lugar masculino sofrerá intensas modificações e segundo Lebovici (2000 citado por Solis-Ponton, 2004a) o enfraquecimento do papel do homem é frequentemente a origem dos problemas de fecundidade. Aborda também uma questão importante em relação à filiação, a qual se torna mais difícil de ser estabelecida na fecundidade artificial, pois o homem pode ficar numa posição narcisicamente desvalorizada.

Não só a emancipação feminina, mas a tecnologia também aliada a este fato constitui um fator ameaçador à paternidade.

Neste sentido, o desenvolvimento científico-tecnológico modifica a noção de natureza, de anatomia e de destino à medida que outras formas de maternidade além do modelo em família nuclear e patriarcal são legítimas e possíveis no mundo ocidental. Como exemplo disto Lowenkron (2001) aborda sobre a “síndrome do nascimento virgem” citando casos de

moças virgens na Inglaterra que desejam ter filhos por meio da concepção assistida alegando que este tipo de tratamento científico era preferível às relações sexuais.

Mas há também modificações positivas nos papéis familiares entre os sexos, pois se antes o pai patriarcal encarnava a autoridade, deixava os filhos como propriedade exclusiva das mães; já o pai contemporâneo é um pai mais participativo e relaciona-se de um modo mais próximo e igualitário com a mulher e os filhos, tanto que além do termo usualmente conhecido “maternagem”, agora também podemos ouvir acerca da “paternagem” (Lowenkron, 2001).

A família contemporânea será uma família de múltiplas aparências, com o lugar de poder descentralizado, sem hierarquia nem autoridade, fraterna e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado.

O novo modelo de conceitualização da família se dá através de uma terminologia diversa, derivada do termo parentalidade, traduzindo assim a inversão da dominação masculina: as famílias agora são denominadas de “co-parentais”, “biparentais”, “multiparentais”, “pluriparentais” ou “monoparentais” (Roudinesco, 2003).

Surge a noção de família recomposta, construída, desconstruída e reconstruída onde os filhos poderão ser educados sob a autoridade de dois pais e duas mães, convivendo com meios-irmãos ou meias-irmãs. Os modelos e os padrões familiares são diversos:

Homem casado com segunda esposa, existindo filhos de dois relacionamentos, mãe solteira convivendo com os pais, o filho tendo no avô o referencial paterno; mãe separada morando com o filho mais novo, enquanto o pai mora com o mais velho (junto à atual namorada, que também já tem filhos de um relacionamento anterior); casal que mora

junto, mas que está separado, ambos mantendo relações extraconjugais que são do conhecimento dos filhos; casal homossexual, em que um dos pares fez operação do órgão genital, havendo “adotado” uma criança etc. A mãe não é necessariamente quem pariu, o pai não é obrigatoriamente quem fecundou – principalmente nos tempos atuais, quando os médicos fertilizam artificialmente (...) (Araújo, 2002, p.103).

Esta autora discute em seu artigo sobre a família acerca das relações que os modelos atuais guardam com as transformações ocorridas nos últimos 20 anos, quais sejam, o aumento do número de divórcios nas sociedades industrializadas, o maior poder econômico do casal que trabalha fora, o aumento da escolaridade e o surgimento de possibilidades religiosas além do catolicismo ortodoxo. Segundo Araújo (2002) estas transformações guardam íntimas relações com as famílias atuais, menos tradicionais (idealizadas), mas mais humanizadas.

Roudinesco (2003) também compactua com a leitura de humanização nos vínculos familiares nas famílias recompostas.

(...) o surgimento da noção de família recomposta remete a um duplo movimento de dessacralização do casamento e de humanização dos laços de parentesco. Em lugar de ser divinizada ou naturalizada, a família contemporânea se pretendeu frágil, neurótica, consciente de sua desordem, mas preocupada em recriar entre os homens e as mulheres um equilíbrio que não podia ser proporcionado pela vida social (Roudinesco, 2003, p.153).

A autora caracteriza como duplo movimento de dessacralização porque ao mesmo tempo em que ele é transgressor é também normalizador, exemplificado pelas primeiras

experiências de homoparentalidade. De um lado cai o princípio da diferença sexual sobre o qual repousa a célula familiar, mas de outro esta mesma célula é reivindicada como norma desejável e desejada. Independente da orientação sexual ou de qualquer outra condição, a família continua sendo reivindicada como “o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar” (Roudinesco, 2003, p.198).

Além de a família ser uma instância ainda desejada, há outras instâncias que ainda permanecem no cerne desta, mesmo na sua diversidade. São as instâncias materna e paterna enquanto funções que independem de pessoas e que estabelecem uma posição de filiação. Embora haja uma quebra no modelo tradicional, há também uma continuidade no que diz respeito à noção de funções. “A referência à mãe como função (e não como mulher que biologicamente pariu) e ao pai também como função (e não ao homem que fisiologicamente fecundou) subverte a compreensão moralista de família” (Araújo, 2002, p.104).

Acerca das mudanças e do que permanece nas diferentes configurações familiares, Passos (2002) discute sobre os elementos universais que se mantêm na estruturação de um grupo familiar e os elementos particulares, que se transformam. Dentre os universais, os investimentos afetivos como sustentadores da origem e estruturação de um grupo familiar. Entre os particulares, as “(...) diferentes alterações no quantum de investimento, e na natureza e qualidade do mesmo, o que possibilita deslocamentos de posições dos membros, dificuldades na constituição dos lugares e, em consequência da apropriação destes” (Passos, 2002, p.35).

As funções parentais são os principais agentes de mobilização dos investimentos afetivos e a condição para inserção da criança na ordem simbólica, entretanto estas funções

se mostram ora esvaziadas, ora deslocadas, sendo que estas “[...] mudanças que tem ocorrido nos últimos tempos nas relações de filiação, sobretudo no que concerne à função paterna, sugerem que a espécie humana tem experienciado de formas e intensidades diferentes, a depender do contexto cultural e temporal, uma “crise das referências simbólicas” (Cecarelli, 2002, citado por Passos, 2002).

Dentro das composições e recomposições familiares, uma linha de força organizada a partir de uma economia de investimentos afetivos tem ocupado posição de destaque na estrutura familiar, que são as relações fraternas (revelando certo declínio nas relações hierárquicas) e a transmissão psíquica entre gerações como elementos estruturais de grande importância nos destinos da grupalidade e do grupo familiar (Passos, 2002).

Quanto ao destino, à continuidade do grupo familiar, é também sobre a própria criança e o vínculo de filiação que repousa essa continuidade e isto em virtude da precariedade dos vínculos do casamento (famílias recompostas). E “paralelamente a essa inversão da carga de continuidade, assiste-se a uma valorização acentuada na criança, da qual se tende a reconhecer cada vez mais precocemente as competências e os direitos sobre um modelo cada vez mais claramente adultomorfo” (Botbol & Lecoutre, 2004, p.134).

Há uma inversão dos ideais em nossa era pós-moderna, uma troca, onde ao invés dos filhos escolherem os pais como modelos, estes é que se identificam com os filhos. E se há o mínimo sinal de fracasso vindo da parte dos filhos, algo se quebra na relação, em função do narcisismo que parece predominar.

A criança cultural ou mítica das representações coletivas está sendo progressivamente modificada, tornou-se preciosa e tem que ser perfeita e cada vez mais rapidamente autônoma, ameaçando o que poderia ser chamado de “um direito à infância” (Golse, 2004,

p. 20). O direito ao erro não só das crianças, mas também dos pais, o direito ao ensaio e erro, a um tempo de errância, de construção das funções parentais no sentido de aprendizado através de uma vivência, perdeu-se atualmente. Os pais parecem não poder perder tempo, tem que adquirir um saber (racional) antecipado, o qual poderá vir através dos especialistas, livros de auto ajuda, palestras especializadas.

O próprio saber da função parental onde estaria implicado o desejo, a palavra, a dor, tem seu espaço reduzido nas relações parentais.

Não há mais um saber próprio, que se autoriza que se arrisca. A necessidade atual de encontrar uma resposta acertada para a educação dos filhos é algo tão primordial que os pais se aliam aos pediatras em busca de um saber científico sobre a sua própria criança à revelia do seu (Araújo, 2002). Os idílios se multiplicam: a mãe e a pediatria, a mãe e a psicologia, a mãe e a pedagogia, a mãe e a nutricionista e o casal parental passa a ser constituído pela mãe de um lado e pela ciência, do outro, sustentado pelo princípio jurídico-racionalista de igualdade. (Santos, 2005).

Segundo Araújo (2002, p. 109) “(...) a família moderna adotou em seu núcleo ideais que guardam relação com os ideais da época atual, e com outros que, desde a Revolução Francesa, fazem parte de nossa concepção sobre felicidade humana – igualdade, fraternidade e liberdade”.

Ela faz uma reflexão sobre estes ideais humanistas, utópicos dentro do contexto familiar o qual muitas vezes os nega. Onde estará a igualdade na educação de crianças de sexos diferentes, geradas em tempos diversos e associadas às identificações parentais, as quais geram modos relacionais diversos? Ou a fraternidade nas discussões competitivas

familiares? “Onde localizar a liberdade em família, compreendendo que pai e mãe podem agir de modo diferente dos filhos, regidos pelas regras dos adultos?”

Assim como Araújo (2002), Santos (2005) também compartilha da mesma idéia em relação aos ideais atuais, afirmando que o narcisismo parental está alienado ao discurso dominante, o que “impede a possibilidade de assunção de um sujeito nos rebentos, que certamente ultrapassam a condição de consumidores ou de mera potência, de vir-a-ser algo que a falta dos pais insiste em demandar” (Santos, 2005, p.5).

6 - METODOLOGIA

Esta pesquisa será realizada a partir do método psicanalítico, método interpretativo que se sustenta a partir de pressupostos teóricos da Psicanálise como conceitos de inconsciente e transferência, na busca da verdade como desvelamento e na relação que se dá entre sujeito consciente e sujeito inconsciente (Rezende, 2000).

Parte do princípio da complexidade do humano e da polissemia lingüística, ou seja, não há uma única verdade a ser descoberta e um único sentido a ser dado. A verdade segundo este método “permite uma transformação do próprio conceito de verdade como fator de conhecimento” (Rezende, 1997, p.308).

Apresenta-se através da associação livre, onde o discurso poderá fluir livremente e através da atenção flutuante, que é um estado mental diferenciado onde não há uma intenção pré-determinada e seletiva. Neste sentido, o método caracteriza-se por abertura, construção e participação, valoriza mais a escuta do que a fala, mais a espera do que a indução de sentido e a possibilidade de emergência do significado (Silva, 1993).

O pesquisador dentro do método interpretativo faz uma leitura hermenêutica, pois ele é parte viva do processo e dentro desta experiência transferencial, pode-se fazer uma análise do discurso que produz um sentido e uma verdade próprias de cada um. Então, a subjetividade do pesquisador é destacada como o foco central do conhecimento.

O discurso a ser analisado nesta pesquisa decorreu da escuta das intervenções clínicas realizadas nos atendimentos conjuntos pais-criança, a partir de quadros psicopatológicos precoces.

Em um primeiro momento consistiu em uma observação ativa, no sentido que ocorreu intervenção na situação clínica, para então, a realização de um trabalho reflexivo.

O trabalho de investigação foi feito com estudos de caso, a partir da análise de três atendimentos conjuntos pais-filhos, com crianças na faixa etária da primeira infância, até 5 anos de idade, realizados semanalmente, com a duração de uma hora na Clínica-escola de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Estes atendimentos fizeram parte de um estágio clínico do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, sendo que os pacientes encaminhados por neuropediatras, pediatras e outras instituições de saúde mental ou ainda por uma demanda espontânea.

Inicialmente, uma avaliação psicodiagnóstica foi realizada com todo o grupo familiar com o objetivo de levantar os conflitos, a situação-problema e os sintomas infantis.

Foi utilizada a técnica de intervenção terapêutica conjunta pais-filhos, inspirada na proposta de Mélega (1998), que advém do modelo Esther Bick (1967) de observação da relação mãe-bebê.

Na abordagem de Mélega (1998), o terapeuta ocupa uma posição de observador, denominada observador psicanalítico, que no contexto clínico tem o intuito de avaliar e aclarar com a participação de todo o grupo familiar, “situações-problema” promovendo a comunicação entre os seus membros.

A observação do grupo familiar dá acesso a interações existentes e presentes de maneira mais fidedigna, contrapondo ao modelo tradicional de entrevistas diagnósticas e o foco de intervenção do terapeuta é a interação dos pais em suas funções maternas e paternas, na relação com os filhos.

Nesta visão de trabalho conjunto, "promove-se uma redistribuição de autorias e responsabilidades entre os membros e uma conscientização de que a "situação-problema" ou o "suposto paciente" é frequentemente o emergente de um conflito ou de um desencontro interno ao grupo familiar" (Mélega, 1998).

A técnica utilizada nesta pesquisa parte desta abordagem, mas traz algumas alterações, pois o grupo familiar é acompanhado por dois psicoterapeutas, sendo que um deles ocupa a função clínica de observador escriba e o outro de psicoterapeuta pesquisador.

Este observador escriba (aluno estagiário de Psicologia) tem a função de acompanhar na situação clínica todos os movimentos que ocorrem, o discurso verbal, não verbal, incluindo todos os movimentos externos e internos (emoções e pensamentos do grupo familiar terapêutico). Nesta escrita, o observador é levado a ater-se aos menores detalhes clínicos, o que constitui uma herança do método Esther Bick (1967).

Além de este observador estar se beneficiando de um ato clínico de aprendizagem, ele ocupa uma função de sustentar um aspecto consciente e inconsciente da atenção. Ao realizar o registro na sessão em tempo real, ele propicia a liberação do outro psicoterapeuta de uma forma mais intensa no uso da atenção flutuante e de sua capacidade negativa no sentido de esvaziar-se de suas pré-condições de desejos e memórias ficando o mais livre e disponível nas relações do grupo terapêutico familiar.

A partir dos registros dos atendimentos, estes são discutidos no grupo de estágio clínico com uma terceira pessoa na posição de supervisor clínico e orientador da pesquisa, lançando assim sobre o material, um terceiro olhar, o qual associado aos outros olhares e leituras, traz os sentidos e as verdades desveladas pelo método interpretativo.

Mediante a construção dos dados de pesquisa e numa interlocução com autores sob os vértices psicanalítico e sócio-histórico-cultural, os impasses acerca das funções materna e paterna, serão analisados.

*“Como águas profundas são os propósitos
no coração do homem”.*

Salomão

7 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

7.1 - Caso 1: Mariana, a mãe de Joel

Mariana, a mãe de Joel, uma criança de 3 anos e 8 meses, foi atendida no modelo de atendimento conjunto pais-criança, semanalmente, num total de 58 sessões, no período de um ano e meio. De profissão massagista, 23 anos, está separada de seu marido (53 anos) e vive somente com seu filho em sua casa, a qual é também seu local de trabalho. O seu filho frequenta um hotelzinho desde os 7 meses de idade e atualmente vai para escola pela manhã e no período da tarde até a noite permanece no hotelzinho.

Mariana procura atendimento psicológico para Joel em função de ele ter sido molestado sexualmente por um adolescente, vizinho de sua casa. A criança apresenta comportamentos de extrema agitação, o qual na sala de atendimento é demonstrado na maneira como utiliza os brinquedos, não brincando ou construindo algo, mas se comportando como um pequeno furacão, que com muita voracidade quer usar tudo o que está disponível no armário, esparramando e amontoando pela sala toda.

“Enquanto a terapeuta aplica um instrumento sobre o desenvolvimento da criança, Joel brinca com uma casinha de madeira, mas sempre se movimentando muito pela sala. A brincadeira consiste em colocar todos os brinquedos dentro da casinha, como se estivesse

guardando tudo e ao terminar, bate palmas, dizendo ‘pronto!’” (cena relatada pela observadora no primeiro atendimento).

A mãe relata que foi o próprio Joel que contou como tudo aconteceu com seu vizinho, o qual pediu para ele tirar a roupa e pegou no seu pipiu e que ele não gostou. Fala também de outro episódio após este primeiro quando o pai foi brincar com o pipiu da criança e Joel se transformou, ficou agressivo e que a partir de então não deixa ninguém o ver pelado, passando também a apresentar comportamentos agressivos na escola, brigando com as outras crianças. Enquanto a mãe relata estas cenas, eu (terapeuta) observo que a criança pára o que está fazendo e olha atenta pra sua mãe. Nomeio isto e a criança confirma concordando que está prestando atenção às palavras da mãe.

Este olhar da criança em relação à mãe, demonstrando o seu interesse naquilo que ela conta vai se repetir ao longo do atendimento e ser inclusive verbalizado por Joel acerca da importância que ele dá em relação às conversas que se passam entre a terapeuta e a mãe com frases como “*continua conversando aí*”, “*não pára de falar não, conversa*”.

Desde os contatos iniciais, ao falar sobre Joel, Mariana enfatiza sua precocidade e contabiliza o seu desenvolvimento e as suas aquisições como podemos entender na cena a seguir:

“Mariana conta que quando Joel tinha 2 meses e 17 dias, ela o havia deixado dormindo no quarto para lavar roupa no tanque e ao retornar percebeu que ele tinha engatinhado do meio até a cabeceira da cama. Falou ‘papai’ aos 7 meses e andou com 8 meses e 27 dias. Era um bebê caladinho, ele nunca chorou, foi chorar mesmo com 4 meses e eu cheguei a pensar que ele era mudo. Com 5 meses comia sozinho, banana ou pão.

Acostumei ele no berço ou no chiqueirinho, não dei muito colo”. (cenas do primeiro atendimento).

Estas falas da mãe nos fazem pensar o quanto há uma criança idealizada dentro dela, a qual deve crescer sem muito trabalho de sua parte e ela parece temer desfazer o menino perfeito, pois o menino real precisa e necessita muito dela. O que parece se evidenciar no desenvolvimento de Joel é uma pseudo-independência.

Por outro lado, Mariana se coloca numa posição estática de ser descoberta, ser buscada, como se pudesse inexistir movimento dentro de uma relação mútua.

“A terapeuta pergunta para mãe: ‘Joel foi uma criança que cresceu rápido?’ Mãe: Foi. Ele não foi aquele nenê! Ele que me descobriu e não eu que descobri ele (cena do 4º atendimento).

Sabemos que numa relação tanto é importante as respostas que um bebê dá a sua mãe e a sua busca em direção a ela, quanto de outra parte, as respostas que uma mãe dá a seu bebê e o investimento que ela faz em relação a ele. Mas Mariana articula um discurso colocando-se nesta posição, unilateral, de ser descoberta. Joel cresceu rápido aos seus olhos, pois assim o desejava, rapidez esta que não lhe proporcionou o tempo para ser olhado, pensado, falado.

A seguir estarei elencando alguns tópicos analisadores que melhor evidenciam esta relação de Mariana com Joel, os quais se destacaram durante as sessões:

7.1.1 - A aceleração e a agitação de Mariana: o colo vazado

Mariana tem muitas dificuldades para parar de falar, refletir, digerir as intervenções, se ater de forma a desenvolver um processo mais elaborativo. A rapidez e a velocidade impedem o contato com a angústia. É como se na velocidade das palavras da mãe ou na velocidade das ações da criança, diante de um conteúdo denso se ficasse na superficialidade destas mesmas palavras ou ações, impeditivas de um pensamento mais profundo a respeito de si e do outro, pensamentos estes também provocadores de emoções.

“Joel brinca de fazer um bolo, depois canta parabéns e come o bolo, tudo muito rápido. A terapeuta pontua que os dois são muito rápidos, Joel que tinha feito o bolo, cantado parabéns e comido, tudo muito rápido e ela que contava suas histórias de forma muito rápida. Em seguida a terapeuta usa uma metáfora da digestão do estômago associando com as palavras, dizendo que não há tempo para digestão, devido a rapidez com que os dois se relacionam” (cena do 11º atendimento).

Neste atendimento a aceleração nas ações de Joel e nas palavras de Mariana é tamanha que produz um grande esgotamento tanto na terapeuta quanto na observadora. Mariana mal conseguia me ouvir ou parar para pensar em minhas intervenções, atropelando um assunto com outro, numa verborréia sem fim e com pouca expressividade afetiva. E este padrão persiste por quase todos atendimentos, a criança acelerada nas condutas e a mãe acelerada na verbalização..

“Hélvia fala sobre a dificuldade de Mariana em ser dependente de alguém. Brinca com Joel e diz à mãe: Você está falando que teve muitas decepções e elas deixaram marcas em você. Mariana então diz que hoje precisa arranjar trinta reais para pagar a modalidade de

Joel (ginástica olímpica), que ele tem pai mas o pai não pode pagar cinquenta reais pra ele”. (cena da 44ª sessão).

Na cena acima se pode evidenciar que na sequência da intervenção, a mãe não pára para refletir, mas dá uma resposta a seu modo de agir em relação a Joel, para onde as suas preocupações se dirigem com toda potencialidade, dar conta de cumprir seus compromissos financeiros e suprir suas necessidades físicas e materiais.

Da mesma forma que Mariana não consegue elaborar, pensar, colocar em palavras e associar suas vivências pessoais e infantis com a sua pseudo-independência, (pois ao mesmo tempo em que se gaba de dar conta sozinha de sua própria vida, queixa-se desta solidão e desamparo) Joel também se vê nesta mesma posição, a qual é representada em atos não elaborativos descritos na cena seguinte.

(...) “A criança chega à sessão, dá um abraço rápido na terapeuta e entra numa sala onde encontra um grande bloco de madeira vazado, onde pode entrar e sair, passando a brincar desta forma e dizendo que é muito legal. Na sua sala de atendimento pega os vários quebra-cabeças que estão sobre a mesa e os desmonta todos, misturando-os. A terapeuta diz: “É o Joel dos velhos tempos?”. A mãe comenta que do jeito que ele está fazendo vai misturar tudo e não vai conseguir montar nada. A terapeuta pergunta o que aconteceu e a mãe responde: “Ele ficou com minha mãe!” Joel continua desmontando os brinquedos, fazendo muito barulho, de forma muito agitada. A mãe fala de forma rápida o que teve que fazer para que Joel ficasse com sua avó. Neste momento a observadora teve muita dificuldade de registrar a sessão.(...) a mãe conta que recebeu um amigo de fora em sua casa no final de semana e Joel ficou um período do dia com sua avó e outra parte do dia no hotelzinho. A observadora mais uma vez não consegue registrar toda a fala da mãe. Joel interrompe a mãe falando bem alto: “Olha aqui mamãe!” mostrando que ele havia

colocado uns pinos em fileira no chão. A mãe comenta: “Que lindo!” (...) (cena do 21º atendimento).

O bloco vazado nos faz pensar em movimentos evacuatórios, de descarga, da maneira como entra, sai, sem processos elaborativos. O contato de Joel é um contato rápido, não há tempo para pensar, sentir ou ouvir, não há tempo para um contato humano elaborado, sendo a relação com Mariana vivenciada também desta mesma maneira.

O encontro com o outro é fugaz, não permanece, os conteúdos não ficam retidos no tempo da aceleração extrema. A própria observadora relata as suas dificuldades em fazer o registro desta sessão, diante de tanta densidade, se vê também perdida sem saber o que registrar, pois não há registro psíquico, falta representação mental.

Nas lacunas, nos hiatos deixados pela observadora, onde esta não consegue registrar a fala acelerada da mãe, captamos contratransferencialmente um alto grau de ansiedade que se evidenciam tanto na mãe quanto na criança. Esses buracos também nos incita a associar a uma figura bastante ilustrativa da posição materna: o colo vazado.

7.1.2 - Suas lamúrias e infantilidades

Além da agitação e da ansiedade, outro aspecto geral de Mariana é em relação à lamentação, onde se coloca em uma posição queixosa diante de Joel, que torna-se alvo destas queixas, pois Mariana se vê tolhida em sua vida pessoal desde que a criança nasceu. Esta posição vai percorrer todo o atendimento.

“Mariana através das perguntas do instrumento conta sobre a época em que ela voltou a estudar a noite e o pai de Joel ficava com ele. Segundo Mariana o pai de Joel o levava

nos recreios para vê-la. Mas depois que o recreio acabava ele permanecia na escola por “ciúmes e possessividade”, e por ficar tanto tempo no sereno Joel pegou duas pneumonias. Ela relata que o pai de Joel falava para ela não estudar com o Joel tão pequeno e por estes motivos terminaram o relacionamento. Mariana achava que quanto mais velho o Joel estivesse, mais difícil seria para ela estudar”. (cena do 1º atendimento).

As queixas acentuam-se e se diversificam ao longo dos atendimentos, tomando um imenso volume em relação ao pai de Joel. Mariana fala de sua solidão, dificuldades financeiras, queixa-se de não agüentar mais a situação, de sentir-se sobrecarregada. O pai a deixa irada quando promete que vai ajudá-la mas não cumpre suas promessas, ou ainda que vai buscá-lo, mas o deixa esperando e depois se justifica com o cansaço. *Ela diz: “Ele (pai) quer chamar minha atenção e criança não é brinquedo que cê deixa no armário quando cê ta cansada”*(30ª sessão).

A mãe só consegue falar assim, defensivamente, e projeta no pai o seu desejo de desligar-se de Joel quando está cansada e sobrecarregada.

Eu entendo a sua forma projetiva ao queixar-se do pai, pois ao projetar nele, se protege de entrar em contato com sentimentos hostis em relação a Joel, sentimentos de rejeição que ela própria viveu em relação a sua mãe durante a sua infância. Além disso, usa deste mecanismo para que suas falhas e fragilidades também não apareçam.

Em consequência de sua pobreza mental, tal como age com o pai de seu filho, age também com infantilidade em relação a Joel, comportando-se como uma criança emburrada quando não recebe atenção da parte da criança.

(...) a terapeuta brinca com Joel fazendo comidinha, a onça aparece novamente e ele chama a polícia pra matá-la. Enquanto brincam, a mãe levanta-se e vai até a porta. Joel, atento a mãe, pergunta: Onde você vai mamãe? A mãe responde que vai ali e já volta. A

terapeuta fica olhando para Joel e depois comenta: Seu nariz está escorrendo! Acho que sua mãe foi assoar o nariz dela! A mãe volta com um papel para assoar o nariz da criança. Ela senta na cadeira e chama Joel, mas ele não responde. Então ela vai até ele, assoa o seu nariz, vai até o lixo, joga fora o papel e volta com um gibi que estava em cima da mesa (cena do 4º atendimento).

A mãe sai da sala sem palavras dirigidas a criança que está sempre atenta ao que ela faz, questionando então, a sua saída. Em seguida, Joel demonstra o seu ressentimento quando não responde a mãe e ela por sua vez, também se isola lendo um gibi, agindo como se fossem duas crianças emburradas.

“Quando eu aponto o que a mãe está fazendo, ao ler o gibi, ela responde: “Vou ler até ele ver que eu estou lendo! Porque eu não sirvo para ler pra ele, ele é que tem que ler pra mim”. Joel se levanta, vai até a mãe e pede para deixar ele ler. Ela responde: “Não, deixa eu!”. A criança pega o gibi, olha e devolve pra mãe dizendo “pode ler”, em seguida volta aos brinquedos com a terapeuta e volta a falar da onça” (cena do 4º atendimento).

7.1.3 - A aproximação de Mariana em relação a Joel: o padrão de ensino-aprendizagem

As aproximações que Mariana faz com a criança parecem exercícios pedagógicos de uma professora de português e seu aluno, e à distância, pois ela se move a muito custo de sua cadeira, dando comandos de longe.

No 3º atendimento, a mãe chama Joel falando que vai ensiná-lo a usar carimbos.

“Começa carimbando e depois dá pra ele. Fala para não se sujar e fazer tudo retinho. Joel brinca um pouco com os carimbos, mas logo pára e dá para a mãe falando pra ela

continuar porque ele vai brincar. A mãe responde: Eu não! Você não quer mais! Terapeuta: Ele quer brincar com tudo! A criança volta pra mesa e começa a carimbar novamente. (...) cansa-se e pede a terapeuta para colorir. A mãe explica como se guarda os carimbos e a criança guarda na cestinha; em seguida a mãe fala para que ele guarde no armário”.

(...) a terapeuta senta-se na cadeirinha perto de Joel e fala: “Vou sentar mais pertinho!” A criança também senta-se em outra cadeira ficando mais perto da terapeuta, a qual sugere para eles fazerem um avião e os dois recortam o papel. A criança volta-se para a mãe e pede algo que a observadora não escuta. A mãe diz: “Como se pede?” a criança responde: “Por favor”. A mãe então começa a falar inícios de frases e a criança completa: Mãe: Mamãe... Joel: “Querida”... Mãe: “Eu... Joel: Te amo. A terapeuta diz: Ta treinado! (risos).

“(...) a mãe dá comandos de longe à criança sobre o que deve fazer, ao mesmo tempo em que guarda os brinquedos”. (cena do 8º atendimento)

(...) a criança pega um caminhão com animais na carroceria e fala que são vaquinhas. Depois ele comenta que se tira leite da vaca. Mãe: Onde coloca o leite da vaca? Joel: No balde! Mãe: Pra onde vai o leite? A criança responde mas a observadora não registra. A mãe faz outra pergunta e Joel responde, mas a observadora também não registra. A terapeuta então comenta: Complete a frase! A mãe sorri justificando que tem essa mania com ele. (cena do 21º atendimento)

(...) a mãe continua falando sobre as bagunças de Joel, que ele tem muitos brinquedos, que faz o que quer, acha que é o dono dele mesmo, que não tem ninguém para olhar por ele. “Eu de certa forma quero aprender a lidar com ele. Tô perdida!”

A criança também se atrapalha em suas brincadeiras e quando pega um pincel e deixa cair dentro do tubo de cola, fala: “e agora, o que eu faço?”

Mãe: Como você fez isto meu filho? (retira o pincel do tubo grande de cola). E essa bagunça que você aprontou! Eu posso arrumar? Você não acha que você tem que arrumar, não?

Joel responde que não é pra arrumar, porque ele ainda vai brincar mais e em seguida pergunta se está na hora de ir embora.

A terapeuta menciona que os dois estão perdidos e a mãe concorda. (cena do 8º atendimento).

Durante os atendimentos, percebo que Mariana fica desesperada e muito ansiosa com a desordem que Joel promove na sala e a sua reação é guardar e arrumar. O seu relacionamento com Joel é mediante um treino-condicionamento, numa postura educativa, com ênfase na ordem e arrumação, sem muita participação de suas experiências emocionais. Ou seja, não há muito espaço para estar em contato com suas vivências emocionais pessoais ou mesmo se deixar levar pelas brincadeiras e ter experiências lúdicas com Joel. E mesmo quando há uma tentativa de intervir em seus estados afetivos, ela responde com frases feitas ou retomando seu discurso pedagógico.

“Joel chama a mãe para contar uma historinha com os fantoches de dedo. Mariana concorda e começa a colocar os fantoches nos dedos de Joel. Depois ela volta a conversar com a terapeuta dizendo que sozinha não vai dar conta, que sem a ajuda do pai fica muito difícil. Depois acrescenta que Joel pede tudo. A criança então mexe os dedos dizendo que é o lobo mau. A terapeuta fala com a mãe sobre a sua solidão. Mariana parece tocada com a fala da terapeuta, mas logo em seguida fala que é melhor sozinha do que mal acompanhada. (...) Em seguida passa a falar sobre fazer o Joel parar de chupar o dedo. Conta que antes passava pimenta no dedo dele mas não adiantava, então ela decidiu que até o final da semana ele teria que parar de chupar o dedo, porque está fazendo mau para os dentes dele. Então ela resolveu passar o esmalte de parar de roer unhas no dedo de

Joel. Terapeuta pontua que tem que ser a força. A mãe responde que fez da forma menos dolorida possível. Joel então a chama para brincar. Mariana coloca fantoches nos seus dedos e começa a descrever o fantoche do porquinho que está no seu dedo. Joel fica de pé, fala que é o lobo mau e que vai comer o porquinho. Depois dá um chute, mas que não acerta a mão de Mariana, que então se irrita e fala que ele vai machucá-la e ao porquinho”. (cena do 21º atendimento).

Mariana não se permite fantasiar, brincar espontaneamente como percebemos na descrição do fantoche do porquinho. Não há uma interação lúdica, uma relação prazerosa de estar com a criança ou de construir alguma história e Joel, por sua vez, sempre se coloca neste lugar de lobo mau, o que parece indicar a posição que se vê em relação à sua mãe, no lugar do destruidor, daquele que ameaça.

Percebemos também que não há palavras direcionadas à criança sobre os seus comportamentos e sim atitudes diretas, sem nenhuma mediação verbal, sem nenhum entendimento ou mesmo tentativa de diálogo. Mariana atua em resposta a um comportamento não desejado, como se faria com um animalzinho, dando resposta punitiva. “Ele está é mamando muito e eu até coloquei pimenta na mamadeira pra ver se ele pára” (sic mãe no 3º atendimento).

7.1.3.1 - Do menino furacão ao menino robô

No 6º atendimento chega à sessão “o menino furacão”, trombando, derrubando, falando e espalhando todos os brinquedos do armário pelo chão da sala. Mas antes do menino furacão se apresentar na sala de atendimento, outro menino se apresenta na sala de espera, o

menino robô. A mãe manda Joel cumprimentar com um bom dia a terapeuta e observadora e Joel o faz imediatamente.

“Na sala de atendimento, depois de retirar todos os brinquedos do armário, Joel começa a andar pela sala com as pernas abertas, com dificuldades, por causa dos brinquedos esparramados. Em seguida coloca a mão no seu pipiu e vai se dirigindo para a porta com aflição. Sai correndo, a mãe pergunta o que foi e Joel diz que vai fazer xixi. Volta rapidamente pra sala e dá um gritinho.

Eu começo a conversar com a mãe sobre o cumprimento mecânico de Joel.

Terapeuta: Você fala pra ele cumprimentar falando bom dia e ele repete, mas por trás tem um descontrole. Parece que é igual a um controle, mas parece que não é ...

A mãe completa a frase: espontâneo!”(cena do 6º atendimento).

Nas frases prontas, aprendidas e recitadas há uma certa artificialidade neste menino que denominei de menino robô, que quando não está recitando aquilo que sua mãe o faz decorar, se transforma em um menino furacão, perdido, sem referências internas, que busca em um brinquedo ou outro, em uma atividade ou outra algo que possa fazer um sentido, contê-lo, integrá-lo.

A partir do seu modo de funcionar, Mariana tenta através do pedagógico, sua forma de exercer a função materna, colocar um ordenamento em Joel, o qual não é suficiente para que a atrapalhação e o descontrole desapareçam, justamente o contraponto da ordenação que a mãe deseja dar. E é exatamente aí que a função paterna falha, pois não há um mediador interno que faça limite, barreira em Joel ou em sua mãe.

7.1.3.2 - A inexpressividade de Mariana: a mãe-robô

Os diálogos que a mãe faz com a criança são sem afetos, vazios de sentimentos, com expressões sem graça, mecânicas e mesmo assim produzidas mediante um clamor insistente de Joel para que a mãe dirija-se a ele, olhe em sua direção.

(...) a mãe conta que recebeu um amigo de fora em sua casa no final de semana e Joel ficou um período do dia com sua avó e outra parte do dia no hotelzinho. A observadora mais uma vez não consegue registrar toda a fala da mãe. Joel interrompe a mãe falando bem alto: "Olha aqui mamãe!" mostrando que ele havia colocado uns pinos em fileira no chão. A mãe comenta: "Que lindo!" (cena do 21º atendimento)

A sua expressão "Que lindo!" é totalmente sem graça, vazia, mecânica.

(...) a criança vai à frente, não corre. Entra na sala e se esconde ao lado do armário. A mãe entra na sala e diz sem expressividade na voz: "Ai meu Deus, o Joel sumiu!", o menino sai de seu esconderijo calado. A mãe diz: "Cê apareceu?" Joel permanece calado. (cena do 27º atendimento)

O silêncio de Joel é uma resposta à falta de afetividade da mãe, de uma interação verdadeira onde idéias e afetos se associam. Na ausência da afetividade há uma comunicação também da ausência de uma presença real e verdadeiramente interessada na brincadeira proposta.

Além da inexpressividade afetiva, Mariana demonstra um desconhecimento acerca de Joel, em relação ao que ele pensa ou sente e até em questões simples e cotidianas ilustradas nas cenas seguintes.

(...) Hélvia aponta a dificuldade da mãe em resolver se Joel vai fazer natação ou futebol e pergunta a ela se já perguntou a ele o que ele quer. A mãe responde que ele quer os dois. A terapeuta então diz: “Vamos perguntar pra ele: Você quer fazer natação ou futebol?” Joel responde rapidamente, sem olhar pra Hélvia: “Futebol!” (cena da 32ª sessão).

(...) A mãe diz para Hélvia que faz as coisas e Joel não come. Conta que fez strogonoff, pudim e ele não quis. Hélvia pergunta: “Do que o Joel gosta? Você sabe do que o Joel gosta?” A mãe fica desconcertada e responde pensativa: “O Joel gosta do quê que ele gosta Joel?, depois conta que fez um bolo e ele comeu. (cena da 33ª sessão).

A mãe não sabe quem é esse menino que se apresenta a ela, não teve tempo e não tem tempo para descobri-lo, a sua preocupação é garantir a sua sobrevivência na ordem das necessidades.

7.1.3.3 - Vazio, solidão e desamparo: comida, brinquedos e escolas

Mediante a condição de vazio, solidão e desamparo há deveres a serem cumpridos que Mariana se impõe em relação a Joel como saídas a estes sentimentos, os quais também estão presentes em sua própria vida e são avassaladores tanto para mãe quanto para criança.

(...) “Mariana volta a falar sobre o pai do Joel não ter se disponibilizado a ajudá-la pegando Joel no hotelzinho, quando ela precisou. Depois continua falando da sua sobrecarga em ter que cuidar de Joel sozinha. Joel se levanta, anda pela sala, faz uma pergunta a terapeuta sobre um brinquedo, ela então responde mas ele não se interessa pela resposta e já passa a outro brinquedo. A terapeuta chama Joel e pergunta se ele escutou a sua resposta. Joel continua brincando. Ela pontua que Joel pergunta mas não quer saber a resposta. Mariana volta a falar com a terapeuta e comenta que Joel está melhorando a cada dia, que ele está melhorando a ansiedade de comer tudo como se fosse a última coisa.

Depois retoma a fala da terapeuta acerca de Joel voltar a se agitar, querer todos os brinquedos por causa do vazio que ele sente. A terapeuta comenta que esta atitude de comer tudo, engolir tudo também deve ser por causa do vazio que sente. Mariana concorda e fala que ela tenta comprar tudo para Joel, tenta suprir o vazio”.(cena do 21º atendimento)

Quando abordo com a mãe sobre o vazio e o desespero que Joel sente e toda a loucura e agitação em relação aos brinquedos como forma de agarrar-se a algo e o quanto se sente solitário, a mãe responde acerca de sua sobrecarga e de sua própria solidão. Em seguida fala que tenta comprar tudo pra ele pra suprir o seu vazio.

No lugar da presença humana, ela coloca coisas: comida e brinquedos, isto parece ser o que ela consegue oferecer ao seu filho, nada além disto.

Se de um lado, Joel não tem o continente que necessita em sua mãe, ela também não tem continente. Nesta sessão ela reclama muito de sua solidão e de não poder contar com ninguém e sentir-se sobrecarregada a respeito de Joel, tendo que cuidar dele sozinha, pois é com muito esforço e trabalho que pode usar os dispositivos que arranjou para ter com algo com que contar: escola, hotelzinho. Entendemos que lhe falta também o apoio humano, alguém com quem possa dividir suas dificuldades e isto constitui um grande peso.

“A mãe conta que há dias atrás ela estava ressonando, praticamente dormindo e Joel a acordou, dizendo que ela já tinha dormido demais , que já podia levantar pois ele estava com fome. Ela falou pra ele não acordá-la porque tinha dormido tarde e diz: “Lá em casa eu deixo tudo baixo... .. frutas picadas na geladeira, brinquedos ao alcance de Joel... .. Neste momento a criança pega uma espada no armário, ataca a mãe, ela fica brava com ele e manda que vá brincar em outro lugar”.(cena da 35ª sessão).

É como se a mãe dissesse: “Prá que me acordar? Ele tem tudo de que precisa!”. Está tudo ao seu alcance, todos os itens de sobrevivência! Só ela que não está ao seu alcance! Joel quer a presença da mãe, não só física, mas emocional, presença psíquica, quer uma mãe inteira, acordada e não dormindo, quer uma mãe desperta pra ele, atenta, interessada, pronta, mas esta mãe nunca chega!

7.1.3.4 - A mãe como babá

Nos sub-itens descritos acima Mariana se coloca frente a Joel de forma inexpressiva, mecânica, sem vida. Não há uma doação de seu ser de forma afetivo- emocional, é como se estivesse cumprindo tarefas num cargo designado a ela como uma babá que tem que executar e manter todas as coisas em ordem e as crianças (Joel e ela própria) alimentadas e bem cuidadas, tanto na parte física quanto intelectual, ou seja, no oferecimento de variedades alimentares e de recursos lúdicos e escolares.

“(...) a mãe fala que o maior problema de Joel é que ela educou outras crianças e elas ficaram direitinho, quietinhas, mas o Joel não é assim, ele é agitado, atropela as coisas, quer ser grande e se contraria, ele grita”. (cena do 11º atendimento).

A sua experiência de ser mãe é contrária ao que ela viveu como babá, mas esta constatação que parece óbvia, pois não há relação humana igual, não funciona assim na mente da mãe, é como se o padrão tivesse que ser o mesmo, educando como robôs, iguais no tempo e no espaço, sem levar em conta as histórias pessoais de cada ser humano envolvido no processo. É como se pudesse ser outra pessoa e deste modo afastasse a sua

própria história e vivesse sob a condição de ter outra qualidade experiencial, mas que se mostra insuficiente para fazer suporte de sua relação com o filho.

7.1.4 - Diálogos travados

Na relação terapêutica muitos diálogos travados foram vividos com Mariana, pois era com muita dureza que as conversas com ela transcorriam, sendo que minhas falas quase não podiam ser ditas por inteiro, sendo interrompidas com uma enxurrada de palavras e histórias pessoais, falando muito e não elaborando quase nada. Falando muito exatamente para não entrar em contato consigo mesma.

Nas intervenções diretas Mariana sentia-se ameaçada e respondia de forma defensiva, racional ou ainda com respostas evasivas, copistas ou normativas em longos discursos sobre o seu trabalho e sacrifício em relação a todas as coisas que pode prover para Joel.

As palavras dirigidas a ela que pudessem apontar para suas dificuldades em lidar com Joel sempre foram sentidas como um embate pois ela sempre se guiou pela ordem das necessidades a serem supridas: alimento e escola, elementos escassos em sua própria infância e que ela conseguia suprir com abundância para seu filho.

“Nesta interação Joel pisa outra vez no pé de Mariana e ela reclama. A terapeuta pontua que os dois começaram a sessão em sintonia, mas que agora estão brigando. Mariana não concorda com a colocação da terapeuta e começa a se justificar. A terapeuta pontua que Mariana falou que não passa medo em Joel , mas que ele ficou com medo do ventilador e ela não o ajudou a desligar. Mariana também não concorda com esta colocação da T, dizendo que ela só falou que o ventilador podia cair e realmente ele podia cair. Depois a conversa toma outro rumo, mas a observadora não registra muito bem.

Mariana começa a falar sobre a sua vida, como uma reflexão. Fala que conquistou o direito de não fumar e não beber, que hoje ela tem casa, filho e enquanto outras meninas podem estar preocupadas em sair de casa para ser independente ela já tem a sua casa, o seu trabalho. Depois também comenta que uma amiga falou que ela tinha o que merecia, mas ela acha que não merece, pois ela não plantou algo ruim para colher coisas ruins, referindo a sua história familiar e aos namorados que ela arruma e todos vão embora. Também fala que queria ter filho mais velha, para poder passar para ele coisas que já tivesse vivido, mas agora ela tem que ir aprendendo e passando para o Joel”. (cena do 12º atendimento).

Mesmo que minhas palavras constatem uma relação vivida na sessão, não são aceitas por Mariana, parece que ela as toma como flechas acusatórias e passa imediatamente a se justificar. Sente-se ameaçada pela fala relativa a estar brigando com Joel pois aproxima-se muitos de seus sentimentos hostis para em seguida mudar totalmente o rumo da conversa com seus falatórios cansativos, discursando a respeito da vida.

Mariana também tem um sentimento de insuficiência dentro de si, verbalizando não ter condições e não estar preparada para ter um filho como pode ser entendido na cena a seguir.

Após uma intervenção onde eu uso uma frase dita pela mãe “Joel não dá bola prá mim” referindo-me também a posição dela onde ela também não dá bola pra ele, a mãe fica em silêncio para logo em seguida relatar detalhadamente sobre não poder ter filhos.

“A mãe conta sobre não poder ter filhos. Sua fala é como um relato detalhado, com datas precisas, mas desafetado. Conta que o médico falou que ela tinha uma série de problemas (útero de criança, entupimento das trompas) e que não poderia ter filhos. Conta que ela tinha se conformado e pensava em adotar um filho quando mais velha

(aproximadamente 30 anos). Então ela usava camisinha para se prevenir contra DSTs. Mas em um determinado dia, a camisinha estourou e o Joel foi concebido. A mãe fala a data precisa mas a observadora não registra”(cena do 8º atendimento).

Esses diálogos travados percorrem também a relação de Mariana com Joel em vários momentos e aparecem em movimentos de distanciamento que podem ser assim denominados: **“Cada um na sua, me deixa!”**.

Esta expressão é bem pertinente para designar o lugar que Mariana ocupa em relação a Joel, isolando-se explicitamente, dizendo verbalmente à criança para permanecer sozinha em suas brincadeiras ou distanciando-se na leitura de um gibi ou ainda ocupando sua mente com as preocupações relativas ao trabalho.

(...) a terapeuta coloca a cola para criança e continua perto dele, vendo-o brincar. Em seguida fala: “Olha o que sua mãe está fazendo! Ta apontando lápis!” Joel então pede para a mãe pra ele apontar também e ela responde: “Não, me deixa! Você colore! Não tava brincando aí?!” (...) a criança levanta, pega uma espada e começa a falar de uma onça, dá uma espada pra terapeuta lutar e fala que a sua espada sai fogo e que matou a onça e pegou fogo na bunda dela. (cena do 3º atendimento).

(...) “Terapeuta: Sua mãe está lá lendo uma historinha!

Joel: Deixa ela!

Terapeuta: Cada um no seu canto! Sua mãe lendo, nem ouvindo a gente...

Mãe: Não, eu tô escutando! Só tô pensando em como vou remarcar as clientes.

Terapeuta: Pensei numa cena agora, você no trabalho, fazendo as massagens nas suas clientes e o Joel na sala ao lado brincando sozinho, como aqui.

A mãe concorda com a fala da terapeuta e diz que não pára de pensar, que às vezes desliga, fica longe.

(...) a mãe continua falando que em casa Joel pergunta algumas vezes para ela se ela está ouvindo, se está vendo ele.

Terapeuta: Ah, ele percebe!

Mãe: Percebe e por isso em casa não tem como desligar!

A criança joga um jogo perto da mãe e a terapeuta fala que Joel a está chamando para brincar com ele. Ela então pega o jogo de damas e começa a ensiná-lo como dispor as peças. A terapeuta os observa por um tempo. Em seguida, a criança pega o jogo, vai para o chão e começa a chamar as peças de oncinhas”. (cena do 4º atendimento).

Ao dizer que em casa ela não tem como desligar é como se justificasse o seu desligamento na sessão, um tempo para se refazer, revelando uma necessidade que tem de ser contida e também cuidada, o que é explicitado claramente na sequência da sessão quando queixa-se de sua solidão e da ausência e do apoio do pai de Joel, uma pessoa com quem pudesse contar.

(...)” Joel pega o caminhão e a tartaruga e começa a passear com eles pela sala, fazendo sons com a boca e de forma rápida. O caminhão e a tartaruga viram fazendo mais barulho. A terapeuta interrompe uma conversa que estava produzindo com a mãe, (a qual a observadora não registra) e diz: “Mas hoje está tudo caindo!”. (...) Durante o atendimento a mãe fica na cadeira bastante desanimada e a criança põe a sala abaixo, derrubando todos os brinquedos, tirando-os das caixas, esvaziando o armário, pulando de um brinquedo ao outro, sem se deter em nenhum. A terapeuta conversa com a mãe sobre o seu desânimo e associa com o grande barulho e confusão que Joel faz na sala. Em seguida aproxima-se de Joel e brinca com a criança de construir uma torre com peças de encaixe em meio a toda bagunça e a criança fala que só a terapeuta a ajuda. A mãe então se aproxima deles e fala: “Eu não posso ajudar?” Joel não responde, levanta, pega dois baldes, coloca um dentro do outro e senta-se em cima. A mãe o repreende dizendo que não pode sentar-se nos baldes, pois vai quebrá-los. Joel responde que os brinquedos são dele e a mãe revida dizendo que são de outras crianças que a terapeuta também cuida. Ele insiste

com a mãe dizendo que a terapeuta só cuida dele. Depois levanta-se e vai até o armário pegar mais brinquedos e começa a falar de um lobo”. (cena do 21º atendimento)

A mãe chega até a criança somente depois de um tempo, onde já há um caos instalado ou após uma intervenção ou um ato terapêutico em espelho quando eu ocupo o lugar vago aproximando-me de Joel. E quando ela chega Joel a despreza, não responde ou se afasta. O objeto tão desejado, quando chega atrasado, a criança não o quer mais e o destrói, matando-o. Esta cena se repetiu muitas vezes com o aparecimento de onça, lobo ou mesmo o uso de uma espada pra a mãe ou uma de nós.

Além da intervenção em espelho, ao ocupar um lugar que seria de Mariana, eu me identifico com Joel e seus sentimentos de raiva em relação a esta mãe que chega, a mãe real que se apresenta, seja com suas dificuldades ou limitações, mas a mãe possível de estar ali. Em aliança com a criança, desprezo a mãe real. Somos então, eu e Joel, capturados pela fantasia da mãe idealizada, um desejo buscado mas nunca realizado.

7.1.5 - O corpo a corpo, a massagista, o toque

O contato de Mariana com Joel se faz no corpo a corpo, sem palavras que mediem esta relação, o que leva a criança a recusar esta erogeneização, pois o toque corporal torna-se traumático pois não tem as condições simbólicas necessárias, a linguagem, o sentido mediador traduzido em palavras.

“A mãe conta que nesta semana Joel subiu na maca de fazer massagem, caiu e fez um galo na cabeça. Também fala que ele a chama para brincar, mas no final ele sai e a deixa

brincando sozinha. Depois comenta que Joel fica entrando nas conversas dos adultos. Eu pergunto se ele faz coisas de adultos e a mãe responde: “É, não sei o que ele quer! Eu faço carinho, mas é sempre pouco!” Depois continua falando que Joel fica esfregando nela. Eu questiono como é este esfregar e a mãe diz que é sentar no seu colo e ficar encostando e quando ela vai fazer carinho, ele fala que não quer e que ele que vai fazer carinho nela, passando a mão no seu rosto e cabelo. Em seguida, aborda outro assunto contando que quando estudava, deixava Joel com várias pessoas (avó materna, amigas) e hoje tem alguns sábados que ele vai para a escola e outros que fica com a avó materna ou amigas” (cena do 5º atendimento).

Joel ao mesmo tempo em que busca a mãe e a quer, se vê aterrorizado pelo grau de excitabilidade e foge, evita o contato e se coloca numa posição de decidir até onde agüenta estar com a mãe neste contato erótico. Este tipo de contato parece ser um forte ingrediente de agregação interna o qual combate toda a angústia de desagregação, angústia esta sentida contratransferencialmente pela terapeuta e pela observadora, que muitas vezes se perguntaram como esta criança não desenvolveu um quadro de psicose.

O assunto que segue na sequência da queixa da mãe em relação a Joel, do retorno daquilo que oferece a ele como sendo insuficiente me faz pensar em um lugar de insuportabilidade da mãe, de um lugar insuportável tanto no sentido do que a criança representa pra mãe quanto no sentido do que a mãe representa pra criança (a excitabilidade erótica é além do que Joel pode suportar). É necessário então um afastamento, outras pessoas ou dispositivos para amparar a criança (avó, amigas, escola, hotelzinho).

7.1.6 - Mariana como filha: o lugar da desgraça e a identificação com Joel

A partir do 6º atendimento, a mãe conta fatos marcantes de sua história e é ouvida atentamente por Joel, o qual se contém em sua agitação e passa a escutá-la. Seu relato é feito sem expressar sentimentos. Conta o quanto apanhou de sua própria mãe, sobre o quanto trabalhou durante a vida toda, desde os nove anos de idade, como foi explorada por sua mãe no dinheiro que ganhava, como foi enganada, pois aquele que considerava ser seu pai, na adolescência, ela descobre ser seu padrasto.

A mãe fala aceleradamente sobre a sua vida, sobre o relacionamento com o pai de Joel, como se encantou inicialmente com ele, com o dinheiro que recebia dele e as coisas que podia comprar. Conta sobre o relacionamento com sua mãe, a qual preferiu ter o padrasto a ela. “No bom sentido ela (avó materna) falou que eu era a desgraça da vida dela!”.

Terapeuta: Bom sentido da palavra desgraça?

A mãe fica um pouco sem jeito e fala que não gosta da palavra desgraça, mas foi a palavra que a sua mãe usou. E depois conta que ela saiu de casa porque o padrasto a molestou, queria transar com ela, pedia para beijá-lo e a sua mãe não acreditou (na 10ª sessão ela conta que o assédio começou aos 9 anos, mas ela o percebeu só aos 13 anos, ele comprava calcinhas e pedia para ela experimentar). Ela falou que a única coisa boa da vida dela era os namorados e que a filha queria acabar com isso. Então ela saiu de casa por escolha de sua mãe, que preferiu ficar com o padrasto.

A terapeuta fala a mãe sobre como ela oculta as coisas ruins, o bom sentido da palavra desgraça, não tem bom sentido. (cena do 6º atendimento)

Há sempre em Mariana este recurso defensivo de negação, uma forma de não entrar em contato com a dor que se vê totalmente excluída de seus relatos, não há expressão alguma de ressentimento, raiva, tristeza ou outra emoção qualquer.

As histórias se entrecruzam, pois ambos foram molestados sexualmente, há pontos em comum na história das relações, onde não houve um bom lugar para a filha na vida da mãe e onde também não há um lugar de graça para Joel em sua vida, e sim de desgraça. A história de Joel tem eco na história da mãe, pois Joel sendo molestado sexualmente faz com que a mãe reviva ansiedades e vivências aflitivas que se traduzem nas sessões por falas aceleradas e infinitas, assim como pelo distanciamento de Mariana em relação à criança.

Este distanciamento físico e afetivo pode ser entendido também a partir de uma vivência infantil de Mariana em relação a um irmão bebê, o qual teve um fim trágico. A partir de duas cenas do 17º atendimento, poderemos entender como isto ocorreu.

“A terapeuta e a criança brincam no teatro de fantoches e em determinado momento ela diz à criança que seu nariz está escorrendo. A mãe pega uma toalha, a qual está cheia de álcool e tenta assoar o nariz de Joel. Neste momento, a observadora sente-se muito apreensiva, pois percebe o cheiro forte de álcool. Joel começa a tossir, não agüentando o cheiro da toalha. A mãe sorri e pede desculpas, falando que havia esquecido que a toalha estava com muito álcool. Depois se levanta e sai para pegar um papel pra assoar o nariz de Joel. A terapeuta diz: “Quase sufocou Joel!” A criança fala que a terapeuta é a bruxa que vai sufocar o menino, corre e entra no armário. A terapeuta entra na brincadeira dizendo que vai pegar o menino. Joel abre o armário batendo a porta na terapeuta, que diz: “Mas o menino se defendeu!”. A mãe volta com um papel, assoa o nariz de Joel, comentado que saiu algo estranho dele. A terapeuta conta à mãe que tinha virado uma bruxa malvada que sufocou o menino. Joel pega duas tesouras e fala que vai cortar a

verruga da bruxa. A terapeuta se defende e diz que vai fugir dele como ele fugiu dela. Em seguida, a criança pega um jogo de toquinhos e chama a terapeuta pra brincar”.

Nesta cena podemos vivenciar mais uma vez em ato como a mãe não está pronta e atenta, é como se estivesse sempre num estado de desligamento e em total assintonia com a criança. Joel por outro lado, tenta elaborar comigo estas vivências desagradáveis que teve com sua mãe e demonstra que tem recursos pra lidar com isto.

Na sequência desta cena, eu (terapeuta) lembro-me sobre uma história que a mãe havia me contado sobre o bebê (seu irmão) que havia morrido.

“A mãe conta e se emociona ao lembrar da história. Ela relata que ela era muito pequena e estava morando numa pensão junto com sua mãe e irmãos. O seu irmão era bebê e estava muito doente por causa da água suja. Em um dia, sua mãe precisou sair e deixou o bebê no quarto junto com ela. Neste dia o bebê começou a chorar muito, sem parar e ela para fazer ele parar de chorar ficou em cima do bebê e dormiu. Depois disto ela só lembra da sua mãe chegando e tirando ela de cima do bebê. Ela relata o desespero de sua mãe e toda a trajetória até o hospital e do enterro. Em seguida comenta do sentimento de culpa que ela carrega. Mariana também associa a revolta e agressões de sua mãe com ela a partir deste acontecimento e conta que sua mãe teve muitos abortos e um dia disse que queria ter tido todos os filhos e ela respondeu que ela mal da conta de 3 filhos quanto mais de vários filhos”.

Eu associo o sufoco de Joel lembrando-me de uma menção da mãe a este seu irmão-bebê morto, assim como imediatamente à fala da mãe quanto a coisa estranha no nariz de Joel havia me feito recordar da água suja, sobre a qual ela já tinha falado quando me relatara sobre a morte deste irmão. Ela consegue então relatar com emoção a cena de sua infância onde participa de forma trágica da morte deste bebê.

Este episódio constitui então, um forte motivador para a desgraça (fantasma materno assassino) desta mulher que não cuida bem de crianças e que pode matá-los quando fica muito perto física e afetivamente.

A identificação em relação a Joel, quanto a este lugar de desgraça é vivida desde o seu nascimento, o qual é sentido como um desestabilizador de sua vida, como se ele tivesse nascido para bagunçar, desordenar os seus planos traçados e cronometrados.

“Terapeuta: ‘Como foi a notícia de ser mãe?’. Mãe: Foi difícil. Voltei ao médico pra perguntar a ele como poderia estar grávida. Passei dificuldades porque tinha 3 meses e 15 dias que tinha saído de casa e o pai de Joel não tinha condições de me assumir, pois já estava comigo há três anos e 5 meses e não tinha assumido até então. Era muito nova pra estar grávida 19 anos!’ (cena do 8º atendimento).

Mariana também vivencia sensações desagradáveis com Joel, as quais relaciona com vivências relativas a seu relacionamento com sua própria mãe. Na relação com a criança, ela vive o lugar do insuportável, do asco, do fedido, do feio, do repugnante.

No 11º atendimento, *Joel está brincando com o “jogo cai não cai” colocando as bilocas no brinquedo. A terapeuta comenta que ele está gostando do barulho que a biloca faz ao cair. A mãe concorda e acrescenta que na casa de sua mãe tem muito barulho e ela não gosta. Depois comenta que além do grande barulho, lá também não tem cheiro bom, que é fedido e feio. Joel acentua cada vez mais o barulho e a mãe pede a ele para não fazer tanto barulho porque ela está conversando. Depois fala com a terapeuta que está traumatizada com barulhos altos por causa das brigas dela com o seu pai. Joel troca de brinquedo, pega uma parte de um brinquedo e o faz de arma, depois larga e volta a brincar com o cai não cai.*

Uma cena semelhante acontece no 13º atendimento quando *a mãe relata um episódio em que a criança dá birra porque ela come um pedaço da banana dele, mencionando sobre a gula de Joel. Enquanto ela conta, ele imita um cachorro andando pela sala, bate a cabeça mas continua na brincadeira, sem parar. A mãe continua falando sobre o quanto Joel é guloso, como ele faz barulho pra comer e que lhe dá gastura (faz expressão de repulsa).*

No 20º atendimento, a mãe novamente associa comportamentos de Joel aos seus sentimentos em relação a sua própria mãe (avó materna): *Joel começa a colocar tudo dentro de uma caixa, toquinhos, massinha e muitos outros brinquedos. A terapeuta comenta que ele está enfiando tudo e que faz igualzinho com a comida, compulsivamente. A mãe comenta sobre o jeito que sua mãe come. Ela fala que não gosta de ver ela comendo. A terapeuta questiona sobre os seus sentimentos ao ver sua mãe comendo e ela responde que sente repugnância fazendo uma expressão de nojo. A terapeuta associa os seus sentimentos em relação a sua mãe com os que sente pelo Joel. Ela concorda e acrescenta:” Mas acho que o Joel ainda tem jeito!”.*

Identificada com Joel, Mariana não consegue enxergar as condições da criança, suas potencialidades, seus recursos e mesmo as suas necessidades. Não consegue reter em sua memória o que construímos nas sessões, pois encontra-se voltada para si própria e só consegue olhar para Joel como se ele fosse a pedra de tropeço em sua vida, alguém que surgir fora de sua agenda e atrapalhou todo o seu cronograma e que não tem capacidade para pensar ou sentir (exemplificado na cena seguinte).

“A mãe passa a falar sobre o pai de Joel, que ligou pra ele ir ver o menino no feriado, mas ele falou que ia viajar e só foi vê-lo um pouco. Conta que pediu 50 reais pra ele pois estava precisando e ele disse que não tinha, porque sua mãe (avó paterna) tinha quebrado o braço e ele teve que comprar remédios. A mãe questiona esta justificativa do pai de Joel

dizendo que o Joel só tem ele como pai a avó paterna tem aposentadoria e marido pra cuidar dela. Em seguida, comenta que não fala sobre o pai de Joel perto dele.

A terapeuta questiona esta frase, afirmando que Joel está atento a tudo o que ela diz na sala e está ouvindo tudo. A mãe, então, se justifica dizendo que só fala dessas coisas ali na sala e que só vai comentar estas coisas com Joel quando ele tiver entendimento. A terapeuta intervém falando sobre a cena da sessão anterior quando a mãe fala sobre os maus tratos sofridos na infância e Joel se sensibiliza aproximando-se da mãe e querendo saber sobre o sangue (referindo-se as surras que a mãe recebia)”. (cena do 11º atendimento)

Mariana também projeta em Joel os seus medos e angústias, sem discriminar o que é seu do que é dele, usando este recurso defensivo para se proteger. Diante de um perigo real não se posiciona como um anteparo a criança, como uma cuidadora preocupada, mas deixa-o a sua própria sorte.

“Joel puxa uma casinha de madeira em miniatura pela sala, fazendo-a de carrinho, a mãe tenta intervir alegando que ele vai estragar a casinha. Ele não a ouve e continua arrastando a casinha pela sala, a mãe desiste e fala a terapeuta como é difícil cuidar de Joel. Ele então pára de puxar a casinha, vai até o interruptor e liga o ventilador. A mãe diz: “Já falei que cai!”. A terapeuta questiona a mãe sobre os perigos que Joel correu quando em outro momento ele jogou uma bola para cima podendo quebrar a lâmpada e realmente machucá-lo, e ela não disse nada, enquanto que agora ela estava falando sobre um perigo que na realidade não existe. A mãe se justifica dizendo que tem trauma de ventilador de teto, porque uma vez caiu um na sua sala de aula. A terapeuta então diz que este medo é dela, mas o perigo real era o do Joel ter quebrado a lâmpada e se machucado. Depois conclui dizendo que dessa forma Joel fica perdido, sem saber onde está o perigo”. (cena do 13º atendimento)

7.1.6.1 - A menina invejosa

A mãe relata um fato acontecido com uma de suas clientes. *Ela conta que outro dia Joel falou com sua cliente que estava passando fome, que não tinha nada pra ele comer em casa. Continua dizendo que isto é mentira, pois a geladeira está sempre cheia e a cada hora Joel pega uma coisa. (...) A terapeuta tenta articular com a mãe acerca da queixa de Joel e de sua carência não de comida mas de atenção, afeto... A mãe responde que o que ela faz nunca é suficiente e que dá tudo a ele (cena da 43ª sessão).*

Em outros momentos registrados em minha memória (não registrados pela observadora) Mariana diz que Joel tem em dobro o que ela nunca teve em sua infância, como por exemplo, caixas de lápis de cor, as quais ela tem que comprar mais de uma, pois ele some ou come os lápis.

(...) A mãe diz a Joel pra ele ser persistente e fazer outro robô e que de repente as coisas podem mudar na vida das pessoas. Hélvia diz: “A mamãe é persistente, compra coisas pro Joel, enche a geladeira...” A mãe interrompe e diz: “Eu sou persistente, não desisto de ser alguém”. Hélvia diz que a mãe neste ponto fez diferente de sua mãe. Ela diz que às vezes deixa Joel se virar. Hélvia pergunta como e a mãe diz que às vezes obriga Joel a lavar o prato. Conta que Joel vai fazer uma modalidade aos cinco anos, que ela foi fazer só aos treze. Em seguida fala sobre a situação mundial.

(...) Hélvia fala com a mãe a respeito de sua comilança articulando com sua agitação (em outros momentos já tentou levar a mãe a pensar acerca do vazio que Joel sente, de ansiedades, de solidão). A mãe vai até a criança ajudá-lo com o brinquedo e a terapeuta diz: “Mamãe veio pro chão!”. Joel se afasta dela. Hélvia diz: “Ué, a mamãe chega e você se afasta?”. A mãe repete o que a terapeuta diz. Hélvia fala: “Tá acostumado a se virar sozinho(...)” (cenas do 44º atendimento)

A mãe teve muitas privações na infância e o seu discurso é que ela faz tudo pra criança. Mas ele parece insaciável, não se satisfaz com nada, quando tem tudo em abundância! Ela lhe oferece uma geladeira cheia e a criança diz: Não!

Ele não é aquilo que a mamãe espera e ela também não é aquilo que ele espera. Quando a mãe chega perto de Joel e ele foge é porque quem chega perto dele é a menina invejosa que queria estar no seu lugar e ter aquilo que ela própria lhe dá. Ele se afasta porque ela vem reivindicar o lugar que é dela. O que ela faz pra Joel não é pra ele, mas é pra si própria, por isso ele foge dela, ela o assusta.

Assim como a mãe nasceu pra estragar a vida de sua mãe (avó materna), Joel também nasceu pra estragar a sua vida. O ódio que ela sente por sua mãe está presente na relação com Joel. Há uma preocupação mútua de vingança. A mãe se preocupa com a vingança de Joel (*“Você vai me atacar?” na 37ª sessão*) e Joel também se preocupa com a vingança dela, pois ela engata nesta relação com o seu passado (e a geladeira cheia).

Joel entende que a mãe quer dar tudo a ele, mas não quer ser sua mãe. Mariana é propiciadora no sentido de mobilizar meios e recursos para que Joel tenha um bom desenvolvimento, mas não se doa, não se dá a ele, não se dispõe com o seu ser a ele, numa entrega de si.

A modalidade (ginástica olímpica) que escolhe pra ele é a modalidade desejada pela própria mãe e não por ele. A modalidade que Joel quer é ficar perto da mãe, ter uma mãe pra si, uma mãe que se dê a ele.

Ela se apresenta como uma mamãe-menina também não cuidada e muitas vezes assustada e o vínculo que consegue ter com Joel é um vínculo através do ódio. Ela, a menina não desejada, ele, o menino também não desejado.

7.1.7 - Relação de poder / erótica da mãe com Joel

As aproximações de Mariana em relação a Joel são marcadas pelo erotismo, pelo despotismo e pela imposição de ordens de um para com o outro.

“A terapeuta comenta que este brinquedo é difícil pra idade de Joel, a mãe concorda, depois a criança comenta sobre sua mudança de escola, em seguida desiste do quebra-cabeça, pega a caixa de massa de modelar e vai brincar no chão. A mãe pergunta a ele: “Você vai deixar nós duas aqui, sozinhas?”. A terapeuta comenta: “a conversa estava tão boa!” Joel não responde e demonstra que não está dando conta de abrir a caixa de massinhas. A mãe pede pra ele esperar, pega a caixinha de sua mão e explica como se abre, dizendo que não precisa rasgar a caixa. Em seguida, entrega a ele a caixa aberta. Joel pega a massinha, manipula na mesinha e fala: “É um bigulim!”. A mãe olha a massinha e fala: “O que é isso? Eu e a Hélvia não sabemos, né?”. Terapeuta: Eu imagino! A mãe: Também tô imaginando! Terapeuta: É um pipiu! Joel acrescenta mais massinha na horizontal ao bigulim e fala: “Pipiu com barrigão!” Depois repete esta frase, pega o bigulim e faz som como se estivesse atirando. Terapeuta: “esse pipiu atira?” Joel não responde, deixa a massinha e volta para o brinquedo cai não cai”. (cena do 11º atendimento)

Antes desta cena a mãe havia comentado sobre Joel ter acordado de madrugada reclamando que ela estava longe dele e que não gostava mais dele (dormem na mesma cama). Mostra à terapeuta com um gesto que estavam a um palmo de distância.

Joel está numa posição de ocupar um lugar onde não poderia estar, ser o homem da mamãe. É um lugar que o excita e ao mesmo tempo o deixa em pânico, o que nos leva a pensar que o funcionamento acelerado, maníaco de Joel é uma defesa contra a angústia de castração. Ele quer ser grande, quer dar conta de tudo e vive um grande peso de suportar o

desejo da mãe como mulher. Vive correndo atrás de algo proibido, pois ter a mamãe no desejo é a realização do impossível, ao mesmo tempo em que vive como se houvesse esta possibilidade da fantasia ser realizada. Neste sentido entra em parafuso, em rodopios (é o que faz nos atendimentos, girando entre os brinquedos) e o medo toma conta.

“A mãe fala sobre as ausências do pai, as promessas não cumpridas. Joel fica muito agitado andando pela sala. A mãe olha pra ele e lhe pergunta onde está o brinquedo, sorri e comenta: “Cadê? Sumiu?” olha em direção onde está o brinquedo. Joel acha o brinquedo que estava numa cadeirinha perto da bolsa da mãe. A terapeuta comenta: “Sua mãe havia guardado o brinquedo!” Joel pega o jogo e começa a montá-lo. A mãe o ajuda a montar. Depois percebe que o nariz da criança está escorrendo e fala que vai pegar papel pra limpar. Joel se agita e fala que ele quem vai pegar papel, a mãe retruca dizendo que ela vai e ele vai ficar brincando, mas Joel também sai da sala. Eles voltam rapidamente. Ao entrar na sala, Joel apaga a luz. A terapeuta pergunta se ele gosta de ficar no escuro. A mãe fala que ele não tem medo e acrescenta que ela não passa medo nele. Fala a terapeuta pra ela perguntar ao Joel sobre o que é injeção pra verificar que ela não passa medo nele. Joel olha para o ventilador e o liga. A mãe fala pra ele desligar porque senão vai cair na cabeça dele. Repete a frase dizendo que é perigoso. Joel demonstra ter medo do ventilador cair e pede pra mãe ir desligá-lo. A mãe começa a sorrir e fala que não vai desligar, que ele quem ligou e sabe desligar. Joel começa a ficar agitado, empurra a mãe para ir desligar o ventilador até ela cair da cadeira. A mãe continua rindo e dizendo que não vai. Depois fala; “Deixa eu te falar, você já desligou, olha, ele está parando!”.(cena do 12º atendimento).

Nesta cena podemos entender um elemento sádico na relação materna pois há um prazer da mãe em ver a criança sofrer ou com medo, tanto ao esconder um brinquedo quanto em deixá-lo à sua própria sorte, arcando com as conseqüências do que fez, ao ligar o

ventilador. Ao mesmo tempo que verbaliza que não passa medo na criança, em ato ela o faz, e não se dá conta disto, dissociando.

Outro elemento que aparece nesta cena é em relação às constantes saídas da mãe da sala de atendimento. Não é a primeira vez que isto acontece e nem é a primeira vez que Joel está gripado, com o nariz escorrendo, mas ela não se prepara pra isto, tendo um lenço na bolsa, o que nos leva a entender a necessidade que ela tem de se distanciar dele, nestas fugas estratégicas, demonstrando o quanto é difícil suportá-lo todo o tempo.

7.1.8 - O excesso e a fragmentação

Neste analisador encontramos os recursos utilizados por Mariana para poder criar Joel. São dispositivos cuidadores que ela busca no seu dia a dia, desde o nascimento da criança: hotelzinho, escola, amigas, avó materna, modalidades esportivas e por último, no final de nossos encontros, uma ajudante que irá auxiliá-la em seu trabalho de massagista e também ajudá-la com Joel e nas tarefas domésticas.

“A mãe diz que mudou Joel para outra escola, que ele fica em uma durante a manhã e na hora do almoço o Marcelo vai buscá-lo. Hélvia pergunta quem é Marcelo e a mãe explica que é o dono de uma das escolinhas que o filho frequenta e que ele já vai buscar outras crianças e aproveita para pegar o Joel. Conta que o filho fica em uma escola durante a manhã e em outra durante toda a tarde, às vezes até oito horas da noite”. (27ª sessão)

A casa de Mariana é seu local de trabalho e Joel não tem lugar em sua própria casa. *“Mariana conta que atende mulheres, faz depilação e Joel não pode ficar lá”. (30º*

atendimento). Além disto ela desespera-se quando Joel se recusa a ir para escola pois não sabe o que fazer com a criança:

“A mãe fala para a terapeuta: ‘Cê sabe que o Joel estuda em duas escolas’. A terapeuta diz que sim, que custou entender isso. A mãe continua falando e conta que a dona da escola em que Joel estuda à tarde a vendeu e que ele não quer ir à escola. A terapeuta pergunta se é escola ou hotelzinho e a mãe responde que é o hotelzinho”. (30º atendimento)

“Mariana conta que ele está agressivo, que se transforma quando sai da escola, que avança nela e a morde. (...) Ela diz: Ai Hélvia, eu não sei o que fazer, quando tiver cliente especial (massagem anti-estresse), eu levo ele pra minha mãe ... (...) ele está agitado, perdeu a calma e eu não to agüentando isso! (...) a mãe prossegue dizendo que há dias em que atende clientes até onze horas da noite, fala de Gabriela, a motorista que contratou para levá-la até os clientes e para levá-los a sua casa (...) fala também que está pensando em pegar o dinheiro com o qual paga a escola e pagar um esporte para ele (a observadora entende que Mariana não quer ficar com o filho)”. (cenas do 30º atendimento)

Na cena seguinte, a mãe chega à sessão contando sobre ter deixado seu filho a noite na escola para poder ir a uma festa e em seguida relata de forma confusa sobre uma birra que a criança deu por causa de uma xícara de café. Eu tento construir com ela uma intervenção de forma que Mariana possa se dar conta de quanto sua presença é fundamental para Joel.

“A psicoterapeuta pergunta à mãe: “Mas a agonia, o desespero do Joel tem a ver com a sua ausência?”. A mãe diz: “Eu percebo isso”. A psicoterapeuta continua: “Mas na sua presença isso também acontece...”. A mãe fala: “Às vezes eu tenho que bater nele e digo: Olha, eu to aqui! Às vezes ele nem percebe que eu estou aqui. Ontem eu deixei ele chorar muito, depois peguei ele no colo, dei banho, só mais tarde que ele acalmou um pouco”. A psicoterapeuta, referindo-se à história que a mãe contara sobre o nervosismo da criança,

diz: “Na verdade não foi o café ...” A mãe diz: “Foi uma explosão”. A psicoterapeuta perguntou à mãe: “Quando ele dorme na escola, como você faz?”. A mãe responde: “eu converso com ele, não minto pra ele.” A psicoterapeuta pergunta: “O que ele fala?”. A mãe responde: “Aném, mamãe! A psicoterapeuta repete: Aném mamãe! A mãe diz: “Então eu vou ter muito trabalho.” A psicoterapeuta afirma: “Ser mãe dá trabalho... ...” e a mãe diz: As vezes eu falo que eu não tava preparada pra ser mãe, eu vejo a história de minha mãe (prossegue falando da dificuldade que sua mãe teve para criá-la e aos seus irmãos, e que apesar de tudo, estavam todos saudáveis”. (cena do 22º atendimento)

Percebemos que Mariana não sabe o que fazer com Joel, é como se ele fosse algo a mais em sua vida, a sobra, alguém sem lugar. É como se a pergunta subjacente fosse : “Dou prá quem esse menino?”. A mãe não se dá conta que distribui a criança, não se preocupa se ele quer, se deseja fazer um esporte, ela parece querer se ver livre dele, e ele, por sua vez, reage a isto, angustiando-se e agitando-se extremamente.

“Joel continua desmontando os brinquedos, fazendo muito barulho, de forma muito agitada. A mãe fala de forma rápida o que teve que fazer para que Joel ficasse com sua avó. Neste momento a observadora teve muita dificuldade de registrar a sessão. (...) a mãe conta que recebeu um amigo de fora em sua casa no final de semana e Joel ficou um período do dia com sua avó e outra parte no hotelzinho. (...) a criança põe a sala abaixo, derrubando todos os brinquedos, tirando-os das caixas, esvaziando o armário, pulando de um brinquedo ao outro, sem se deter em nenhum”. (cenas do 21º atendimento).

Nesta sessão a impressão que se tem é que “tudo está caindo”, os brinquedos caem ao chão, coisas são derramadas e espalhadas. A tensão e angústia são imensas e tanto eu, terapeuta quanto a observadora somos acometidas de muito cansaço físico e dores tensionais no corpo. As sensações são de fragmentação e desconexão, é um turbilhão de

despedaçamento e de sem sentido. A mãe não consegue conciliar a visita de um amigo com a presença de seu filho em casa e Joel grita e procura em sua agitação um lugar possível junto a Mariana. Nos brinquedos espalhados e no caos da sessão, a criança fala de seu não-lugar e de seu desespero.

(...)” Joel derruba o brinquedo, pára, olha a situação e começa a reconstruí-lo. A mãe comenta: “Isso é uma evolução, em outros tempos, se isso acontecesse, ele faria o maior escândalo!” (continua reclamando da inquietude do filho). A psicoterapeuta pergunta: “O que é que faz ele parar aqui?”. A mãe diz: “Eu fico pensando nisto ... em casa ele fica quieto também ...” A terapeuta diz: “Aqui ele fica quieto, em casa ele fica quieto, na rua ele fica agitado ...”. A mãe diz: “Ele quer destruir”, em seguida fala sobre algo que aconteceu na cozinha e completa: “Eu sei que ta faltando alguma coisa, que eu preciso descobrir”. A terapeuta pergunta: “Você não sabe o que é?”. A mãe responde: “Ele está sentindo a minha falta!”. Joel então diz que a mãe foi a feira e deixou ele sozinho. A terapeuta e a mãe se interessam por aquilo que ele diz e a mãe pergunta: “Que história é essa?”. A terapeuta diz: “Ele está contando a solidão dele, que dói, que é difícil”. A mãe então conta a história de um homem que carregava uma cruz muito pesada e que um dia caiu uma pena em cima dele e que ele ficou muito nervoso porque a cruz ficou mais pesada e queria descobrir quem havia jogado a pena nele. Terminou a história dizendo que estava muito pesado para o Joel e que ela tem 23 anos e não sabe lidar com isso, que precisa aprender”. (cena do 22º atendimento).

Ao mesmo tempo em que a mãe se dá conta de sua posição de ausência em relação a Joel, não faz deste pensamento um elemento transformador mas responde à criança que participa da conversa expondo sua solidão, com uma ilustração onde projeta sua posição de vítima e de total falta de implicação, a implicação no desejo de ser mãe. “Quem jogou a pena na cruz?” Ela elabora muitas explicações e é abundante neste tipo de resposta, mas na

vida emocional é restrita, há uma pobreza enorme. Qual o culpado desta história toda? O pai, o médico que diagnosticou sua esterilidade, sua própria mãe? O que a mãe nos conta e que cada vez vai ficando mais claro, é a falta de lugar para esta criança na vida dela, não há lugar. *“Eu tenho que ir a São Paulo, mas não sei o que fazer com ele, acho que vou deixá-lo na escola” (23ª sessão).*

Além destas considerações, Mariana vive em relação a Joel, aquilo que a faz remeter à sua própria história e vivências infantis, aos seus enredamentos fantasmáticos, tanto agressivos quanto libidinais à criança de si/Joel, que ao mesmo tempo está longe e grudado, tudo em um tempo só. A criança abandonada e solitária, ela mesma. Há que se considerar também o sentimento de pena de si enquanto adulta e do outro de si (criança, filha, filho) que se abate sobre Mariana em sua vida pesadosa e que se presentifica na sua gravidez e no seu filho.

7.1.9 - A relação marcada pela violência, agressividade e rivalização

Alguns sentimentos agressivos e hostis são verbalizados pela mãe em relação ao Joel, assim como pela criança em suas brincadeiras direcionadas à mãe. Quando Mariana diz algo para criança em tom agressivo, esta verbalização é seguida de um comportamento que denominamos de “o seu disfarce”, que consiste em aproximar-se da criança e fazer cosquinhas em sua barriga, com brincadeiras artificiais. Essas cosquinhas, além de serem invasivas, pois a criança não gosta, também se constituem em algo primário que uma mãe faz com seu bebezinho.

(...)” Joel parece ficar irritado, pega os pinos do jogo com força, alguns estão caídos e isso parece irritá-lo. Levanta-se bruscamente e vai até o armário. A mãe diz para o filho: “Impaciente, bruto!”. (...) Joel diz: “Oh!”, a observadora olha, e a criança percebe isso. Diz: “Oh mamãe, oh Hélvia, mostrando uma pá!” A mãe levanta, vai até Joel, fazendo barulho, faz algumas brincadeiras com ele, cosquinhas. Depois, volta para onde estava, retomando a conversa onde a tinha parado. Tem-se a impressão que suas brincadeiras com o filho são forçadas, falsas”.(22ª sessão)

(...) Joel bagunça alguns brinquedos, a mãe diz: Ele é bruto! (...)

(...) A mãe pega um fantoche de lobo e começa a chamar pela criança, ele vira-se para ela e finge matar o lobo, simulando um revólver com a mão e imitando o barulho de tiros. A terapeuta diz: “Tá todo mundo bravo aqui?!” A mãe começa a dizer que ser mãe é muito bom, mas que é muito difícil, que ta plantando, que Joel pode ser preparado para ser um médico e virar um catador de lixo, que ela pode ter lucro e pode ter prejuízo. Fala que ser mãe de qualquer jeito é fácil e que está se esforçando para ser uma boa mãe. Diz que quando vê uma grávida na rua tem agonia, pois pôr filho no mundo é difícil, tem que ter responsabilidade. (...) A mãe diz que as coisas estão mudando, que está passando mais tempo com ele. “Tô tentando alimentar o coração dele”. (...) Joel vai até o armário, sua mãe está encostada nas portas dele, e a criança quer que ela saia, pedindo licença. A mãe diz: “Tem certeza que você quer que eu saia?”. A criança começa a se irritar, tenta abrir a outra porta, pedindo licença algumas vezes. A mãe sai e os dois continuam se provocando. A terapeuta pergunta: O Joel te dá raiva?. Eles continuam o que estão fazendo e a mãe não a responde. A terapeuta diz: Quer dizer que o Joel desperta raiva? A mãe diz que as vezes sim falando da natureza difícil dele. Hélvia diz: Mas você falou que é uma natureza muito parecida com a sua. Mãe e filho ainda estão disputando a porta do armário, ela inicia uma frase para o menino completar: “Licença...” .. e Joel fala: “Por favor...” Ela prossegue: “Mamãe...” e Joel diz: “Eu te amo!”.(25ª sessão)

Nesta cena, Joel é colocado em uma posição de investimento, como um negócio através do qual a mãe obterá lucros ou não. Ele poderá trazer para ela um retorno financeiro ou

não. Joel é colocado num lugar de investimento de risco, é olhado segundo os benefícios que poderá trazer para Mariana e não para si próprio.

A rivalização aparece no final da cena com provocações de Mariana, a qual exercendo sobre Joel um poder despótico, subjugando-o em seu padrão mecânico de obter respostas treinadas da criança.

(...) Hélvia vai ajudar Joel a montar e ele pede pra ela não mexer. A terapeuta então se afasta e diz: “Agora é você e sua mãe!”. Joel pede licença pra Hélvia e senta-se no lugar onde ela estava, chamando a mãe pra perto de si. A terapeuta então, diz à mãe: Hoje o Joel quer você pertinho, ele está te chamando muito. Joel fica de frente pra mãe, brincam montando um castelo. A mãe pega uma peça, que é uma porta, mostra a Joel e a puxa de volta. Fica fazendo este movimento de vai e vem. No início Joel se diverte, mas depois começa a ficar irritado e diz: “Me dá aí idiota!”. A mãe pergunta ao filho: “Pode xingar?”. Joel responde, bravo: “Cê não me dá a porta!”. A mãe continua provocando-o com o brinquedo, fingindo que vai entregá-lo, mas não entrega. Joel diz: “Me dá a porta!”. Mãe: “Como que pede?”. Joel diz: “Me dá a porta, por favor!”. A mãe então entrega ao filho. Joel pergunta à mãe se ela não vai brincar e ela responde: “Eu não, você me chamou de idiota!”. Joel então puxa a blusa e esconde o rosto (cena da 39ª sessão).

A mãe provoca a irritação na criança, ele reage xingando, ela então o pune, castigando-o com o seu distanciamento, não ficando com ele, não brincando. Ela faz com que ele sintasse um garoto mau, o garoto que faz maldades com as pessoas e as ataca. Mas neste jogo, o desejo subjacente é manter-se afastada dele, pois a proximidade com Joel é ameaçadora, há o medo da dependência, do vínculo, do amor. A mãe inverte o jogo e Joel fica como se fosse o responsável por ter estragado a brincadeira. Ele fica então, sobrecarregado de coisas que não são dele, pois a mãe projeta na criança suas vivências infantis.

7.1.9.1 - O pacote entregueado

Joel, o filho/pacote entregueado por Deus, o qual designou Mariana a ser mãe apesar de sua esterilidade e de todas as condições adversas de sua vida.

“A mãe fala à terapeuta que está buscando de alguma forma estar com Joel, não só buscar por buscar. A terapeuta pergunta o que ela está buscando e a mãe responde: “Ser mãe, ser boa mãe, porque a partir do momento que você é designada ...” Hélvia lhe interrompe: “Quem te designou?” e Joel responde: “Eu não sou empregado!”. A terapeuta pergunta o que a criança falou, contando que entendeu ele dizer “eu não sou entregueado”. A mãe diz que o filho falou “eu não sou empregado” e depois responde à pergunta que Hélvia lhe tinha feito: “Deus, porque eu sou estéril, se Ele deixou que eu fosse mãe é porque tenho capacidade para ser mãe”. A terapeuta conta para mãe que ela não é estéril e aponta para Joel, em seguida pergunta à mãe se ela ainda não tirou a esterilidade da cabeça. A mãe fala que não teve mãe, que é sozinha com Joel, contra dez, contra o pai dele e contra as duas avós. Hélvia diz que a mãe não está sabendo o que fazer com este pacote que lhe foi entregueado. A mãe se assusta e a terapeuta diz que Joel participou da conversa e pergunta se ela não ouviu o que lhe disse. Joel pega a espada, duela com Hélvia e mata todo mundo várias vezes”.(26ª sessão)

Há aí um conflito travado e vencido por algo que a mãe não pediu, mas que veio. Não é do desejo dela, de sua carne, de sua natureza humana, mas é do desejo de um Outro, como um pacote para ela cuidar, figura ilustrativa que me veio imediatamente à mente durante o diálogo e que soa com muita crueldade, pois coisifica um ser humano. Mariana foi designada como aquela que carregará esse pacote, mas não do desejo de ser mãe e ter filhos, pois o desejo de ter tido este filho não é dela, mas de Deus. Não tinha em sua cabeça

nenhum filho sonhado. O filho da cabeça nunca existiu, pois há uma correlação de igualdade entre a esterilidade física e a esterilidade da cabeça.

Além disto, como ser mãe se ela própria diz não ter tido mãe, não ter sido desejada enquanto filha? E estar lutando em sua solidão, contra dez, contra o pai, contra todos?

Além disto, o nascimento de Joel vem como uma forma de ataque à mãe, que então passa a ocupar a posição defensiva, situação ilustrada nesta cena da 33ª sessão:

(...) A terapeuta pergunta a mãe: “O que você está pensando? Está longe”. Em seguida, Joel vai até a mãe e pede que ela conte uma história e a mãe diz: “Que história você quer que eu conte? A história de sua vida?” Joel faz birra, pulando, sapateando e a mãe pede para que ele não a agrida. A terapeuta insiste para que a mãe conte uma história, segura Joel perto de si, mas ele quer ficar perto da mãe. Ela então começa a contar uma história com os fantoches no teatrinho de madeira. Na verdade, a mãe não elabora nenhuma história, mas nomeia os fantoches, chamando por Joel. Ele pega outros fantoches, vai até ela e a ataca. Em seguida, diz que quer sair pra beber água.

Tudo isto também é assustador e ameaçador para criança que após atacar, também se esquiva, quer sair de perto.

A relação é marcada pela violência interna tanto da mãe quanto da criança e toda educação é uma casca, um disfarce, como será ilustrado na cena a seguir:

“Joel anda pela sala arrastando os pés, fazendo barulho. A mãe o chama para ajudar a guardar os brinquedos. Ele diz que vai esperá-la lá fora e sai correndo. A mãe fica nervosa, vai atrás dele e o coloca de castigo, sentado na cadeira. Joel começa a chupar o dedo, põe um pé na cadeirinha e a derruba. A mãe diz que é para ele ficar quieto, onde ela o colocou de castigo, que cadeira não é lugar de por o pé e que se ele a desobedecer, vai apanhar até voar sangue”. (cena de final de atendimento da 33ª sessão.)

Talvez só haja a casca e o disfarce, pois o núcleo duro que é a história não contada, permanece cristalizado e traumático, em forma da desgraça no bom sentido, como já discutida no analisador Mariana como filha.

7.1.10 - Criatura x Filho

Na 37ª sessão Joel apresenta-se de forma mais centrada. *Cumprimenta a observadora dizendo claramente o seu nome: “Bom dia, Isaura!”, em seguida vê o bloco vazado, senta-se nele, depois levanta-se e vai andando pelo corredor. (...) A mãe conta acerca de ter ido acompanhar Joel em sua aula de futebol e fala que Joel não se concentrou e que a toda hora ele ia lá onde ela estava e lhe dava um beijo ou então ficava chamando por ela no campo. A terapeuta comenta rindo, que Joel estava tão feliz de estar lá com a mãe junto dele que não conseguia jogar. A criança então concorda com a terapeuta, com a cara séria.*

O semblante sério de Joel é como uma confirmação de sentir-se compreendido e acolhido em seus sentimentos e o quanto este tipo de conversa é importante pra ele.

(...) A mãe comenta algo com Joel e o chama de criatura. Ele fica bravo e pede pra mãe não chamá-lo assim. A mãe comenta com a terapeuta que Joel não gosta de ser chamado de criatura e a terapeuta conversa com a mãe sobre a diferença entre criatura e filho. Em seguida diz que Joel compreende o significado e o sentido das coisas e reage a isto, reage àquilo que não gosta.

A seguir o diálogo com a mãe se desenvolve sobre o tema “ser mãe”.

(...) A mãe diz que aonde vai só escuta reclamações de Joel e que o único elogio que escuta é que ele é bonito. Fala da dificuldade de ser mãe, de doutrinar um ser humano. Comenta que as pessoas dizem que ter filho é muito bom e que ela fica olhando para os

lados e pensa como é que tem gente que quer ter dois, três filhos. A terapeuta diz à mãe que desenvolver um lugar de mãe é muito trabalhoso e é muito diferente de ser babá (referindo-se a uma fala anterior da mãe, a qual dizia que não entendia como podia ter cuidado de tantas crianças quando era babá e com Joel tinha tantas dificuldades). A terapeuta diz: “Um filho dá muito trabalho”. Em seguida fala sobre ser mãe e associa as reações que Joel tem em relação ao tratamento que recebe. (nesta sessão ele ignora a mãe quase todo o tempo, não responde, vira-lhe as costas, não chega perto). A mãe diz que é difícil doutrinar um ser humano, que ser mãe não é difícil, que ela já é. A terapeuta pergunta então se ser mãe é doutrinar. A mãe responde que mãe educa, escola ensina e conclui que tem que se esforçar mais.

Eu utilizo uma metáfora religiosa pra entender o lugar da criatura e do filho na discussão realizada com a observadora após esta sessão. Lembramos do sobrenome de Joel, que depois do nome composto vem: Joel Manoel “de Jesus”. Na concepção cristã só nos tornamos filhos de Deus quando entendemos e nos rendemos aceitando o sacrifício de Cristo na cruz, pois antes disto não somos aceitos como filhos, somos criaturas apenas. Tem uma passagem e esta passagem é mediante um sacrifício, uma morte, uma perda. Na metáfora psíquica também há a noção de sacrifício e perda, pois quando se aceita perder o filho como objeto de desejo, se consegue obtê-lo de outra forma, dentro de um registro simbólico onde só assim ele se tornará um sujeito.

Ser criatura de Deus é ser colocado à sua própria sorte, sem pai nem mãe. Uma babá cria e atura, mas ser filho é diferente de criar e aturar. Isto pode ser realizado com um animal, dentro de um princípio de atender as necessidades e aturar. Mas para com um filho que se constitui no desejo de uma mãe e um pai, há a criação, o criar, o aturar mas também um projeto de vida emocional, um desejo direcionado a este filho.

Há uma frase que ficou registrada em minha memória, mas que não encontrei registros nas sessões, a qual diz respeito tanto à mãe quanto a Joel: “Eu me fiz sozinho”. Não tenho certeza se é uma repetição de uma frase dita pela mãe ou se surgiu espontaneamente.

Esta frase nos faz pensar em uma independência, mas que é algo sobre-humano pois ninguém se faz sozinho, não há condições de vida. Ainda que as relações sejam como minas de ódio, mas ainda assim são relações humanas que estabelecem um tipo de vínculo. Assim o foi com a mãe e assim também o é com Joel.

Por outro lado, a expressão usada pela criança “eu me fiz sozinho”, também nos leva a pensar no desejo materno, de ter um adulto por perto e não uma criança, um adulto já pronto e não uma criança, um ser em desenvolvimento e que requer tanto de quem exerce a função maternante.

(...) Joel chama a mãe eles começam a brincar. Ele abraça a mãe e a terapeuta e a mãe comentam que não sabem se é um abraço ou um ataque (este movimento acontece depois de quase uma sessão inteira onde Joel ignora a mãe). Hélvia diz que a mãe está implicando Joel. Senta-se perto deles, fica conversando e observando. Mãe e filho interagem. Hélvia diz que eles estão brincando. A mãe diz que está aprendendo, que nunca brincou, que não sabe brincar, pois trabalha desde os nove anos de idade. Diz que as coisas tem que nascer pra ela, tem que brotar. A terapeuta diz: Aprende com ele. A mãe então responde que está aprendendo a perguntar o que Joel quer. A terapeuta fala que está percebendo uma mudança na mãe, que está mais próxima de Joel (...)

Nesta cena podemos entender que através do trabalho terapêutico, um espaço está se abrindo entre eles. Há um espaço sendo aberto também na criatura babá, onde o desejo

pode ser expresso. Ainda que haja agressividade de ambas as partes, raiva, competição, ainda assim percebemos um espaço para que os afetos sejam nomeados e possam aparecer.

7.2 - Caso 2: José Paulo e Sandra, pais de João Vítor

Esta família chega para atendimento na clínica psicológica em função do mutismo de João Vítor, uma criança de 2 anos e 4 meses.

A mãe Sandra, tem 31 anos de idade, trabalha em uma loja de shopping e o pai, José Paulo, técnico agrícola, tem 51 anos, embora com uma aparência como se fosse bem mais jovem. Hoje trabalha com vendas, de forma autônoma, apresentando muitas dificuldades em seu emprego quanto a ganhos financeiros.

O casal vive dificuldades de relacionamento, com brigas e agressões físicas em virtude dos ciúmes exagerados de Sandra. Apresenta também muitos desacordos quanto à criação de João Vítor.

O pai anseia por colocar a criança na escola e imagina que é a escola que o ajudará a desenvolver sua fala. *“Quando chega para o atendimento psicológico, o pai encanta-se com a sala e os brinquedos e chama o lugar de escolinha e a terapeuta de professora” (1ª sessão).* Durante todo o atendimento trará as discussões que trava com Sandra sobre a ida de João Vítor para escola, insistindo que a companhia dos primos na casa da avó materna e a própria avó é que fazem com que a criança seja como ela é, com dificuldades para brincar, sendo destrutivo com seus brinquedos, numa conduta imitativa dessas crianças (primos).

“Ao final da sessão o pai e a mãe catam no chão os brinquedos espalhados pela criança. O pai fica referindo-se a João Vítor como se fosse professor, ensinando. A mãe então dá broncas no pai pois este não segura a criança que fica bagunçando aquilo que

eles tentam organizar. Ele então pega João Vítor no colo e fica brincando com fantoches. Terapeuta: Falta bronca do papai? Pai: Não adianta falar não! Teve uma hora que eu falei e ele reclamou. Esse tipo de educação a criança pega na escola. A avó protege muito. Ele quer continuar, não adianta dar bronca, ele vai continuar”. (1ª sessão)

Os pais se colocam a serviço da criança, recolhendo tudo pela sala, enquanto João Vítor se diverte tentando interferir. O pai não se impõe mas toma uma atitude no sentido de distrair a criança, não sente-se capaz de educar seu filho, mostrando-se insuficiente diante dele e projetando na escola a expectativa de uma mudança e solução.

A mãe por sua vez, insiste em deixá-lo na casa dos avós maternos, demonstrando querer guardar o nenê do mundo e de seus perigos. *“Lá na minha mãe tem proteção, eles olham pra que ele não machuque, na escola não vai ter isso”. (mãe na 1ª sessão)*

Durante o primeiro ano de João Vítor moraram alguns meses em uma fazenda, na qual José Paulo foi trabalhar com um primo. Sandra viveu a contra gosto nesta fazenda, pois tem muito medo de bichos e em função deste medo, não deixava João Vítor no chão. A criança então ficava em um andador e só foi engatinhar com 1 ano de idade.

“Não deixava no chão porque tinha medo, só ficava no chão quando eu estava por perto” (mãe na 1ª sessão). “Eu não saía de perto. Mesmo dormindo eu ficava olhando, com medo de bicho” (mãe na 2ª sessão).

A posição de Sandra em relação a criança é de uma presença absoluta, sem deixar uma lacuna ou espaço para que João Vítor apareça com suas potencialidades e próprios recursos e se desenvolva.

A vinda para cidade foi um desgosto para o pai, o qual também fala que seu filho reagiu mal, pois na fazenda ficavam muito juntos e na cidade cada um teve que ir pra um lado, a mãe para o trabalho e a criança para casa dos avós.

“Vidinha boa... mas sai de lá, já criou barreira. Cedo eu cuidava do gado e das galinhas e João Vítor ia comigo. Andava a cavalo, era uma vida que não existe melhor. Lá ele tinha toda felicidade do mundo. Aqui já foi pra dentro de casa, da avó. Quando era pra deixar ele lá eu disfarçava pra ir embora ou deixava ele chorando, não gostava de levar...”(pai na 1ª sessão).

José Paulo e Sandra já levaram João Vítor em consultas médicas especializadas onde receberam o diagnóstico de normalidade física. *“Ouvir ele ouve muito bem”* (pai na 1ª sessão). Eles então, atribuem a ausência de fala da criança a dois tombos que ele teve, um na fazenda, aos 5 meses quando caiu da cama e outro do carrinho do supermercado aos 8 meses. Além disso, José Paulo fala que os homens de sua família conversaram tarde, um tio paterno foi falar com 3 anos de idade.

O pai relata que ele tinha vontade de falar e vocalizava quando morava na fazenda, entre 4, 5 meses fazendo várias entonações de voz para se comunicar. *“A única palavra nítida que fala é vovó e às vezes chama o papai de vovó”* (mãe na 1ª sessão)

Logo no primeiro encontro, José Paulo apresenta-se bem falante enquanto Sandra fica mais calada e João Vítor esparrama brinquedos batendo-os com força na mesa de crianças, fazendo muito barulho.

A mãe comparece somente durante as sessões iniciais do atendimento conjunto, depois desiste, sendo que durante as sessões seguintes, que perfazem 10 meses, o atendimento foi realizado com o pai e a criança, entremeado com muitas faltas.

A seguir, estarei elencando alguns analisadores que nos darão uma noção mais apropriada das relações entre os pais e a criança inicialmente e entre José Paulo e João Vítor no corpo total do atendimento conjunto.

7.2.1 - *A família sorriso: o sorriso escondendo a palavra, a angústia, o passado, a história*

Logo no primeiro encontro, na sala de espera eu me deparo com uma linda família, eles me parecem coloridos e todos têm um largo sorriso nos lábios. Todos aparentam viver bem, aparentam um clima de união e felicidade. A mãe, de cabelos longos e pretos, alta e bonita; o pai, loiro, de aparência jovem, e o filho, uma criança sorridente, de cabelos dourados.

Nos inícios das sessões, quando pergunto aos pais como estão, eles respondem efusivamente: *Mãe: Muito bem! Pai: Ótimo! (2ª sessão)*

Há uma aparência de felicidade, mas que se desmonta no decorrer das sessões quando aparece com mais clareza as desavenças do casal e o descontrole de Sandra. Existe a queixa em relação a João Vítor que não fala, mas não há sinal de angústia quanto a isto. A criança parece esquecida em relação ao casal que toma conta das cenas.

“Eu tinha vontade de viver calmo, numa boa, tudo funcionando direitinho... eu queria dar a Sandra a vida que ela sempre teve, o pai deu tudo pra ela...” (pai na 8ª sessão).

Sandra está de olho em José Paulo, em todos os seus movimentos e palavras (*“Fui ajudar meu irmão em São Paulo, ela ficou quase louca” - pai na 7ª sessão*) e este por sua

vez, também está ligado a ela, direcionando todas as suas forças para satisfazê-la e supri-la, ao mesmo tempo em que um quer exercer o domínio sobre o outro, anulando a palavra e a história passada.

(...) Terapeuta: Não é só o João Vítor que não fala! Pai: Eu? (risos). Mãe: Eu também sou quieta. Acho que forçar ele é pior. Ele se sente obrigado a falar o que a gente quer. Pai: Tem que ser natural. Na sala pedi pra ele falar bom dia pra moça, mas na verdade ele não fala nada. Pra que ficar mandando? Isso deve perturbar! Terapeuta: Não é só ele que não pode falar. Vocês também têm problemas de não poder falar como no final do último atendimento que você disse que não é a primeira vez que é pai. Não é só João Vítor que não pode falar, parte da história de vocês também não e não adianta eu querer forçar. Pai: A vida tem o presente pra resolver, eu deixo o passado pra trás, parece que nunca vivi. Terapeuta: É a impressão que dá, que você nunca foi pai. Neste momento João Vítor derruba com rapidez todos os brinquedos da mesa demonstrando desespero. Pai: Comecei com Sandra, ela não aceita que puxa pra trás, parece que nunca vivi. (...) (cena da 7ª sessão).

José Paulo tem uma experiência passada da qual não pode fazer uso, submete-se aos caprichos de Sandra, a qual por ciúmes não suporta ouvir o passado de seu marido. Mesmo que a minha palavra seja dirigida a ele tentando tocar em sua história, suas vivências, o pai responde com sorrisos, como se dissesse “está tudo bem, o presente é lindo, o passado já foi!”. Ainda que a criança faça barulho enunciando os seus sentimentos de tal forma que revele que há uma angústia presente, ela não é olhada pelos pais, que continuam a conversa.

“O pai relata uma briga violenta que teve com Sandra, com agressões físicas e muitas discussões: “Ela pegou minhas roupas e disse pra eu ir embora. O João Vítor me puxou para um canto e fez sinal pra eu me calar e ele estava rindo. Terapeuta: Rindo? Será que é

de nervoso? Pai: Não sei, porque não prestei muita atenção nele, por causa da briga. (...) não quero falar essas coisas perto dele, porque basta o que ele viu. A criança então faz uma carinha de piedade. Pai: Acho que ele quer fazer cocô.” (10ª sessão).

A relação do casal toma um vulto mais significativo, muito maior do que aproximar-se da criança, ela fica esquecida. A mãe só pensa em si e ambos não tentam entender os sentimentos de João Vítor, conversando, tentando dar sentido as suas vocalizações ou gestos, acolhendo-o, criando laços afetivos. (*“João Vítor fala algo e a terapeuta pergunta à mãe o que ele quis dizer. A mãe então responde: Ah! Não sei!” - 7ª sessão*). O pai, por sua vez, não consegue articular a angústia da criança camuflada pelo sorriso, com o desamparo dela diante das vivências agressivas do casal, mas interpreta segundo incômodos físicos associando a feição física com a vontade de fazer cocô.

José Paulo assume diante de João Vítor uma postura de exigência para que ele fale e ainda que ele perceba que isto causa um grande mal estar à criança, continua colocando palavras em sua boca, respondendo por ele ansiosamente, não esperando o que a criança tem a dizer, ainda que seja o silêncio.

Não cria uma história com seu filho, não faz interrogações, não pergunta nada a ele, mas exige que ele fale sem dirigir-lhe a sua própria palavra, ocultando-lhe a sua verdade de vida.

(...) Pai: nunca usei minha experiência de pai com João Vítor, ela sempre barra. Mãe: Como toda mulher eu não gosto, não da experiência de ser pai (em seguida volta sua atenção pra criança). Pai: Estávamos falando de filho e não de mulher. Minha experiência de pai fica anulada perante João Vítor, você não aceita. (A criança derruba brinquedos). Mãe: Nunca falei que não aceito isto ou aquilo. Pai: Você sempre anulou minha vida de

pai com João Vítor. Você não aceita minha experiência! (a criança neste momento derruba muitos brinquedos). Terapeuta: O que foi Sandra se aborreceu? Mãe: Não, não sei aonde ele quer chegar, nunca fiz isto mesmo.... (continuam a discutir). (cena da 7ª sessão).

Além de desejar negar e apagar o passado como se não tivesse vivido, José Paulo assume uma posição perante João Vítor semelhante ao sintoma que a criança enuncia, pois com sua boca atada (mutismo paterno) por si mesmo, o pai não se revela à criança com o seu ser inteiro, sua história de vida, suas vivências pessoais, suas raízes. Não há conversa possível com João Vítor, não existem palavras que dêem sentido a vida desta família, mas sim histórias omitidas e veladas.

7.2.2 - O pai desistente

José Paulo posiciona-se como alguém que está sempre correndo, fugindo ou desistindo de alguém ou de algo e estes são verbos muito usados por ele: fugir, correr e desistir. Classifica-se como um apaixonado desistente e relata da seguinte forma o nascimento de João Vítor:

“Eu sou um apaixonado desistente. Numa festa de São João bebemos muito, brincamos muito. No outro dia não lembramos de nada. Era João Vítor na fita”. (8ª sessão).(...) “Se eu não tivesse ele, não tava nessa situação. Lembra que eu te falei da bebedeira? Acho que a bebedeira foi só minha, porque ela não bebe, se aproveitou da situação pra colocar o cadeado “Cadê meus netos” (23ª sessão).

O nascimento de João Vítor é narrado como o resultado de um engano e José Paulo se coloca numa posição de vítima como se pudesse não ter tido participação alguma. Nada tem parte dele nesta história!

Quando José Paulo usa essa expressão “cadeado cadê meus netos”, esse encadeamento de palavras diz de um lugar em que ele se coloca, o lugar de um vovô esperando netos. Referindo-se aos netos, ele foge do lugar de pai. Desta forma, fugindo do lugar de um pai esperando filhos, revela o que se esconde na ordem de seu desejo: está velho demais para ainda ser pai! E João Vítor responde a este desejo paterno chamando-o de vovó (como dito pela mãe) ou de vovô, tanto faz, pois no corpo de um homem há de ocupar uma posição feminina de uma mãe (analisador a ser descrito posteriormente).

Além de João Vítor ser resultado, fruto de uma bebedeira e de uma amnésia total parece que ele também está vinculado a um lugar de atrapalhão, nasceu para atrapalhar a farra do casal.

Na 14ª sessão, José Paulo fala de sua relação com Sandra, de seus desentendimentos e de sua paixão. Na seqüência, João Vítor levanta-se do lugar onde está, vai até a casinha de bonecas e pega uma caminha. O pai então diz: Essa cama não! Lembra que quebramos, você quebrou ela na semana passada? Você quer fazer barulho para atrapalhar o assunto?

João Vítor acompanha as palavras de seu pai encenando através do interesse pela cama de casal, lugar de brigas e de paixão, onde ele vive juntamente com seus pais esse drama amoroso cheio de ódio e amor. O verbo colocado na primeira pessoa do plural pelo pai diz de um lugar vivido por ele projetado em seu filho, que tem o sentido de romper, partir, destruir, separar. Diz de um lugar que José Paulo não quer estar ao mesmo tempo em que

quer, revelando assim sua ambivalência. Mas também se defende acusando João Vítor de ser o causador desta confusão toda em sua vida, não assumindo assim, a sua responsabilidade, a parte que lhe cabe na construção de sua própria história.

A ameaça de estar indo embora é constante e está sempre presente nas palavras de José Paulo:

(...) “Esses dias eu fiquei pensando ... ele é muito inteligente, escuta tudo. Nas desarmonias com Sandra a gente fala que vai esperar ele falar, se expressar, pra parar com essa vida atrapalhada” (9ª sessão). (...) “Ele agora está assim: no meio da noite acorda e vai deitar com a gente, aí ele se agarra em mim como se fosse um bichinho pra dormir. Acho que ele fica com medo que eu pegue a estrada” (15ª sessão).

João Vítor vive em uma expectativa ansiosa de que a qualquer momento seu pai pode ir embora, pois ele ouve a história sendo contada, mas como se fosse à margem de si. Os pais e o pai em especial não fala com ele diretamente, mas fala dele em sua presença. As palavras paternas situam-se à margem e não são dirigidas à criança olhando-o no rosto, falando com ele.

A emergência do falar em João Vítor é colocada num lugar paradoxal, pois o falar indica uma abertura do cadeado, portanto o pai e a mãe podem ir cada um para o seu rumo e o não falar, indica uma posição trancada, uma forma de garantir a condição de permanência do casal juntos.

Quando o filho caçula de sua outra família (Júlio) procura e encontra o pai na casa da avó paterna, João Vítor vive momentos de muita ansiedade quanto à expectativa do pai

desaparecer. *“Esses dias ele me agarrava, me puxava e não deixava eu sair” (pai na 13ª sessão).*

José Paulo também viveu uma história semelhante com seu próprio pai e ele diz não lembrar-se muito de seu pai. *“Minha mãe e meu pai são separados, ele mora em uma fazenda em Goiás. Tenho pouca memória dos dois juntos” (8ª sessão).*

Da forma como José Paulo fala de seu pai, dá-me impressão de que está morto e quando ele menciona na 15ª sessão acerca das escolhas de nomes de seus filhos, sobre as quais não teve participação, eu pergunto: *“Como chamava seu pai? Ele então responde: Chamava não, chama! Ainda é vivo! (...) Terapeuta: E o João Vítor, conhece o vovô? Pai: Conhece, conhece o vovô, mas o vovô não tem paciência, não gosta de menino”.*

O seu pai também parece ter sido desistente na vida de José Paulo, alguém que não se fez presente e isto de tal forma que é dado como morto por mim, não como palavra falada, mas como vivência emocional comunicada.

“(...) não tenho memória dele com minha mãe, ele sempre foi presente. Ele me trata até hoje como um menino! Entra em minha casa e vai me mandar a qualquer hora. A minha mãe se preocupa muito comigo, me liga todo dia” (8ª sessão).

Ainda que ele tenha um pai distante não só fisicamente mas afetivamente, José Paulo usa de negação para não aproximar-se dos sentimentos relativos a ele.

Desta forma, José Paulo faz uma articulação de que tudo que um filho necessita é de uma mãe. Diz assim em relação à Sandra na 8ª sessão: *“Se a gente se separa, ela tem o menino dela. Quem é dona é a mãe!”.*(...) E em relação ao seu filho caçula do primeiro

casamento: “*O Júlio tá pensando em ir para os Estados Unidos, quero falar pra ele não deixar a mãe dele sozinha*”. (14ª sessão)

Ele está numa posição pré-edípica, o que interessa é o filhinho e a mamãe somente, nada além desta dupla idílica, deste lugar de completude e gozo. “*Sou muito ligado com a minha mãe, nós somos muitos lá em casa, somos sete filhos. A gente sempre faz reuniões lá em casa, a gente não deixa minha mãe sozinha*” (14ª sessão)

“Lá em casa” é a casa de sua mãe, o lugar que ainda denomina seu, pois não desligou-se desta casa, o menininho ainda não se desligou da mamãe. E como tal, na relação com Sandra também posiciona-se neste mesmo lugar, um menino submetido a uma mãe-mulher poderosa. “*O pai com um fantoche na mão fala à criança: O João Vítor vai até a escolinha, a mamãe deixou!*” (14ª sessão).

José Paulo não consegue fazer valer a sua palavra, mas submete-se às mulheres-mães que passaram por sua vida.

Embora ele atribua suas dificuldades em se fazer pai, submetendo-se à Sandra, ou mesmo em relação à ex-mulher, culpando-a de não deixá-lo aproximar-se de seus 3 filhos, ele é que se coloca do lado de fora, não se implicando na paternidade, tentando livrar-se de suas incumbências e responsabilidades.

“*Terapeuta: Seus filhos são bem mais velhos? Pai: O mais novo deve ter 21 ou 22. Terapeuta: Você não tem nenhum contato? Pai: Nenhum, a esposa usava as crianças, ficava criando conflitos com as crianças da minha pessoa. Eu ligava e ela falava que eles não queriam saber de mim, que eu já estava namorando, fazia bagunça na cabeça das crianças, daí falei que não ia voltar lá e não voltei mais. Vi a última vez com 5 anos, hoje tem 22. Ela me ligou e eu falei pra ficar lá com os filhos dela*” (...) *Pai: não tive contato e*

*não voltei lá, hoje não me interessa se pôs outro pai no meio, se ela falou que eu morri, não tenho vontade de procurar, saber o que está acontecendo na vida dele. (...) **não sou guerreiro, não luto, sou o maior desistente.** (cenas da 7ª sessão).*

Embora tenha se afastado de seus 3 filhos (duas filhas e um filho), ao relatar sobre sua família do passado, dá ênfase ao filho caçula e ainda que haja sentimentos de frustração, raiva, ciúmes, estes não aparecem e ficam apagados pelo posicionamento que José Paulo toma: sou um desistente. “*Com a minha filha é a mesma coisa de estar de frente dela (aponta para observadora), não tenho emoção de pai para filho, não tenho essa coisa.*” (23ª sessão).

José Paulo não se deixa tomar pela angústia ou por sentimentos de ter sido um desertor, de ter abandonado os filhos, mas se coloca numa posição de triunfo, do **maior** desistente. Desta maneira, na condição de triunfo, ele destrói as suas memórias e a sua história passada. Transforma em nada qualquer fato ou sentimento que poderia ser significativo em sua vida como forma de sair vitorioso diante das mazelas de sua existência. É uma posição de defesa maníaca ante sentimentos depressivos.

“João Vítor abre o armário, comemora, pega uma espada, depois a tartaruga e tira a parte de cima da tartaruga. O pai fecha o armário, põe uma cadeira na frente da porta e senta-se. A criança vai para o canto, começa a chorar, vai pra perto do pai, dá um tapa nele e volta pro canto. Pai: Agora ele ta fazendo desse jeito com a mãe, com a vó, comigo. Terapeuta: Não pode falar não? Pai: Não, não sei como agir. A terapeuta pergunta se ele é coitadinho e desenvolve uma conversa sobre este tema, em seguida o pai conta que outro dia brigou com ele para não colocar a mão num piano e deu 2 tapinhas nele e ele ficou bravo.” (16ª sessão)

A criança triunfa sobre o pai que não sabe como agir, fica paralisado. Ocupa a mesma posição paterna diante de seus objetos amorosos, triunfando sobre eles, aniquilando ou destruindo.

Por outro lado, João Vítor desperta também a piedade do pai ou sentimentos relacionados ao próprio desamparo vivido por José Paulo em relação a seu pai levando-o a ficar imobilizado pela situação.

José Paulo não consegue tomar um posicionamento mais firme e a mãe, por sua vez, diverte-se com as atitudes da criança.

“Terapeuta: “É do jeito que ele quer, derruba tudo! João Vítor derruba a cadeira e a mãe diz: “A cara dele” (referindo-se a uma cara safada). Terapeuta: Você acha graça! Ele vai derrubar sua casa! A criança então vai até a porta e tenta abri-la, o pai o tira e ele emburra fazendo cara de choro para em seguida bater na porta com raiva. A terapeuta então fala que a criança parece não poder sofrer contrariedades. (...) Em seguida, quando a terapeuta menciona que a criança faz o que quer, fazendo referência aos brinquedos que foram jogados para cima e espalhados por toda a sala, o pai responde: “É brinquedo, coisa de criança!” (cenas da 7ª sessão)

Os pais parecem se encantar e se divertir com os emburramentos e as gracinhas da criança. Enquanto José Paulo diz “coisa de criança”, o faz para não ocupar o lugar que lhe é devido, colocar barreira, lei. A criança vive numa terra sem lei. A mesma terra em que o pai vive, onde também triunfa arrasando a terra (sua história e suas memórias), se posicionando com indiferença, pois desta forma não sente dor, não perde nada e sai vitorioso como o filho.

“Pai: Jogar brinquedos pode, não pode quebrar. A criança joga 3 almofadas na observadora, em seguida bate na mesa e canta: ié, ié, ié, ié!” (7ª sessão).

Esse parece ser um canto vitorioso de quem faz o que bem deseja e triunfa sobre os adultos que parecem tão pequeninhos e frágeis perto desta criança que se apresenta tão poderosa e cheia de si.

Além disto, com a mesma indiferença que o pai se posiciona, João Vítor também o faz na relação com o pai.

“O pai faz um elefante com massa de modelar e mostra à criança, que então demora a olhar. Depois se agita feliz, pega o elefante, tira suas pernas e brinca como se ele fosse um carrinho. Terapeuta: Ele custa a te dar bola, primeiro te despreza. O pai concorda, João Vítor continua brincando de carrinho com o elefante, fazendo barulho com a boca; em seguida destrói o elefante. O pai diz: Você quer um carrinho? Vou fazer um carrinho de corrida, vou fazer um carrinho de corrida, vou fazer um carrinho de corrida.” (12ª sessão).

Há um desprezo inicial, um olhar que demora a ser dirigido ao pai para em seguida a criança demonstrar interesse pelo que o pai lhe oferece, mas ainda assim transformando o que lhe é oferecido e depois destruindo. A seqüência do objeto destruído se revela na ansiedade do pai repetindo várias vezes uma mesma frase.

7.2.2.1 - O menino atropelador – o filho papaizinho

Diante de um pai que se posiciona desistente, surge uma criança que se posiciona cheia de vontades e que exerce a sua tirania não só perante o pai, mas em relação à mãe também.

“João Vítor derruba com um carrinho todos os brinquedos colocados na mesa, fazendo muito barulho e arruaça, arremessando-os com força ao chão. O pai então diz: Faz isso não, pai não gosta! Terapeuta: Ta dando bola não! Surdo ele não é! Você faz o que você quer né? (dirigindo-se à criança). Mãe: Ei, não pode fazer barulho assim! Terapeuta: Ta dando bola pra vocês não! Pai: Ele sabe, quando tem gente perto não damos uma bronca segura. Terapeuta: Fiquem à vontade, podem dar! Pai e mãe tiram tudo da mesa, em seguida a criança joga o carrinho no chão. Mãe: Doutora está te olhando! Ela não está gostando! João Vítor então, entrega o carrinho para o pai, pega algumas peças no chão, põe na mesa e joga novamente no chão. Terapeuta: O carrinho é igual ao João Vítor, passa por cima, atropela a mamãe, o papai. Em seguida, a terapeuta dirige-se à criança: O carrinho se parece com você, vai atropelando tudo, você faz o que quer. E aí, vocês ficam sem forças perante ele? Pai: Não, se ta em casa eu tiro dele, na casa dos outros não deixo, aqui você dá liberdade, em casa eu deixo, os brinquedos são dele mesmo, ele tem que brincar. (...) Pai: É igual ficar na avó, pode tudo!” (cena da 2ª sessão).

Nesta cena, o pai ao ser chamado para tomar uma posição e não se permitir ser atropelado pela criança, novamente se vê num lugar vacilante, pois ao mesmo tempo em que coloca condições à criança, em seguida, na sua fala, o permite alegando ser ele o dono de seus brinquedos para mais adiante atribuir o seu fracasso à educação dada pela avó materna, onde em sua casa, ele pode tudo. A questão que se evidencia é que ele pode tudo em todo lugar. É o **filho papaizinho**, como o próprio pai o nomeia.

João Vítor vai abrir a porta, o pai o tira e ele emburra, fazendo cara de choro para em seguida voltar até a porta e bater nela com raiva. A terapeuta fala sobre a criança não suportar contrariedades. Pai: Em casa quando ele está assim falo pra ele ir pro sofá chorar. Ele vai e fica fazendo manha, depois volta todo bonzinho, né papaizinho? Terapeuta: Né o que? Pai: Eu morei em Rondônia, lá o marido chama a mulher de mãe e o filho de papaizinho, mamãezinha. Terapeuta: Ele te chama de mãe, Sandra? Mãe: Chama!

(com cara ruim). Terapeuta: E será que ele não fica perdido não? Pai: Pode ser. Terapeuta: Será o que sou? Pai pequeno, que manda e desmanda... ... Pai: Não dou muita brecha não! Terapeuta: Será? Olha a sala! (referindo-se ao caos em que ela se encontra onde brinquedos estão espalhados e misturados). (cena da 2ª sessão)

O incômodo que a situação e as palavras do pai me fazem vivenciar é enorme! Esta posição invertida do filho papaizinho, ao mesmo tempo em que nos revela as dificuldades quanto à autoridade paterna e é dado ao filho um poder de fazer o que bem entende, nos leva também a pensar sobre o imaginário paterno.

Neste sentido, José Paulo não dá mesmo muita brecha à João Vítor. Não da forma que ele (pai) fala, fazendo valer as suas condições de pai, o que de fato não se concretiza, como pode ser analisado em suas falas vacilantes e em ato nas sessões, mas em relação à existência de João Vítor o qual é anulado, fica sem palavras, não tem muito a dizer sobre si mesmo.

Mas, de outra forma, João Vítor diz de sua angústia arremessando objetos-brinquedos, expressando assim os seus sentimentos de ser depositário deste lugar que o pai lhe atribui, ser o papaizinho, o próprio José Paulo bebê.

Na cena seguinte, José Paulo interfere na brincadeira de João Vítor não para construírem algo juntos, mas para realizar o que está na sua cabeça de pai-menino, de como o brinquedo deve ser montado. Tudo que diz respeito à criança, o pai não vê, só vê o que é dele próprio.

(...) o trem desmonta e João Vítor tenta andar só com uma parte. A terapeuta pergunta se o trem funciona faltando uma parte. João Vítor termina de desmontar o trem e tenta colocar a rodinha. Pai: Você não acha que essa é a rodinha daqui? João Vítor continua

montando. Terapeuta: Ele está montando outra coisa. José Paulo então, interfere na brincadeira de João Vítor e começa a montar o trem para mostrar a ele como se faz. (...) Terapeuta: Eu acho que ele está inventando coisas novas. O pai pára então de montar e deixa a criança montando sozinho. Diz: Pode desmontar! Terapeuta: O papai não agüenta ver as coisas fora de ordem, não é papai? Pai: Não. O pai fica quieto e a terapeuta pergunta se ele conformou. Pai: É. João Vítor continua montando o brinquedo. Terapeuta: Ele quer é inventar coisas diferentes. Ele sabe como monta o trem, ele sabe qual é o amarelo, ele quer é montar diferente. Pai: Parece o professor Pardal. João Vítor continua brincando e de repente começa a jogar todos os brinquedos. (...) Joga as coisas pra cima, a boneca, ri, joga de novo, ri. Depois abre o armário e pega um fusca. O pai então se posiciona em frente ao armário impedindo-o de abrir e dá um boneco a ele. A criança pega e abraça o boneco. O pai chama a criança para arrumar a sala e João Vítor diz: Não, não! (...) Quando o pai arruma a sala, ele sai e logo em seguida volta para desarrumar o que o pai tinha arrumado. (cenas da 21ª sessão).

José Paulo parece não suportar a diferença estabelecida na forma como João Vítor quer manusear o brinquedo, não suporta ver o brinquedo sendo montado diferente do que pensa que deve ser, ou seja, do seu jeito, como se seu filho tivesse que pensar com a sua cabeça. João Vítor então reage a isto e para não ser tomado por aquilo que o pai quer, ele joga os brinquedos pra cima e se faz do contra, bagunçando a sala que o pai arruma no final do atendimento. Além disso, no seu desamparo, ele busca o seu próprio consolo, com um boneco que o pai lhe dá.

Ser do contra, ser o menino atropelador ou que arremessa é uma forma de trazer o papai (em sua função paterna) e fazer uma barreira àquele que o enlaça em seu imaginário narcísico e de gozo, ser do contra é reagir ao lugar de ser o menininho José Paulo, o

menininho que já não existe mais, mas que o pai insiste em fazê-lo presente, insiste em fazer de João Vítor o seu próprio espelho.

“João Vítor pega uma cadeirinha e senta ao lado do pai. Terapeuta: Tudo o que o papai faz, o João Vítor faz também. O pai então diz que João Vítor é trabalhador e que faz o que ele faz: papai ta com raiva, ele fica também, se eu fico bravo com a mãe dele, ele fica também. Terapeuta: Então ele é um Josézinho? Pai: É! Terapeuta: Então cadê o João Vítor? Cadê? Pai: É mas eu não jogo assim não (referindo-se aos brinquedos jogados). Terapeuta: Cadê o João Vítor? A criança então pega uma caixa e a rasga ao invés de abri-la, como o pai já ensinou. O pai fica bravo e tira o brinquedo da caixa. (cena da 26ª sessão)

João Vítor, enquanto miniatura, espelho de si mesmo é olhado por José Paulo com bons olhos, pois o pai se recusa a ver-se no filho quando este mostra a dispersão, o caos, a patologia nos brinquedos jogados, espalhados, dispersos, embaralhados e desorganizados. Aquilo que também seria parte de si projetado no filho é recusado a ser olhado e defensivamente o pai, em sua postura pedagógica, aquele que ensina, aparece bravo diante da insistência de João Vítor em rasgar uma caixa ao invés de abri-la.

Na 20ª sessão, quando tento conversar sobre a angústia da criança, que se revela de forma contundente, o pai não consegue pensar ou refletir acerca dos sentimentos de João Vítor.

“Pai: Mas o que a gente viu aqui? O que aconteceu? Nada. Terapeuta: Nada? Pai: É, nada. A gente só viu bagunça, mas já tinha falado. Neste momento, João Vítor perde o sorriso. Terapeuta: A gente falava de longe, hoje a gente falou de perto e estava tão difícil que João Vítor abriu a porta pra ir embora mais cedo. A criança então, pega o nenê

(boneco) e o abraça bem devagar, olha, mexe com ele. Em seguida, o pai começa a falar sobre um nenê na casa do avô.”

Aquilo que se revela extremamente significativo e é vivido em sessão pela criança é reduzido pelo pai a um nada, e nenhuma elaboração é realizada. Diante deste nada, João Vítor perde o sorriso e mais uma vez consola-se com um boneco, que é ele próprio em busca de consolo e o pai nega toda a vivência esquivando-se para outro assunto.

7.2.3 - O papai que é mamãe

Há um jeito de falar de José Paulo que é bastante maternal e infantilizado, atribuindo a João Vítor nomes bem docilizados como meu amor e neném.

Na 8ª sessão o pai repete várias vezes uma mesma frase lembrando muito a forma como uma mãe conversa com seu bebê de um ano de idade: *“Hoje é quarta-feira e o neném vai pra casa da ... (fala cantando sem terminar a frase, repetindo várias vezes”. (...) a criança sobe na mesa e o pai diz:na mesa não, papai não gosta, desce, desce meu amor!”* (8ª sessão).

José Paulo ocupa uma posição vacilante diante de João Vítor: a bronca e o beijo.

“João Vítor bate com força na mesa destruindo brinquedos, o pai dá broncas. Em seguida a criança fala: Há., há, há! Terapeuta: É engraçado destruir e quebrar? Ele então bate mais forte ainda sobre a mesa e os brinquedos. Pai: Não vai acabar de quebrar não! Procura cola pra consertar, procura no chão! Eu estou ajuntando o quebra-cabeças! (Em seguida o pai continua falando sobre as brigas com Sandra que se intensificaram depois que eles saíram da fazenda). Ela começou a trabalhar, as mudanças foram grandes, ela foi

soltando a casa e de repente estava eu preocupado com a casa e o menino. (...) a gente devia ter consertado antes do João Vítor. Neste momento, José Paulo manda um beijo ao filho. Terapeuta: O que você sente ao corrigir? O que é esse beijo, remorso? Pai: Difícil acontecer isso! Eu não misturo as coisas! Terapeuta: Dá impressão que mistura! Pai: Não acontece em casa não, só agora. Terapeuta: Remorso? Pai: Não. Eu deixo ele no sofá. (A criança sobe em cima da mesa) Pai: Quando volta falo com ele e continuamos numa boa!” (9ª sessão).

O papai bravo, o papai duro gera em José Paulo um certo remorso ou dor como se estivesse infringindo um sofrimento a si próprio (como já foi analisado no tópico acima quanto às projeções que faz com João Vítor). Logo em seguida o papai amigo que dá beijos e que quer viver numa boa entra em cena para apaziguar a situação.

O papai que é a mamãe é aquilo que diz respeito a tudo que é macio, maleável, é o alimento que se coloca pra dentro e a relação do mundo que se coloca dentro, enquanto o ser papai é a dureza da separação, do não, da dor que se instaura de não poder ter ou fazer tudo e é a relação com o mundo que se aprende a deixar.

*“João Vítor bate o braço na mesa (parecendo se machucar), vai para junto do pai, que então o abraça. Ele chora um chorinho quieto de manha, chora um pouquinho, fica vermelho. O pai o consola, passa a mão no braço, ele pára de chorar e volta a brincar, sorridente. Terapeuta: Ele vai pro **sei colo**? Pai: Vai, quando ele cai, machuca, ele sempre vem pro meu colo”. (14ª sessão)*

A grafia **sei colo** é da observadora que acompanhou o caso e me faz associar com o seio-colo, o colo de mãe. O consolo de José Paulo lembra muito o consolo de uma mãe com seu nenezinho. Ele recebe sim, de seu pai, o consolo que seria de uma mamãe e isto é muito

importante pra ele. Mas então o que fica faltando a João Vítor? Aquilo que haveria de vir da boca de um pai! Não há palavras paternas fortes de encorajamento, confiança e destemor.

7.2.3.1 - O papai é preto e branco? O papai é sem cor?

“João Vítor procura a chave para abrir a portinha do brinquedo pedagógico, coloca a chave errada e o pai fala pra ele: Acho que você não conhece de cor não! O papai é preto e branco? Terapeuta: Como assim preto e branco? O pai então explica que a criança não está acertando as portinhas porque não conhece as cores ainda.” (12ª sessão).

O papai é sem graça, sem cor, o papai é sem nome, o papai é vovó, o papai é vovô, o papai não se faz presente ao vivo e a cores. Sua presença não é marcante nem contundente.

“João Vítor olha para o pai e diz: Vovô! O pai responde: Vovô não, papai. Ele adora o avô, é feito de chocolate, muito carinhoso, mas já a minha mãe, 76 anos, tem paciência curta” (1ª sessão).

José Paulo faz referência ao avô materno com o qual João Vítor passa o maior período de seu dia, para logo em seguida dizer de sua ligação mais forte, o elo com sua mãe. Menciona a sua falta de paciência, mas em outros momentos relata sobre os ciúmes dos seus sete filhos, criando muitos problemas de relacionamento com as noras. Não há referências de seu próprio pai e no decorrer do atendimento muito pouco é dito sobre ele, a não ser de seu egoísmo e individualismo.

Neste sentido, o papai de José Paulo menino e de José Paulo adulto foi também para ele um “papai preto e branco”, sem cor vibrante, ausente.

(...) “meu pai era filho único, então ele nunca soube dividir com os filhos, ele tinha uma espécie de disputa com a gente, ele nunca soube dividir com a gente. Terapeuta: Você está falando que ele só pensava nele? Pai: É, só nele, perdi grandes negócios por causa do meu pai. Ia montar uma fábrica de sacolinhas plásticas em Rondônia, mas que não deu certo por causa do meu pai que não quis falar com um amigo dele que era gerente do banco mundial, meu pai não aceitou o negócio. Eu queria ter uma unidade com ele, mas nunca deu certo, com ele nunca deu pra brincar...” (15ª sessão).

José Paulo fala de seu desamparo em relação a seu pai, da falta de apoio e de não sentir que fazia parte de sua vida e que podia contar com ele para crescer como homem; a visão que passa dele é de uma pessoa que só pensa em si e que não pode compartilhar com os filhos.

Além disso, a vergonha de seu fracasso profissional é um fator que o faz correr, fugir do contato com seus filhos adultos de seu primeiro casamento. “Não procurei meus filhos porque achei que já estava tarde e eu queria estar bem de vida pra dividir as coisas com eles” (15ª sessão).

De outra vez, manifesta a sua ansiedade e chateação quanto a um encontro com o filho, atribuindo à falta de dinheiro: “José Paulo diz que está com dificuldades financeiras pois perdeu o emprego, fica chateado pois o filho (Júlio) vem e ele não tem dinheiro nem pra um cinema, nem pra sentar num bar e tomar um guaraná”. (17ª sessão)

O seu fracasso profissional interfere na sua condição paterna, levando-o a sentir-se fraco, insuficiente e incapaz, um papai preto e branco. Como se o que ele conseguisse doar só fizesse sentido se tiver coisas a serem oferecidas, coisas materiais. Como se o consolo a ser dado ao filho só fosse possível através da oferta de coisas. Na falta de dinheiro para oferecer ao filho ou mesmo para mediar o encontro, parece que não há nada mais que possa

ser oferecido ou sustentado. Ele não considera a importância de suas palavras ou a doação de si mesmo e nem a possibilidade de um relacionamento a ser construído.

Na relação com João Vítor, o pai, ao ocupar este lugar materno deixado pela mãe que se evade, também o faz segundo uma posição de colagem, não havendo separação psíquica entre o pai e o filho. Não há espaço para que a criança tenha suas próprias experiências em um tempo-espaço diferenciado do papai-nenê.

As duas cenas a seguir são bem ilustrativas desta relação mencionada acima.

“Ele e o pai entram e o pai pede água para João Vítor. Pego a água pra ele, que bebe muito pouco e entrega o copo para o pai que diz que vai levar o copo para a sala porque ele está com sede e vai querer beber mais água.” (26ª sessão)

José Paulo não olha para a criança com suas necessidades e desejos. As respostas que João Vítor dá, não servem para modular e sintonizar o pensamento do pai. Mesmo bebendo pouca água e demonstrando não estar com sede, o pai insiste com o seu pensamento. Ele está no campo das certezas e o psiquismo da criança vai sendo modulado segundo as condições paternas, enxergando somente a si próprio e não o que vem da criança.

“João Vítor aperta o dedo. A terapeuta pergunta o que foi, mas ele vai pro lado do pai e mostra o dedo. Não sai nenhum som de sua boca mas a expressão é de sofrimento. O pai então diz: Já te expliquei que isso aqui (alicate) machuca, o de verdade e o de brinquedo. Tem que tomar cuidado. A criança olha para o dedo e para o pai, como se tivesse desamparado.” (26ª sessão).

O pai dá uma explicação didático-formal a João Vítor: “papai já te explicou!”. Não há emoções, não há entrega emocional do pai, não há envolvimento. Não aparece um encontro

emocional, uma pergunta a ser evocada para criança de como tudo aconteceu, se está doendo, onde apertou. Não há um desenrolar de diálogo, uma experiência a ser construída. O que existe é um fechamento de que este acontecimento já foi explicado e não deveria estar acontecendo.

As palavras não saem nem da boca de João Vítor para expressar o que sente e o que tem a dizer de si, nem da boca de José Paulo para perguntar, dar espaço de existência ao filho.

“A terapeuta brinca com a criança fazendo bolinhas com massa de modelar, enquanto fala com a criança: “Sabe o que é mais importante? Você está com seu pai e temos muito que conversar!”. O pai então diz: A, E, I, O, U, repetindo duas vezes. (9ª sessão).

É o papai professor que se faz presente e que pede a João Vítor apenas uma coisa: que ele fale. Mas diante desta única exigência João Vítor se cala e não tem nada a dizer a seu pai.

7.3 - Caso 3: Cássio e Vanda, pais de Amanda e Rebeca

Esta família foi atendida também no modelo de atendimento conjunto pais-criança durante 21 sessões, perfazendo um total de 7 meses, com demanda para atendimento a Amanda, a filha caçula. Todos compareceram aos atendimentos, a partir da 3ª sessão, inclusive a irmã mais velha, Rebeca, de 6 anos de idade.

Inicialmente compareceram a mãe e a criança Amanda, de 2 anos e 10 meses, encaminhada pela pediatra, com sintoma de constipação intestinal. *“Às vezes Amanda fica até dois dias sem fazer cocô, sente dor, se retorce, aí eu deixo ela no chuveiro brincando um pouco para se distrair e fazer. Ela fazia no chão mesmo, nesta época ela segurava, fazia movimento contrário para não sair”* (mãe na 1ª sessão).

Vanda trabalha em uma Universidade e o pai, Cássio é advogado, profissional liberal. Trabalham muito e enfrentam também muitas dificuldades financeiras e conjugais. *“Temos 19 anos de casados. Acho que no ano passado foi difícil, cortaram minha bolsa, a situação financeira estava difícil, achei que nem íamos continuar casados, mas depois eu reconsiderei, principalmente por causa das meninas, porque é importante na formação delas, de família, seria uma perda muito grande”* (mãe na 1ª sessão).

Desde o primeiro encontro, a motivação de o casal permanecer juntos aparece relacionada a este propósito: família. A família parece ser o grande motivador de Cássio e Vanda continuarem juntos, a despeito de suas contínuas desavenças.

A mãe relata sobre as dificuldades do ano anterior, pois teve que se ausentar de casa e mudar para outra cidade em função do término de sua tese de doutorado. As crianças

ficavam no hotelzinho, de manhã até o final da tarde e depois com a avó materna ou com o pai. “(...) *eu ia, passava uma semana e voltava. (...) quando chegava, elas brigavam muito comigo porque eu não estava aqui para vê-las, quando começava a melhorar eu tinha que ir de novo*” (mãe na 1ª sessão). “(...) *com a Rebeca acho que foi pior, a Vanda desmamou ela para viajar.*” (pai na 2ª sessão)

Vanda desmamou a primeira filha Rebeca para sair para o doutorado e ao final deste curso de pós-graduação tem outro bebê, Amanda, a qual também é deixada para que a mãe possa concluir sua tese. “(...) *quando saí, a Amanda tinha menos de 2 anos*” (mãe na 5ª sessão). “(...) *quando Rebeca tinha 10 meses a Vanda entrou para o doutorado, desmamou a Rebeca e quando a Amanda nasceu, estava no meio do doutorado.*” (pai na 5ª sessão). Duas crianças junto com a obtenção de um título que despende tanto tempo e disponibilidade de uma pessoa e que demanda tanto de uma mãe.

Neste sentido, as crianças demonstravam seu ressentimento com a ausência da mãe, em comportamentos agressivos ou no desprezo e silêncio, condutas muito significativas nas sessões. Ignorar as falas dos adultos (pais e terapeuta) permanecendo em silêncio, foi a maneira mais comum das crianças se comportarem nos encontros iniciais e principalmente com Rebeca, isto se revelou de modo contundente, no seu silêncio constrangedor:

“(...) *Terapeuta: Eu coloquei os desenhos de vocês dentro daquela pasta, pus o nome de vocês. **Rebeca fica em silencio.** Pai: Rebeca, ela está falando com você, filha! **Rebeca fica em silêncio.** (...) Terapeuta: É comum ela ignorar vocês? Mãe: Ultimamente é, tem que chamar 3 ou 4 vezes. Pai: Com você (fala pra mãe). Mãe: É porque na escola não tem reclamação, parece que é o contrário, ela responde, participa, gosta das atividades.*

Terapeuta: Aqui ela faz jogo duro, ignora. E o que você faz? Mãe: Eu ignoro. Pai: Não, você grita. Mãe: É esta semana eu gritei muito com ela.” (8ª sessão)

A diferença do comportamento de Rebeca com os pais e na escola é cristalina e revela bem o que deseja atingir com seu silêncio, provocando a ira e o descontrole em sua mãe, pessoa tão desejada e que se fez e se faz tão ausente em sua vida.

“(…) com a Rebeca, no encontro com a mãe, elas brigavam” (pai na 2ª sessão);“(…) elas perderam a referência de casa, porque não iam pra lá e quando iam era fim de semana, este período não ficou muito normal” (1ª sessão).

Mas além deste período “anormal”, independente da saída da mãe para o doutorado, a rotina das crianças desde muito cedo não se diferenciava deste período:

“(…) Terapeuta: Ela (Amanda) foi de fralda pra escola? Pai: As duas foram. Terapeuta: Todo mundo pra rua?” (3ª sessão). “(…) Pai: Esta semana pouco fiquei em casa, chegava em casa elas já estavam dormindo. Mãe: É, está muito corrido, peguei elas na escola esses dias e levei para passear, mas está sendo muito corrido”. (17ª sessão).

Na seqüência, a escola é colocada por Vanda como se fosse a própria casa delas:

“Amanda: Cadê a tesoura? Rebeca então, joga a tesoura em cima da mesa para Amanda. Mãe: Não faz assim. É assim que você faz lá na escola?” (9ª sessão).

Nesta frase dita pela mãe “É assim que você faz lá na escola” há uma inversão, pois geralmente uma mãe diria “É assim que você faz lá em casa?”, querendo dizer da educação e do ensino, dos bons modos ensinados, se vendo implicada no ato da criança, constrangida e mesmo identificada. Não é isto que acontece com Vanda, a escola é colocada em pé de

igualdade com a casa, como se fosse lá mesmo que todas as coisas acontecessem, senão todas, a maioria.

Na segunda sessão comparecem somente o pai e Amanda e neste atendimento já se evidencia dois aspectos importantes do funcionamento desta família, a fragmentação e a retenção de palavras, a falta de diálogo. A fragmentação se faz evidenciar na divisão da família em pares: Amanda acompanhando o pai e Rebeca acompanhando a mãe (a partir da 3ª sessão).

Esta fragmentação pôde ser observada desde a maneira como se dirigem ao atendimento, aonde cada um chega em seu próprio carro, em duplas, a mãe com uma filha e o pai com outra, mantendo a mesma disposição na sala de espera, onde também formam pares até a entrada na sala, caminhando pelo corredor da clínica na seguinte disposição: uma dupla na frente, geralmente a mãe com Rebeca e outra atrás, o pai e Amanda. “(...) *A família chega, mãe e Rebeca na frente, pai e Amanda atrás, separados por uma distância grande (quase todo o corredor).*” (8ª sessão). “(...) *A mãe chegou na frente, com Rebeca no colo, dormindo. O pai estava ainda no carro, pois tinha ido abastecer e estava com Amanda*”. (9ª sessão)

A retenção de palavras aparece no fato de que, embora tenhamos combinado na 1ª sessão o atendimento de toda família, nada é dito a Cássio sobre isto. A mãe viaja para uma banca de mestrado e o pai fica incumbido de trazer Amanda à psicóloga.

“*Pai: Era pra virmos todos? Terapeuta: Era o que a gente tinha combinado, ela não te falou? Pai: Não, ela comentou, mas não ficou muito claro pra mim. Terapeuta: Vocês conversaram? Pai: Ela me relatou, mas não falamos muito, porque foi uma semana muito corrida.*” (2ª sessão)

Quando Cássio se utiliza deste verbo “relatou” me faz pensar em relatórios, uma maneira formal de comunicação. “*Ela me relatou, mas não falamos muito*”. Não houve um diálogo, uma conversa entre duas pessoas, um entendimento, uma compreensão sobre a questão do atendimento de Amanda e a proposta realizada sobre a participação dos pais. O tempo é escasso, a semana é corrida, assim como a mãe falou na 1ª sessão: “*trabalhamos muito*”.

Este fator relativo ao tempo, vai percorrer todo o atendimento, onde esta fala irá aparecer como um impedimento do convívio e encontro familiar e associado ao trabalho, que é intenso tanto para o pai quanto para a mãe.

“(…) *Pai: Nós não temos tempo para o lazer, temos um clube perto de casa e não vamos. (...) nós temos muitos compromissos.*” (8ª sessão)

“(…) *Terapeuta: Como é o fim de semana de vocês? Pai: É corrido, eu tenho praticamente só o domingo, sábado elas ficam com a Vanda. Terapeuta: É o trabalho que toma tanto tempo? Pai: É, bastante! (...) teve um período longo que a Vanda estava fazendo o doutorado, que eu ficava mais perto delas, para cuidar, a Vanda estava fora, só terminou agora... (...) nossa vida era um corre-corre*” (pai na 2ª sessão).

Enquanto a mãe está fora, o pai vai ocupar a posição de cuidador ou de ficar encarregado pelas crianças, como fez com Amanda, trazendo-a na sessão, mas sem se inteirar muito acerca dos acontecimentos.

O silêncio que se faz neste encontro com o pai e a Amanda é grande e contundente. Ambos se comportam de maneira defensiva e silenciosa, o que me faz sentir uma dureza

enorme em relação a palavras que não fluem, como se mantivessem na mesma condição do sintoma, palavras ressecadas.

“A terapeuta tenta conversar com Amanda sobre os bonecos (pai, mãe e duas crianças) que ela coloca dentro de uma caixa, mas a criança não responde. (Silêncio). Terapeuta: Não quer conversa. Em seguida, a criança tira os bonecos da caixa e volta os toquinhos. Terapeuta: Chama o seu pai pra brincar com você. Ela então olha pra ele e ri. Terapeuta: Parece que vocês estão com vergonha um do outro! Amanda: Não. Terapeuta: Não? (Silêncio) Amanda põe os toquinhos na caixa. (Silêncio). A criança continua brincando com os toquinhos. (Silêncio) Terapeuta: Você esvaziou, agora está enchendo de novo a caixa de onde tirou os bonecos... está colocando os toquinhos bem juntinhos, uns em cima dos outros, bem grudadinhos. Você quer que eles fiquem bem juntos? (Silêncio) A criança não responde e continua mexendo nos toquinhos desmanchando a pilha que tinha feito com eles. O pai parece impaciente, coça o rosto. (Silêncio).” (2ª sessão)

Os tempos de silêncio são longos, carregados e duros, não são pausas suaves de elaboração ou de construção de algo. E o pai, em posição semelhante ao sentimento vivido pelo silêncio, pesado, carregado, não se move de seu lugar, nem em relação ao sinal dado pela filha ao sorrir para ele quando da minha sugestão de aproximá-los.

No transcurso do trabalho psicoterapêutico conjunto pôde ser criada uma movimentação nas relações e um fluir de palavras inicialmente retidas. Desta forma, irei analisar esta transformação no tópico a seguir, mediante o qual as posições das funções parentais serão igualmente trabalhadas.

7.3.1 - Do sintoma e da constipação das palavras e afetos, às palavras faladas

O sintoma de Amanda, constipação intestinal é vivido também em um nível mental pela família, que apresenta grandes dificuldades em verbalizar seus pensamentos e sentimentos. Todos, não só os pais, mas as crianças também não falam e demonstram em atos ou em atividades substitutivas, aquilo que poderia ser traduzido em palavras.

Quando eu pergunto ao pai sobre como é a despedida de Amanda com a mãe quando esta vai viajar, ele diz: *“Não chora, ela não foi ao aeroporto, não tem esse melodrama não. (...) mas tem curiosidade em saber para onde a mãe foi e estranhou a mãe não estar quando chegamos em casa. (...) é porque ela não viu a Vanda ir embora, chegou em casa e estava um **silêncio**, depois distraiu com outras coisas, não chorou”* (2ª sessão)

Nada é dito a criança sobre a ausência da mãe, o estranhamento acontece, o silêncio é nomeado pelo pai, mas a criança se distrai e se consola com outras coisas, as coisas substitutivas da presença da mamãe, e não há espaço para poder externar a tristeza ou outro sentimento qualquer.

Amanda expressa com seu sintoma a posição familiar, que é uma posição retentiva, tudo tem que ser segurado, ficar guardado, para que do lado de fora tudo pareça estar na mais perfeita ordem, ainda que tenha este custo enorme de guardar tanto cocô. Não há espaço para *“melodrama”* e a criança responde ao desejo do pai no sentido de não poder chorar, não poder sofrer, não poder expressar nenhuma dor.

A dor excluída está presente também na maneira como Rebeca vai lidar com a morte de Gaia, (uma cachorra que viveu em sua casa por 12 anos). A criança tem crises de bronquite e febre, somatizando o que não pôde ser vivenciado emocionalmente e tentando substituir

rapidamente uma perda. “Mãe: *Ontem ela perguntou que animal nós vamos ter agora, disse que queria cinco coelhos.*” (16ª sessão). Ou seja, não vamos conversar sobre a dor, sobre a perda, sobre quem foi embora, por uma cachorra morta, cinco coelhos vivos.

Em relação às ausências da mãe quando do doutorado, o pai diz; “(...) *sentíamos muita falta, mas não tinha choro, não tinha crise. (...) nós ficávamos mais juntos, meus sogros intrometiam muito e isto me desagradava, então eu procurava não ocupá-los com as crianças para não dar comentário, agora, não quer dizer que ficávamos retrógrados em casa, saíamos, tínhamos distração. (...) íamos a parques, lanchonetes, coisas que agora... já passou a obrigação. (...) não fizemos mais isto, não era para distrair, para fazê-las esquecer, era **para preencher o tempo***”. (2ª sessão)

As saídas, as atividades com as crianças eram para preencher o tempo do vazio, da ausência, da dor, da saudade, como uma obrigatoriedade imposta por ele mesmo para que estes sentimentos não fossem vivenciados.

Quando há algum mal estar, todos ficam bem juntinhos, grudadinhos, não podendo cada um chorar sua própria dor, aquilo que é singular e faz a diferença para cada membro da família: Amanda com sua dor, Rebeca com sua dor e Cássio com sua dor. Pelo contrário, o grude do pai com as crianças quando a mamãe vai embora é para que não seja vivenciada a separação entre o eu e o outro, não havendo assim, castração possível e o sintoma de Amanda aponta para um tipo de relação onde não houve castração, ou seja, as perdas não podem ser vivenciadas.

Esta compreensão pode estar associada então com a verdadeira motivação de Cássio e Vanda desejarem preservar a família, uma maneira de não vivenciar a separação e,

consequentemente, as perdas advindas deste processo, o estar só consigo mesmo e cada um podendo responder por si e dando conta de si.

Aparentemente tudo parece muito bem organizado, do lado de fora, mas de dentro as coisas vão bem mal, e o mal está no sumiço do cocô, que é onde se constitui a demanda para atendimento, mas há muitas outras coisas sumidas também. O pai apresenta-se como uma rocha, sem movimentação, duro como fezes retidas e não deixa transparecer nada.

Mas existem dores ainda não nomeadas, que diz respeito à história do papai, a sua depressão na época do nascimento de Rebeca, e da mamãe, em relação à sua solidão, sobre as quais, farei uma referencia mais específica, adiante.

Quando todos comparecem, na 3ª sessão, uma família muda apresenta-se e Rebeca encena um teatro onde todos em silêncio aguardam a sua apresentação que é encenada sem palavras:

*“Rebeca coloca fantoches no teatro. Amanda que está encostada no pai é incentivada por ele para ir brincar de teatro também. Mãe: Conta uma historinha, Rebeca! A criança ri de maneira forçada e não espontânea. Terapeuta: Todo mundo inibido... ... ainda não pode sair palavras, só risinhos... A mãe chama Amanda para assistir o teatro e senta-se perto do teatro. Amanda fica perto do pai e brinca com ele. Rebeca em **silêncio** não faz teatro e a mãe espera. **Silêncio**. Rebeca ri. Pai: Vamos assistir o teatro da Rebeca? Rebeca ri e põe bonecos no teatro. Mãe: E os bonecos são mudos, não falam? **Silêncio**. Todos esperam o teatro. Mãe: Conta Rebeca! Ah, ela não vai contar história nenhuma, né Amanda? Amanda: É. Terapeuta: É, a família muda. A história chama, a família muda. (3ª sessão)*

Nenhuma história é contada ou elaborada e não há movimento por parte dos pais para que a dificuldade seja rompida, todos parecem imóveis diante da expectativa de uma

encenação que não acontece. Esta é a história da família que ali está, a qual parece que não tem nada a dizer. Há um riso forçado de Rebeca que demonstra a maneira não espontânea de estarem juntos, como se não estivessem à vontade um com o outro.

O silêncio (grifado por mim) é um elemento nesta cena que se faz ouvir como algo importante, pois ele fala de um peso, de algo não expresso. O riso forçado, falso, de Rebeca parece não incomodar os pais, os quais não perguntam nada a ela, não questionam a motivação de seu riso, parecem desafetados, embora aparentemente demonstrem interesse com a aproximação física, sentando-se perto ou dirigindo o olhar em direção ao teatro.

*“Rebeca brinca no canto e ri. **Silêncio.** Em seguida, ela solta um grito. Mãe: O que é isso, Rebeca? Amanda conversa com a mãe. **Silêncio.** O pai chama Rebeca. Ela não responde A mãe e Amanda brincam. **Silêncio.** Rebeca fala enquanto brinca. **O pai fica em silêncio.** Rebeca se aproxima da mesa onde está a mãe e a irmã e diz: Quero brincar (se debruça, puxa brinquedos, empurra a mãe). Amanda diz: Não!” (3ª sessão).*

Nesta cena podemos pensar na dinâmica que se estabelece na família e as posições ocupadas neste momento, posições solitárias (pai em seu canto e Rebeca em outro rindo e falando sozinha), formação de pares (mãe e Amanda) e rivalização e agressividade (Rebeca em direção à dupla mãe - Amanda). Além disto, há um grito solto no ar, o qual não é assimilado nem compreendido, ou seja, por que Rebeca grita? O que a faz gritar? A pergunta que a mãe dirige a filha é mais no sentido de brincar do que de entendimento, pois não espera uma resposta. Não há sinal de estranheza nem de angústia e nenhum mal estar se evidencia. O grito parece dizer de uma desorganização interna que é desvelada através dele e que é expressa por um dos membros desta família, mas que não é integrado a

ela. Ninguém quer chegar perto do mal estar ou da estranheza, ou seja, o grito é isolado e deixado como um fragmento, um pedaço de algo que não pode ser integrado.

Neste sentido, fora da integração, os pais estão posicionados em suas funções parentais do lado de fora como podemos observar com mais clareza na cena a seguir:

*“A mãe explica rapidamente um jogo (dominó com figuras de animais) para Amanda e esta fica sem entender. Terapeuta: Ta faltando explicação, Amanda? Você entendeu? Para jogar tem que dividir as cartas e precisa de mais explicação. A mãe fala em tom de brincadeira, com carinho: É, não estou entendendo nada! (em seguida dá um beijo em Amanda). Terapeuta: Você sabe jogar, Rebeca? Pai, mãe, entrem nesse jogo! A família então ajunta as cartas. Rebeca distribui em cima da mesa e ajunta-as novamente, e segura em sua mão. **Silêncio.** Terapeuta: Por que vocês não entram no jogo? Mãe: Não sei. Terapeuta: Por que vocês ficam de fora? **Silêncio.** Mãe e pai cabisbaixos e a terapeuta olhando a distancia. Amanda mostra o jogo para a mãe. Terapeuta: O que impede? Eles permanecem **em silêncio.** Terapeuta: Vocês estão que nem a Rebeca (faz gesto de descaso com as mãos), não tem respostas. A mãe então fala com as crianças, organizando e explicando o jogo, para em seguida perguntar ao pai se ele vai jogar. Pai: Vou (se aproxima da mesa).” (10ª sessão)*

Existem pequenos movimentos dos pais em direção às crianças, mas que são descontínuos e precisam ser incitados verbalmente por mim, como uma força externa, para que possam fluir, se relacionar, seguir em frente, dar sequência em um jogo, pois são interrompidos e parecem ficar emperrados, com dificuldades de transitar livremente. E Amanda, por sua vez, não verbaliza oralmente o que deseja, mas se comunica com os pais num nível pré-verbal, com gestos e olhares.

Esta comunicação pré-verbal também se faz presente no modo de Rebeca relacionar, que se evidencia, além do silêncio característico, no seu descontrole, seus risos e barulho.

“(...) Rebeca joga a peteca no pai. Mãe: Não faz assim, vai lá pegar, vai. Rebeca: Não. Silêncio. Rebeca ri forçado, levanta, brinca com o seu desenho (uma mulher de um olho só), bate as costas na mesa, mas continua rindo. Mãe: Machucou? Rebeca ri, dá gargalhadas. (9ª sessão).

Rebeca manifesta toda a sua atrapalhão em atos e não pára, não responde às perguntas da mãe, enquanto na outra ponta, há um silêncio do pai, que não se manifesta em relação à peteca arremessada, não faz perguntas, não quer saber, postura esta que ele irá manter nos encontros familiares. *“(...) Rebeca desenha no quadro o mesmo desenho do papel. Terapeuta: Eu acho que entre a florzinha e a borboleta também acontece um monte de coisas. O que você acha que acontece, Cássio? Pai: Não sei. Terapeuta: Arrisca, a borboleta está indo embora. Silêncio. (...) Pai: Sabe, meu horário está apertado hoje. (14ª sessão).*

Nesta sessão o pai vem sozinho com as crianças e mantém-se da mesma forma, distante, alheio, sem querer implicar-se com o que é produzido pelas crianças ou pelo trabalho terapêutico, a sua preocupação está direcionada para fora, para o seu trabalho.

Até aqui pude analisar as dificuldades da palavra oral e os silêncios pesados, carregados de não-ditos, mas que podiam ser sentidos pela sua densidade. No sub-tópico seguinte, a palavra falada e a palavra desenhada serão expressas como meios pelos quais os afetos serão manifestos.

7.3.1.1 - A fragmentação, a agressividade e a rivalização

A agressividade e a rivalização constituem uma marca importante nesta família e também, segundo a fragmentação que é própria desta família, acontece entre pares: Amanda com Rebeca, mãe e Rebeca e entre o casal. As crianças disputam nas sessões, brigam por causa de brinquedos, folhas de papel, de tesoura, cola ou qualquer material.

“(...) Amanda morde Rebeca. Mãe: Pede Amanda, você não sabe pedir licença? Rebeca entrega o brinquedo pra mãe. Mãe: O que é isso? Rebeca: Nada. Amanda choraminga e toma o brinquedo de Rebeca”. (9ª sessão)

Os pais, por sua vez, também brigam e entram em desacordo por qualquer motivo, banais ou não, desde questões relativas às filhas até questões financeiras, em posições acirradas, individualistas, onde nem um nem outro, abre mão de suas convicções, enquanto um afirma que sim, o outro discorda e vice-versa.

“(...) Mãe: Teve o aniversário de uma coleguinha de Rebeca, a Amanda chorou e o Cássio levou ela lá para ver a Rebeca, mas ficou combinado que ele ia trazer ela de volta e não foi isto que aconteceu, não foi isso que foi combinado. Pai: Foi. Mãe: Não foi não. Pai: Aí eu combinei que depois ia lá buscar, não foi, Amanda? (...) A mãe então continua dando as suas explicações e o pai continua também dando o seu próprio entendimento, firmado em sua posição. (6ª sessão).

O casal está sempre em desacordo, cada um olhando pra si, não existindo um verdadeiro encontro onde idéias se comuniquem ou onde haja a possibilidade de uma reflexão e um acordo seja possível. Cada um em sua posição individualista, como se

estivessem num tribunal e tivessem que defender com unhas e dentes a causa em questão, por mais corriqueira que seja.

A mamãe briga muito e não é só com o papai, como diria Rebeca, **a mamãe não brinca, ela briga:**

“(...) a mãe conta um caso que aconteceu na escola e a professora comentou com Rebeca: ‘Nossa, sua mãe brinca muito com vocês!’ e Rebeca respondeu: ‘Brinca não, briga!’ Terapeuta: Em casa você brinca? Mãe: Não, agora estou me esforçando, estou até brincando, tenho que melhorar isto. (12ª sessão).

Tanto Rebeca quanto Amanda são crianças criativas e inteligentes, bastante inventivas, o que deve ter chamado muito a atenção da professora. Nas sessões elas se utilizam de desenhos com enredos interessantes e chamativos, os quais aparecem mais e mais na medida em que o atendimento caminha, demonstrando ricos recursos internos.

Mas inicialmente, o manifesto é o descontrole de Rebeca, o qual também se associa ao descontrole da mãe direcionado à criança e ao pai.

(...) Terapeuta: É só a Rebeca que faz barulho? Mãe: Não, ela começa, aí a Amanda também, aí eu me irrita, grito, ele também...(...) “Mãe: Está demais, elas brigam o tempo todo, tudo o que a Amanda quer a Rebeca vai em cima, não tem sossego, está demais...() O pai fala sobre o descontrole de Rebeca, o escândalo na rua, querendo tirar os sapatos, a roupa porque não queria ir embora da casa da amiga. (...) Terapeuta: Ela descontrola, não controla a raiva e é só ela? O pai então responde rapidamente: A mãe. Terapeuta: A resposta é rápida! Mãe: É, descontrolo (olha séria para o pai), mas por que descontrolo?” (5ª sessão).

Rebeca e a mãe formam a dupla da descarga, conseguem extravasar ainda que seja descontroladamente, sem medidas, sem contenção, enquanto o pai e Amanda são aqueles que retêm que guardam. Duplas que se identificam na expulsão e na retenção: “(...) *Terapeuta: Vocês também jogam coisas? Mãe: Não. Terapeuta: Jogam palavras? Mãe: Sim. Terapeuta: A Amanda guarda tudo, guarda cocô, a Rebeca joga tudo, a mãe joga palavras... E você, pai? Pai: Pareço com a Amanda.*” (5ª sessão).

Mas um movimento já se faz evidenciar quando Cássio consegue responder rapidamente à minha pergunta em relação ao descontrole da mãe, numa descarga quase que imediata, sem vacilar, sem silêncio.

É interessante pensar como a identificação das duplas no movimento de retenção ou expulsão está relacionado à problemática de Amanda e se faz evidenciar não só nas palavras usadas por mim para analisar este caso, mas também na forma de conversar com a família nas sessões:

“(...) Amanda faz barulho, bate o telhado da casinha, brinca e conversa. Terapeuta: Você também faz barulho, né? Não é só a Rebeca! Essa notícia é boa, está falando mais, soltando, deixando sair. Em seguida a terapeuta se dirige aos pais e pergunta: E vocês, conseguiram? Mãe: Não, ele não falou mais comigo.” (7ª sessão).

A mãe reclama muito da falta de ação do pai em relação às brigas das crianças. *“(...) A Rebeca quando quer, não pede, toma, empurra, bate. Já a Amanda dá as coisas pra outra. (...) Terapeuta: E vocês lidam como com isto? Mãe: Tem hora que conversa, tem hora que grita, que bate, eu né, ele não (aponta para o pai)”*. (3ª sessão)

O clima é de acusação e de cobrança onde cada um acha que faz muito enquanto o outro não faz nada: *“Mãe: Se cada um fizer um pouquinho... Pai: Ou se um fizer tudo. Terapeuta: Como é isso? Pai: Tem que ser eu, porque ela não abre mão de nada. (7ª sessão).*

“Se um fizer tudo”, é como se um ocupasse o lugar de dois, ou dois em um ou um dentro do outro preenchendo o vazio e obliterando a falta, a separação, para que não vivenciem perdas (ele = pai e mãe; ela = mãe e pai)), o que está associado ao sintoma de Amanda, o cocô fica guardado, não pode ser perdido.

“Os pais comentam que Amanda conseguiu fazer cocô no pinico. (...) o pai conta a história de um passarinho, pois Amanda viu cocô de passarinho na rua e disse: ‘O passarinho não pode fazer cocô na fralda!’”. (7ª sessão)

Em seguida ao comentário dos pais da melhora no sintoma, há a expressão de uma fantasia como se dissessem “coitado do passarinho, ele não pode guardar o seu cocô, fica perdido na rua!” Esta é a fantasia presente no jogo familiar, de que nada pode ficar perdido. Tem que se guardar o cocô e as palavras-cocô também, ficando com o ânus e a boca fechados, tudo fechado, pois à medida que estes elementos saem, vão embora, quando falamos as palavras também se vão, vão se perdendo e perdemos o controle delas.

Mas uma nova configuração começará a se desenhar nos encontros familiares e novos canais, além do sintoma de Amanda e do silêncio vão ser utilizados por toda a família para dizerem um ao outro o que pensam e sentem.

“Terapeuta: Não tem outra saída? Mãe: Não, ele não conversa. É difícil quando você fala sozinha, não é? (olha para Cássio). Pai: Ah! (em tom irônico). O problema é que ela não acredita ou não dá o devido peso ao que eu falo. Entra num ouvido e sai no outro. Na crise ela diz que não falo nada, e não é, é por que ela não escuta. Mãe: Não é não. Nós já fizemos terapia e sempre estivemos em crise, sempre teve uma tentativa de buscar solução, já fiz várias críticas profissionais e financeiras, jogava na cara. Pai: Continua. Mãe: Humilhava. Todas as formas de perdão eu já fiz, mas ele não me perdoou, está parado então não vai perdoar mais e nossa situação financeira está péssima de novo. Rebeca neste momento entrega um desenho para a mãe, que olha e pergunta. A terapeuta faz um comentário que o sol está com a cara muito brava, cheia de dentes. Mãe: Está bravo ou está fazendo assim: grrrrr. Terapeuta: Ele está com raiva do que a gente está conversando, um de cada lado da casa, tem muito sentimento pesado. Aqui (mostra o 1º desenho) estava mais ou menos, mas aqui (mostra o 2º desenho) ele está bem bravo. E a Amanda, o que fez? Amanda: Um dente. O pai olha curioso para o desenho e Amanda diz: o dente está quebrado” (6ª sessão).

Nesta cena, a crise do casal se desnuda e o que era aparência “(...) meu marido é muito companheiro, gosta de participar... (...) é paizão” (mãe na 1ª sessão), até então, cai, como a cortina do teatro, outrora mudo, mas que agora pode ser desvendado e revelado em suas hostilidades. Vanda se mostra em sua posição autoritária, intransigente e crítica, sobressaindo-se financeiramente, pois se coloca em lugar privilegiado e Cássio fica submetido e humilhado enquanto homem provedor “(...) ele é competente, mas não sabe cobrar de um cliente” (mãe na 7ª sessão). As crianças, por sua vez, participam da conversa com seus desenhos, expressando a hostilidade e o clima familiar em seus desenhos com dentes à mostra.

Enquanto a relação do casal toma espaço e vulto nos encontros, Rebeca e Amanda ficam esquecidas e deixadas de lado.

*“O pai fala de sua carreira na cidade de procedência, que então foi abortada e começou outra carreira aqui, deixou também família e amigos, fala de seus fracassos profissionais e em seguida, o casal começa a discutir. Mãe: Ele acha que é só a questão financeira e não é. Eu queria que ele parasse de beber, que fizesse regime, começasse uma atividade física, emagrecesse 20 quilos. Pai; Você fala como se eu enchesse a cara Mãe: O problema não é a quantidade, mas é que você tem que beber todo dia. A sua rotina não é saudável e eu queria uma rotina saudável. Pai: Como chegar em casa e ver a mulher com a cara emburrada todo dia? Mãe: Não, é só porque eu queria conversar, queria discutir, que ele tomasse uma posição. Enquanto os pais discutem, Rebeca está brincando na casinha de bonecas e Amanda que está sentada na mesa de crianças. Ela então fala em voz bem alta: Rebeca, **cuida do meu neném aí, tá?** O casal continua discutindo e Amanda deixa cair uma caixa de lápis, fazendo barulho (7ª sessão)*

A voz de Amanda sai pela primeira vez em tom bem audível, numa solicitação de cuidado e atenção, fazendo o seu próprio barulho também e como se dissesse: Ei, tem mais gente por perto, vocês podem cuidar de mim, do neném que puseram no mundo? Mas os adultos estão imersos em suas mazelas e não conseguem abrir espaço em direção às crianças e neste sentido é evidente que elas saem chamuscadas pelas dificuldades do casal parental.

“Pai: O negócio é que fracassei na profissão. Quando a Rebeca nasceu, estava deprimido, doente, na época não sabia, mas hoje eu sei que eu estava doente. Em seguida, Amanda pede uma folha para desenhar e a mãe então organiza as folhas entre Rebeca e Amanda. Ela (Amanda) não fica satisfeita, pois quer o bloco todo e não só uma que a mãe havia entregado. Terapeuta: O que a mamãe te deu não é suficiente, tem que ser do seu jeito? Tem sentido isto? Pai: Acho que tem sim. Mãe: Você sabe, ele não me dá nada. (continua queixando-se do pai).” (7ª sessão).

Nas duas cenas acima, além das dificuldades do casal, Cássio começa a falar também de seus problemas pessoais, suas dores próprias, sua depressão, e neste sentido começa haver uma discriminação daquilo que é seu. Vanda, por sua vez, em relação às crianças, está na função organizativa, arrumando, ajeitando e organizando o material sobre a mesa e nem se dá conta que eu falava a respeito da insatisfação de Amanda em relação ao que ela oferece à menina. Pelo contrário, ela continua com a atenção voltada para seu relacionamento com Cássio e sua insatisfação em relação a ele, ou seja, a direção se faz segundo a fragmentação já nomeada, o casal.

No encontro das sessões Vanda demonstra muita preocupação com a organização e a limpeza e irrita-se muito com a bagunça. “(...) Mãe: *Rebeca, organiza os lápis. Rebeca atende o pedido da mãe. Mãe: A Rebeca é boa para arrumar as coisas.*” (9ª sessão). *A Rebeca ajudou muito na faxina, guardou os brinquedos, agora ela brinca e sabe organizar* (8ª sessão).

Neste sentido, as crianças correspondem ao desejo da mãe quanto a permanecerem limpas e organizadas.

Quanto ao outro par, Amanda e Rebeca, seguindo o olhar da fragmentação, há uma transformação na posição de rivalização no decorrer dos atendimentos, pois as crianças, ao se relacionarem, passam a fazê-lo de forma mais cooperativa e não tanto competitiva. Fazem teatro de fantoche, não mais sem sons, onde brincam uma com a outra, encenando, falando e sorrindo, demonstrando prazer na criação, cenas que ocorrem em simultaneidade às conversas do casal parental, que discute constantemente seu relacionamento.

“Amanda e Rebeca conversam e brincam. Amanda sorri. Rebeca coloca um jacaré no teatro e Amanda fingindo gritar de medo vai até o teatro e diz: ‘Come o meu dedo!’ Neste instante a mãe lembra que Amanda deu uma mordida em Rebeca e a terapeuta fala que a criança está abrindo a boca, falando e mordendo...” (7ª sessão)

Amanda muda sua posição passiva de outrora, onde era objeto de investidas agressivas da irmã, para uma posição mais ativa. Além de interagir de maneira mais cooperativa, usando a palavra como mediadora da relação, as crianças mudam suas condutas, Amanda passa a fazer mais uso da palavra oral e Rebeca consegue ouvi-la e esperar ao invés de arrancar algum objeto desejado em posse de sua irmã.

“(...) Rebeca olha para o desenho que fez e diz a Amanda: ‘Quero a tesoura’. Amanda: Estou precisando, quando eu falar ‘tá pronto’, eu entrego pra você (continua cortando). Rebeca então, espera pela tesoura.” (18ª sessão). “Amanda vai para os fantoches, começa a brincar com os grandes e decide trocar pelos pequenos. Rebeca: Também vou brincar com os fantoches. Amanda: Você vai ficar com os grandes e eu com os pequenos. Rebeca então respeita o espaço de Amanda e as duas brincam juntas”. (20ª sessão).

Em relação à discriminação que vai se processando nesta família, podemos analisar na cena a seguir como a pequena Amanda se posiciona em relação às dores de seus pais.

Amanda está fazendo desenhos colando massa de modelar nas folhas de papel e à medida que termina entrega para o pai e para a mãe, que estão brigados.

“Amanda: Vou fazer outro pro papai. Terapeuta: Você está cuidando do papai e da mamãe? Amanda entrega para o pai e diz: Fiz um barquinho. Pai: Olha, que bonitinho! Rebeca: Deixa eu ver? Que diferente! Amanda então brinca com o barquinho na perna do pai, falando dos movimentos que o barco faz e diz: ‘Agora vou fazer outro pra mamãe, vou

fazer um gatinho pra mamãe, aqui seu gatinho, miau, miau...’ Amanda continua fazendo desenhos para os pais. (...) Entrega um desenho ao pai e diz: Uma chave para o papai. Terapeuta: Uma chave? Para abrir a porta? Amanda: Não. Para abrir, para enfiar no dodói do menino (...) para sair mais sangue”. (18ª sessão).

A criança movimenta-se e fala mais, percebe e entende as dificuldades dos pais e a sua maneira, tenta ajudá-los, consolando-os com os seus dons, oferecendo seus desenhos, que agora também podem ser admirados por Rebeca, a qual expressa seu espanto pela diferença constatada no desenho, algo próprio que só ela pôde fazer. Diferença esta que também vai ser enfatizada no desenho da chave, simbolismo de que cada um deve cuidar de seu próprio machucado, mesmo que saia muito sangue, que doa muito, mas ainda assim, que cada um fique com sua própria dor.

“(...) Amanda se volta para o quebra-cabeça e sua mãe brinca com ela e conversa: A lagarta come, come a folha e depois (...) A criança responde: ... ela dorme... (continuam brincando e conversando enquanto montam o quebra-cabeças). (...) Amanda vai para a mesinha e brinca com a irmã um pouco. Rebeca volta para o quadro e Amanda vai para a casinha. Amanda pede para a casinha chegar mais perto da mesa e a mãe ajuda. Terapeuta: Ela nunca brincou tanto, né? Ta usando todo o espaço! A mãe concorda”. (20ª sessão)

Há uma interação entre a mãe e Amanda, que juntas descobrem novos brinquedos e, além disto, a criança sai de sua clausura, como a lagarta, ampliando seu espaço, deslocando-se e experimentando.

7.3.2 - Mamãe e suas crianças

Mencionei no tópico anterior sobre a função organizativa que Vanda ocupa em relação à Amanda e Rebeca além de estar posicionada na função materna ‘de fora’, sem implicação, sem enredo e sem construção de experiências significativas. E esse posicionamento ‘de fora’ pode ser compreendido de uma melhor maneira na cena a seguir, quando eu tenho o entendimento da mãe como receptora de notícias relativas ao que acontece com as crianças, (e nesta vinheta, mais especificamente com Amanda), independente de estar fisicamente perto ou não.

“(...) A mãe sai da sala para levar Amanda para fazer xixi. O pai diz que ela fez antes de sair de casa e quando a mãe volta pra sala de atendimento, diz: ‘Fez um tanto!’ Pai: Ela fez antes de sair. Mãe: Não fez, ela disse que hoje fez cocô no vaso. Pai: Fez. Terapeuta: Você não viu? Mãe: Eu estava no banho. Pai: Ela ia te contar. Amanda então pega o vaso da casinha de bonecas e diz que ele está cheio de cocô. Mãe: Então dá descarga pra ele ir embora.(...) A terapeuta conversa com os pais a respeito do que conseguem acompanhar, em relação às filhas. Terapeuta: É interessante como o Cássio vê os atos e a Vanda recebe as notícias. Mãe: É falta de atenção. Terapeuta: Falta de atenção ou de presença física, isto dá pra você considerar. Mãe: Eu fiquei me perguntando porque corro tanto, onde isto está me levando?” (16ª sessão)

Cássio “vê os atos”, ou seja, ele está posicionado como alguém que está por perto para ver, conferir, acompanhar, para assistir, mas ainda assim com a cabeça um tanto ausente. Vanda, por sua vez, recebe as notícias vistas, acompanhadas por Cássio e se justifica acerca de sua ausência de experiência emocional, naquilo que não advém através do noticiário.

Ainda assim o canal de transmissão de notícias (Cássio) não parece muito digno de confiança para Vanda, que no início da vinheta coloca em dúvida a sua palavra demonstrando a falta de confiança na palavra do outro e mais uma vez a posição acirrada do casal se evidencia, aparecendo como foco e o sintoma e sua melhora, como fundo.

A mãe começa a considerar sobre sua vida de corre-corre, uma vida que não permite a parada necessária para convivência com Amanda ou sua família e que a faz situar-se numa posição de quem recebe notícias e não de quem experimenta e vivencia situações cotidianas tão importantes e significativas dentro de sua casa.

A frase dita pela mãe para que Amanda dê logo descarga para o cocô ir embora diz também de um desejo materno em livrar-se daquilo que é insuportável a ela, a sujeira. Neste sentido, a criança corresponde ao desejo da mãe mantendo-se limpa, segurando o seu cocô, não o deixando sair para não se sujar.

Diz também de uma posição retentiva, obstinada, organizativa e que tudo seja rápido, depressa, de forma que nem sequer se tenha tempo para dar conta do que está acontecendo. Desta forma, falta o tempo primordial para a elaboração psíquica das separações de todas as ordens (reais e fantasísticas), tempo que no luto chamamos de sofrimento intenso e significado (ódio), pela perda do objeto de amor.

Vanda não suporta desorganização, sujeira ou barulho. “(...) *Terapeuta conversa sobre o barulho de Rebeca... Mãe: Vamos organizar? Terapeuta: Não dá mais tempo de mexer neste assunto? Mãe: Ah! Terapeuta: O que você está pensando? Mãe: Essa bagunça me irrita!*” (9ª sessão) (...) *O barulho aumentou, está muito grande!* (8ª sessão).

Rebeca se faz representar com o seu barulho, com aquilo que é insuportável a mãe, a qual responde de seu modo organizativo.

Por outro lado, Rebeca irá também corresponder com seu silêncio ao desejo materno, ainda que este silêncio também seja para atingir profundamente a mãe, não se relacionando com ela e não atendendo aos seus pedidos, numa manifestação de protesto e desprezo demonstrando a sua contrariedade à mãe, como uma forma de apresentar aquilo que é seu, singular, fazendo barreira a esta mãe.

Vanda trabalha com animais, mas de uma maneira muito asséptica e gosta muito de lidar com eles. Na cena abaixo eu começo a fazer uma associação do silêncio de Rebeca com o gosto da mãe em trabalhar com animais.

“(...) a gente estava conversando que animal não conversa e a mamãe trabalha com animais, gosta de bicho, né Rebeca? Você trabalha com o que Vanda? Mãe: Com suíno (explica o trabalho). Gosto de bicho, é menos complicado do que gente, mas todo animal tem um dono.” (9ª sessão).

Mesmo que a mamãe goste do silêncio, da não-palavra, da não contrariedade, no fundo todo animal tem um dono, ou seja, todo animal tem um desejo próprio e mesmo que Rebeca se esforce por se comportar como um animal como a mamãe gostaria, submetida, controlável, ainda assim ela tem um desejo próprio.

Ainda que Vanda lide e goste de animais, não suporta sujeira e embora tenha uma cachorra em casa, não incentiva as crianças a brincar com ela. *“(...) Terapeuta: E as crianças gostam de brincar com ela? Mãe: Gostam, mas eu não incentivo. É bom, mas não toma banho.” (9ª sessão).*

Desta forma, as duas crianças estão posicionadas como objetos parciais de satisfação materna, com ânus e boca fechados. Cada uma posicionada de uma forma: Rebeca no seu

silêncio, com a falta de palavras, fechando a sua boca numa maneira de agradar a mãe e Amanda, na falta do cocô, mantendo-se limpa, fechando o ânus. As duas formam uma espécie de unidade não discriminada de uma mesma posição desejante, como se fossem gêmeas. E enquanto permanecem nesta posição, agradam a mamãe, mas quando começam a destravar, a fazer barulho, sujeira, já não servem pra mamãe.

7.3.2.1 - Rebeca e Amanda: as irmãs gêmeas da mamãe.

A reprodução da história materna através de suas filhas (objetos parciais) está relacionada à sua vivência infantil em relação às suas irmãs gêmeas.

“(...) Terapeuta: Você é a mais nova? Mãe: É, meus irmãos são bem mais velhos. Terapeuta: Você é a rapa do tacho? Igual a Amanda? Mãe: Nunca me senti rapa do tacho, me sentia muito sozinha, eles eram mais próximos, por serem mais velhos, eu brigava muito com as minhas irmãs, que são gêmeas. Terapeuta: Você está falando que nunca foi paparicada como a Amanda? Mãe: É. (...) eu sempre tive mais afinidade com o meu pai, mas aí ele morava em outra cidade e era difícil... (...) eu me sentia só, brincava com as meninas da rua”. (11ª sessão)

Vanda conta nesta cena um pouco de seus sentimentos relacionados às suas irmãs gêmeas, no sentido da solidão e do que provavelmente estava associado a ele, ou seja, um sentimento de inferioridade. Além disso, a competição, as brigas existentes entre elas, muito semelhante ao que Amanda e Rebeca vivem. Como se fossem gêmeas também? As gêmeas da mamãe, os pedaços da mamãe que estão em cada uma das crianças.

Embora os pares se definam sempre da mesma maneira, dispostos fisicamente, ou seja, cada um carregando uma criança, pai e Amanda, mãe e Rebeca, não significa que Rebeca seja o objeto precioso da mamãe, a preferida. Pelo contrário, Amanda, sendo a caçula e numa posição fragilizada diante de Rebeca (a qual demonstra toda sua força perante a irmã mais nova), é o objeto precioso de identificação da mãe, pois igualmente, enquanto criança sentia-se fragilizada, solitária e inferiorizada. “(...) *Mãe: descobri em terapia os meus traumas quando tomava remédios amargos e quando vou dar pra Amanda, sofro também*”. (11ª sessão)

A mãe diz: “(...) *só que no aniversário da Rebeca teve presente pra Amanda também...*”(9ª sessão).

Há uma tentativa da mãe de estabelecer uma igualdade entre as crianças, como se fossem gêmeas, anulando as diferenças, e neste sentido, a rivalização, a competição que é tão característica da relação de Amanda e Rebeca, serve para encenar um jogo onde uma pode se tornar tão capaz quanto a outra, Amanda que é supostamente fraca, pode se tornar tão forte quanto Rebeca. Desta forma montam-se situações de igualdade que não existem, pois foram geradas em momentos históricos diferentes e em condições mentais diferentes. Mas isto é negado pela mãe, quando inconscientemente estimula a competição como forma de estabelecer a igualdade e se livrar do sentimento de inferioridade que ocupava na rede familiar e que é reencenado através de suas crianças.

Cássio, por sua vez é o carregador dos objetos da mamãe, o elemento visado por todos e que, quando ausente, deixa toda a família como crianças emburradas, ressentidas e abandonadas. **Onde está a mamãe?**

*“(...) Amanda chega chupando o dedo e a terapeuta pergunta ao pai se ela tem este hábito, ele responde que não. Terapeuta: E por que a mamãe não veio? Quando falta alguém a gente fala que fica chupando o dedo. **Silêncio.** (...) Ao final da sessão, Amanda diz: A mamãe não está aqui. Terapeuta: Não está, e você sabe onde ela está? Amanda: Sei. Terapeuta: Onde? **Silêncio.** Terapeuta: Não sabe, igual a Rebeca não sabe para onde foram os cachorrinhos, a mamãe some, vocês não sabem onde ela foi e fica assim? **Silêncio.** Terapeuta: É assim, Cássio? Faltam palavras, hoje elas acordaram e a mamãe tinha ido... .. Pai: Não, ela estava lá, é aquela luta para arrumar, depois disse: ‘Estou indo’. Terapeuta: Sem explicar. Pai: É acho que foi isso mesmo”. (14ª sessão).*

Na ausência da mãe, o silêncio volta a reinar e o pai se mantém em sua posição de imobilidade, estático, como se nada tivesse a dizer a suas filhas, desconsolado na ausência de Vanda, comportando-se como um menino abandonado.

7.3.2.2 - O menino da mamãe

“(...) Pai: Por exemplo, quando tem uma reunião na OAB, ela arruma um compromisso para eu ter que ficar com as meninas. Mãe: Ah não Cássio, não faz isso! Como vou saber se você tem compromisso se você não me fala? Pai: E meus amigos falam a mesma coisa... (...) eles falam que eu não comunico, mas não é possível, ela convive comigo há dez anos e não sabe? Eu sei exatamente o que ela pensa. Mãe: Não sabe. Terapeuta: Este é o padrão tartaruga. Pai: Eu não mudo, fazer o que? (...) me fecho no computador... (...) vou te dar um exemplo, ela sabe que eu não gosto de mexido e em dez anos, mas ela faz todo dia para eu comer. Mãe: Só uma vez por semana.(...) Pai: O que eu quero dizer é que tem coisa que eu não preciso falar.” (13ª sessão)

Ele não gosta do que ela lhe faz, do que ela lhe proporciona há dez anos “eu não gosto de mexido”, mas ainda assim, come este tal mexido. Ele não quer ter a vida mexida, mas ainda assim vale reclamar sobre sua vida rotineira e desgostosa.

Cássio não muda de posição e reafirma sua maneira de ser. Espera magicamente que Vanda realize seus desejos sem tem que falar, se pronunciar ou reagir. É o pensamento mágico onipotente de uma criança que deseja que sua mãe o satisfaça plenamente.

A relação de Cássio e Vanda é puramente narcísica, pois Cássio não quer saber da mulher Vanda e sim de uma mãe fálica e poderosa que o supra, e ela, por sua vez, também não quer saber do homem Cássio e sim de seu complemento fálico.

Na sequência da cena, na qual desenrolava uma conversa sobre a possível separação do casal, *“Vanda diz: Não é a melhor opção, mas... Terapeuta: É o que você quer mãe? Vanda: Não, mas ele não vai mudar. Terapeuta: É o que você quer Cássio? Pai: Não, estou fazendo o que ela quer.” (6ª sessão).*

Cássio submete-se às vontades de Vanda, sem tomar a sua própria posição e se haver consigo próprio e suas dificuldades. Assim como se prestou a cuidar das crianças, o carregador dos objetos da mamãe, sendo assim o encarregado delas numa função que denominou de *“obrigatória” (2ª sessão)* quando Vanda esteve fora, põe-se num lugar de admirador dela, fazendo o que ela quer e não demonstrando nenhuma contrariedade.

“Pai: Se eu tivesse uma varinha de condão... Terapeuta: O que você mudaria? Pai: Daria o que ela quer. Terapeuta: O que? Pai: Ela tem dificuldade em lidar com dificuldades financeiras e eu estou numa situação profissional delicada. Ela me exige respostas que eu não posso dar.” (7ª sessão)

A varinha de condão é o objeto que simboliza um desejo, objeto forte, onipotente e mágico, através do qual tudo poderá ser oferecido ao outro, uma metáfora para se pensar uma onipotência narcísica absoluta, onde um poderá dar tudo e o outro também receberá

tudo, sem espaço para a falta ou perda alguma. Objeto através do qual poderá satisfazer e suprir todos os desejos de Vanda.

Os dois combinam nesta relação de complementariedade, e embora briguem todo o tempo, se completam em termos de formulações fantasísticas (imaginárias). Cada um exige do outro aquilo que o outro não pode dar. Ele não pode satisfazê-la plenamente, como imagina que seria com uma varinha mágica, e ela não pode dar a ele tudo o que deseja, seu passado idílico perdido, sua mamãe da infância. Desta forma, eles comportam-se como duas crianças emburradas quando não obtém o que desejam e até a maneira de falar reflete isto: *“Vanda: Ele ficou de mal de mim! Cássio: Não, não fiquei, você é que ficou!” (12ª sessão).*

Eles complementam-se imaginariamente, mas há um lugar de insuficiência que Cássio ocupa na vida de Vanda, segundo o qual, cobra dele mais do que ele pode lhe oferecer:

“Amanda pede uma folha para desenhar. A mãe organiza as folhas entre Rebeca e Amanda. Amanda não fica satisfeita, quer o bloco todo de folhas e não só uma que a mãe havia lhe entregue. Terapeuta: O que a mamãe te deu não é suficiente? Tem que ser do seu jeito? Será que isto tem sentido? Pai: Acho que tem sim. Mãe: Você sabe que ele não me dá nada. Não estou falando de coisas materiais, presentes não. Dia de namorado, ou outro dia, nós não temos essas coisas (...) (7ª sessão).

Nesta cena, após uma intervenção da relação de Amanda com sua mãe, esta toma a minha fala como algo associado com o relacionamento do casal, colocando-o num lugar de nulidade total: “não me dá nada”. Cássio, por sua vez, permanece imobilizado, submetido, sem reações aparentes e manifestas a estes dizeres tão contundentes de Vanda.

E assim como a sua mulher pede dele mais do que ele pode oferecer Cássio também parece não se dar conta das conseqüências de seus atos e do que teria que responder por si próprio em função de suas decisões pessoais, responsabilizando-se por elas.

“Pai: O negócio é que fracassei na profissão. Quando Rebeca nasceu, estava deprimido, doente, na época não sabia, mas hoje eu sei que eu estava doente. (...) A mãe fala das dificuldades do pai para vir prá cá, fala das perdas, dos amigos. Pai: Eu me lembro de quando vim pra cá, muitas vezes me peguei na garagem, sentado olhando para o céu, pensando o que eu estava fazendo aqui. Não sou de abrir mão de amigos, clientes, família, e eu abri mão de tudo. (...) Mãe: ... acho que ele até hoje não superou, porque ele é competente, mas não sabe cobrar de um cliente. (...) Pai: Não é isto, a questão é outra, é ser mal aproveitado. (...) Pai: Eu fiquei muito decepcionado. Você inicia num lugar, que é seu campo, aí você sai dali e recomeça, com esperança e sendo competente, aí é decepção de novo, é uma história de repetição, não pára. (7ª sessão).

A transferência de uma cidade para outra trouxe perdas e parece que Cássio não imaginava que iria sofrer as conseqüências destas perdas, ele então se decepciona, se deprime e os afetos advindos dos objetos perdidos, clientes, família, amigos podem ser melhor compreendidos no tópico a seguir a partir das relações com suas filhas, num espelhamento de si próprio.

7.3.3 - O papai e suas crianças

Neste tópico estarei discorrendo sobre como Cássio posiciona-se em relação às suas crianças, além de sua condição inicial de enclausuramento e retenção de palavras, associado ao sintoma de Amanda, como já discutido anteriormente.

“Rebeca pega umas varetas e o pai diz: ‘Não brinca com isso não, Rebeca!’ (...) A mãe estimula Rebeca a contar uma história no teatro de fantoches. Silêncio. Rebeca ri. O pai permanece cabisbaixo.(...) Rebeca coloca os bonecos no teatro e grita. Terapeuta: Olha! Apareceram os bonecos! Pai: A Rebeca é a mais aplicada da sala dela. (...) O pai chama a atenção de Rebeca, que pegou as varetas. Mãe: Deixa ela! (...) A terapeuta conversa com o pai sobre as varetas. Terapeuta: O que acontece com as varetas, você não gosta? Pai: Não gosto, pois se a gente se descuida, a Amanda vai em cima e acontecem acidentes. Terapeuta: Vocês não concordam muito, discordam (fala aos pais). Mãe: ‘A vareta é perigosa, mas a Rebeca já tem habilidade para brincar. A Rebeca tem brinquedos que podem ser perigosos para Amanda, então peço que não brinque perto dela. Tem coisa que a gente separa, mas eu acho que a Rebeca tem que experimentar. Por exemplo, faca, a Rebeca tem que aprender, mas é perigoso para a Amanda’. Terapeuta: Não tem muito acordo. Pai: ‘Não, nesse ponto, não Olha lá (aponta para Amanda e Rebeca que estão brincando juntas no chão com as varetas). A Amanda já está lá. Daqui a pouco tem briga e há um descontrole’. (3ª sessão)

A cena começa com o incômodo do pai em relação à brincadeira com varetas, objetos pontiagudos e que segundo a interpretação de Cássio, podem ferir alguém, ou mais especificamente, Amanda. Ele não consegue impor-se diante de Vanda, a qual discorda de seu pensamento. Permanece cabisbaixo e submetido à Vanda e às crianças, que então brincam com as varetas.

A idéia de que possa haver um descontrole, um acesso de raiva tal que possa ser incontrolável parece ser a base de uma fantasia de destruição total de Cássio, na qual ele não se vê nem em condições de cogitar um controle de tal situação, ou seja, ajudar as crianças se algo desta ordem ocorrer. O que se pode compreender é que a possibilidade de destrutividade e de destruição do outro é dele próprio e não das crianças, pois a fantasia é imensa, magnâmica e desta forma, muito perigosa. A hostilidade advinda desta posição de

subserviência é forte e ao mesmo tempo aprisionante e masoquista, pois não consegue fazer valer a sua palavra. Cássio fica em seu canto remoendo seu ódio, cabisbaixo, segurando tudo, contendo tudo.

Partes de Cássio são projetadas nas crianças: em Amanda, o seu fragmento contido, não falado, não dito. Amanda não pode fazer nada, não pode inventar e nem se aproximar de coisas que possibilitam correr riscos, pois são ameaçadoras e perigosas, ela pode se machucar ou pode furá-lo, como parte de sua fantasia de ódio projetado em Rebeca, que é ao mesmo tempo temida e exaltada “ela é a melhor da sala”.

Por outro lado, se Cássio quer ter um objeto forte e maravilhoso como foi discutido no tópico anterior, como um menino pequeno que magicamente tem seus desejos realizados por uma mãe poderosa, projetada em Vanda ele também se revela um menino que vive ameaçando se descontrolar e se rebelar.

“O que determina se o trabalho de um homem é sagrado ou secular não é o que ele faz, mas, sim, por que o faz”.

A. W. Tozer

8 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos três casos clínicos analisados, alguns elementos em comum se destacaram quanto ao exercício das funções parentais.

O primeiro deles diz respeito ao deslocamento e esvaziamento destas funções.

8.1 - O esvaziamento e o deslocamento das funções parentais: a função materna e a função paterna

Este esvaziamento se fez presente em Mariana, através da análise do colo vazado e na sua maneira de ser junto a seu filho, com dificuldades de se doar a ele enquanto ser humano com o seu potencial interno, numa entrega de si. Ao invés disto, de confiar em si mesma e contar consigo mesma, ela se coloca como propiciadora de, ou seja, como canal através do qual meios e recursos (educativos e materiais) serão dispostos para que seu filho tenha um bom desenvolvimento.

Mariana não sabe o que fazer com a criança, palavras ditas literalmente por ela quando se via aflita tentando achar um lugar para seu filho ficar, pois a sua casa parecia ser lugar

impróprio a ele, já que também constituía seu local de trabalho. Desta forma, ela o distribuía em escolas, hoteizinhos, avó materna ou com uma auxiliar; muitos recursos e dispositivos institucionais para que seu filho fosse cuidado, recursos estes que caracterizam bem a nossa época, excesso e fragmentação, muitos lugares, nos quais a criança permanecia parte de seu dia ou mesmo noite, quando necessário.

Na oferta de coisas e nas dificuldades de doação de si própria, Mariana deixa de fazer uma operação fundamental exercida pelo agente materno que Jerusalinsky (2002) denomina de demanda, os pedidos, os objetos de dom e de amor e a inscrição da criança no campo da linguagem.

A palavra materna enquanto mediadora da relação, num tempo de descoberta do outro e da construção de um relacionamento, é esvaziada e o que Mariana constitui com seu filho é puro ato, condicionando Joel como um animalzinho, sem palavras construtivas, consoladoras e significativas. Neste sentido, a mãe simbólica que Dolto (citado por Ledoux, 1991) nos fala, que é a mãe presente e tranquilizadora que dá significação, sentido e representação e não considera a criança apenas como um tubo digestivo a ser preenchido, está bastante comprometida em Mariana, como pôde ser analisada no capítulo anterior relativo ao tópico ‘Vazio, solidão e desamparo: comida, brinquedos e escolas’.

Se a mãe simbólica está comprometida, a função paterna em Mariana como elemento terceiro, ou seja, a condição interna materna (operação inconsciente de castração) que intervém na relação binária (mãe-criança) e que vai além do corpo a corpo, também está.

Tanto no tópico ‘O corpo a corpo, a massagista, o toque’ quanto no tópico ‘Relação de poder/erótica da mãe com Joel’, analisei o erotismo presente entre Mariana e Joel e o vínculo imaginário incestuoso que se estabeleceu entre eles. Através de uma relação dual

não castrada, onde há um nível de satisfação pré-edípica, a criança ficou no lugar de objeto do gozo materno e não houve a castração simbologênica, termo cunhado por Dolto, o qual diz da possibilidade de dinamizar e humanizar o outro como sujeito e não como objeto.

Além destas considerações, a oferta de coisas, ou seja, o consumismo como elemento da contemporaneidade entra na ordem das relações e no modo como Mariana se dispõe a ser mãe. Ao conquistar e obter coisas, o faz numa tentativa de preenchimento do vazio afetivo, ofertando estes bens materiais ao seu filho, os quais se tornam sinônimos de sucesso e felicidade. É o ter contrapondo-se ao ser. Dar tudo, menos ser, dar-se enquanto mãe. “(...) *fala que tenta comprar tudo para Joel, tenta suprir o vazio*” (21ª sessão).

Esta condição faz lembrar o que Pinheiro (2002, citado por Herzog & Salztrager, 2003) considera como o imperativo do pleno gozo, de tudo poder ter e do ideal de eu que deixa de estar associado a valores e passa a se vincular aos objetos, na ordem da aquisição de mercadorias de consumo.

Há também o caráter utilitário estabelecido na relação interpessoal como analisa Fortes (2004) onde o amor si torna-se mais intenso em detrimento do amor ao outro. Na relação de Mariana com Joel este aspecto é evidenciado através de seu pensamento quanto ao futuro de seu filho: “(...) *Joel pode ser preparado para ser médico e virar catador de lixo, eu posso ter lucro ou ter prejuízo*” (mãe na 25ª sessão).

Neste caso, o pai enquanto pessoa presente se faz ausente, embora seja trazido permanentemente nas palavras maternas enquanto queixa de sua solidão interferindo deste modo, na função materna. Mariana sente-se enfraquecida e desamparada e a falta do apoio paterno efetivo, tanto material quanto emocionalmente, influencia em sua maneira de ser

mãe. Tem que ser provedora de todos os recursos financeiros, se desdobrando para isto e investindo todas as suas forças neste sentido.

Ao mesmo tempo em que Mariana gaba-se de sua autonomia e independência financeira, queixa-se de sua solidão e deseja ser de alguma forma, ainda que de maneira temerosa, ser amparada pelo ex-marido, pois lhe falta o apoio humano. Há uma dependência temida, mas desejada.

Vive os paradoxos que Lipovetsky (2004) analisa em relação à autonomia tão sonhada, mas onde ao mesmo tempo há o desejo da dependência. Vive o desamparo, que é a marca de nosso tempo, de um sujeito livre e soberano, mas que tem que pagar um preço por sua responsabilidade, vivendo a sensação de vazio e desproteção, precariedade interna, insegurança identitária e impotência no agir (Fortes, 2004; Ehrenberg, 1998 citado por Prata, 2004).

Mariana vive também através de seu individualismo, *‘cada um na sua, me deixa’* o declínio das forças interiores tão bem explicado por Lipovetsky, quando analisa a fragilidade e desestabilização do indivíduo frente ao avanço da individualização e declínio das normas coletivas, as quais em outros tempos traziam uma certa segurança aos indivíduos.

Um outro aspecto importante quanto à função materna em Mariana, é a ausência de antecipação em relação a Joel, de expectativas e de sonhos. Este é um fator do agente materno que propicia sonhar com a criança, desejar por ela, colocar-se em seu lugar, supor a existência de um sujeito onde ainda não há e impulsionar um sujeito a vir a ser. Neste sentido, parece não haver demanda, um projeto de vida emocional, mas sim sobrecarga e peso.

Uma situação comum que se repetiu muito nos atendimentos era em relação à falta de preparo de Mariana quanto às necessidades de Joel. Embora ele estivesse constantemente gripado, ela nunca carregava um lenço, não se preparava antecipadamente para as necessidades da criança, demonstrando falta de cuidado e atenção a ele.

E o desconhecimento de Mariana de seu filho em relação a seus gostos seja alimentar ou outro qualquer também se fez de forma gritante. Quando Mariana colocou Joel para fazer uma modalidade olímpica, o fez segundo seus próprios sonhos e desejos (elemento intergeracional que será discutido mais adiante), e não segundo aquilo que deveria interessar à criança, ou seja, a parte que caberia a ela, de seu próprio modo de ser (alteridade).

Em Jerusalinsky (2002) vamos encontrar quatro operações fundamentais a serem exercidas na função materna, as quais devem ser articuladas num mesmo movimento no campo da dialética do desejo materno e a um diferencial da própria criança e são elas: a demanda, a suposição do sujeito (antecipação), a alternância (jogo da presença-ausência) e a alteridade. Mas o que se percebe em Mariana é que há uma polarização e não uma dialética entre os seus desejos e os da criança, o que dificulta e problematiza o exercício de sua função materna.

Todos estes pontos elencados acima, os quais falam das operações fundamentais da função materna, mas também da subjetividade contemporânea contribuem para um melhor esclarecimento do esvaziamento desta função em Mariana.

Em José Paulo e Sandra, houve um deslocamento das funções. Sandra revelou-se inicialmente no seu relacionamento com seu filho, de forma absolutista, ou seja, ocupando um lugar de presença absoluta, para depois se evadir de sua função materna, sendo que José

Paulo irá então, ocupar este lugar. Desta forma, a função paterna fica sem um personagem que o encarne. Há uma mamãe presente em papai e a função paterna fica sem graça, sem cor, preto e branco, sem nome, como analisada no tópico deste caso clínico “O papai que é mamãe”. E a suplência da função materna é feita de modo pré-edipiano, num lugar de gozo e completude, dentro do imaginário paterno, deixando em estado vacilante e/ou vacante a função paterna.

Também no tópico “O pai desistente”, José Paulo responde do lugar de um outro, para não ser pai, ele pode ser avô, avó ou mãe. Na frase que usa sobre o cadeado ‘cadê meus netos?’, há um encadeamento, um fio lógico entre o filho e os netos, pois do lugar de neto, ele foge do lugar de pai. Além deste lugar, ao ocupar a posição feminina, ele se esconde e se esquiva e não se responsabiliza por seus próprios atos atribuindo às esposas (atual e ex) as mazelas de sua vida, como um impedimento do exercício de sua paternidade. Desta forma, se isenta de suas dores próprias (castrações) e se coloca como a maior vítima, ou maior desistente.

Tanto Sandra quanto José Paulo ocupam o lugar de presença absoluta na função materna. Na relação com a criança, vai faltar ritmo no jogo presença-ausência, operação fundamental para simbolização e entrada da criança no universo lingüístico, pois se ela não tem a ausência da ausência da mãe, isto a impossibilitará de entrar na condição simbólica, ou seja, a incapacitará de pensar, criar, entrar na cultura. “(...) *não deixava ir pro chão, tinha medo. (...) eu não saía de perto, mesmo dormindo, ficava olhando... (mãe na 2ª sessão)*”

Neste sentido, o meio físico enquanto facilitador das potencialidades da criança não foi favorável, não havendo, portanto, espaço para alteridade. José Paulo, na função materna, se

fez presente de maneira maciça, “colocando” palavras na boca da criança, não permitindo que houvesse hiância, espaço, tempo de pausa para o outro/criança aparecer.

José Paulo não criou um laço, uma história, não construiu com seu filho uma narrativa própria, singular enquanto lugar de um pai que tem algo a dizer ou contar sobre si, de sua própria história e implicação nela, pelo contrário, este lugar ficou vazio. “(...) *a vida tem o presente pra resolver, eu deixo o passado pra trás, parece que nunca vivi*” (pai na 7ª sessão).

Lipovetsky (2004) fala da extrema importância que o tempo presente adquire dentro da lógica contemporânea do consumo, da moda e da cultura hedonista e psicologista que estimula a satisfação imediata das necessidades.

E é no tempo presente, naquilo que tem que ser resolvido no agora, que José Paulo concentra suas forças, numa tentativa de anular ou esquecer seu passado, negando que possa aprender com a experiência vivida, retirando do presente, as dimensões do passado e do futuro. O seu saber vivencial inexistente e ele vive a lógica predominante do imediato. (Maia, 2002).

Este modo de ser de José Paulo (sujeito contemporâneo) constitui um grande impasse em sua função parental, pois uma criança só poderá ter acesso a sua própria palavra (semiotização) quando estiver dentro da narrativa de um outro (simbolização), se constituindo assim como um sujeito que se distancia do outro, se deslocando e se desprendendo do desejo parental. (Golse, 2004).

Além de anular sua própria história, não há também por parte de José Paulo uma aposta para o futuro de desejos antecipatórios, fator fundamental da função materna, ao contrário, ele vive um presentismo exacerbado, o qual se constitui num campo propício para

aparecimento de patologias, como no caso de João Vítor, seu filho, com transtorno de linguagem, sem acesso à sua própria palavra.

Além disto, se José Paulo encontra-se em posição de impasse quanto ao exercício da função paterna, este posicionamento também acarretará problemas em João Vítor quanto ao processo de simbolização e aquisição de linguagem.

Folberg e Reck (2002) auxiliam num melhor entendimento deste processo quando analisam o declínio da função paterna e as possibilidades decorrentes deste declínio para o processo de simbolização. O fracasso desta função não possibilita que haja uma diferença, um reconhecimento de incompletude, sendo que uma pessoa (criança) nestas condições encontrará dificuldades para buscar o que lhe falta, pois nada há de lhe faltar se não houver castração simbólica (função paterna), e, portanto não existindo falta, não há o que criar.

José Paulo se posiciona também, ‘de fora’, quanto a função paterna, não se implicando na paternidade, tanto em relação a João Vítor quanto aos seus outros filhos, de seu passado anulado. O que ocorre na relação com a criança é uma conduta paterna permissiva, marca importante do homem contemporâneo, revelando assim o declínio da autoridade patriarcal onde então a ética do prazer não encontra limites e onde há uma verdadeira institucionalização da transgressão (Fortes, 2004), como foi analisado nas vinhetas clínicas onde João Vítor triunfava em suas orgias lúdicas, sobre o seu pai, divertindo sem barreiras e sem lei.

Assim como Mariana (caso clínico anterior), José Paulo demonstra também sua impotência, fragilidade e insegurança, não sabendo usar de seus recursos próprios e sua experiência vivida, revelando o declínio de suas forças interiores. “(...) *Pai: não, não sei como agir*” (7ª sessão).

Além disto a relação de José Paulo com João Vítor está no registro das relações narcísico-imaginárias, a criança se constitui o espelho do pai, o filho-papaizinho, pois no narcisismo, o outro de si não é um outro alteritário, mas reflete a si mesmo, é um outro coisificado que reafirma a si mesmo (Albuquerque, 2004). José Paulo age com seu filho no campo das certezas absolutas, pois a partir do imaginário materno, enxerga somente a si próprio e não o que vem da criança.

Sandra, por sua vez, em seu individualismo, marca do sujeito contemporâneo, não demanda nada de seu filho e sua capacidade interpretante, a qual diz de antecipações imaginárias depositadas em uma criança, supondo existir palavras nos grunhidos, dando sentido às vocalizações ou gestos é inexistente. *“João Vítor fala algo e a terapeuta pergunta à mãe o que ele quis dizer. A mãe então responde: Ah! Não sei!” (7ª sessão).*

Também em José Paulo, a lógica do consumismo vai estar presente nos relacionamentos. O seu fracasso profissional vai interferir na sua condição paterna através de sentimentos de insuficiência, fragilidade e incapacidade, pois associa a paternidade à doação de coisas materiais, o consolo de um pai a um filho através da oferta de coisas e não a doação de si mesmo.

Fortes (2004) explica este caráter utilitário das relações interpessoais, onde há a redução do espaço do diálogo e da troca efetiva a partir da lógica consumista associada ao individualismo-hedonismo, onde o ter acesso aos objetos e bens equivale ser feliz e onde o outro ser humano torna-se objeto de consumo, na medida em que serve como instrumento de prazer e de reforço a “auto-exaltação narcísica do sujeito, como meio de alimentar o seu eu e não uma verdadeira relação de alteridade”.(Fortes, 2004, p.71)

Em Cássio e Vanda, o deslocamento e esvaziamento das funções parentais se dá da seguinte forma: enquanto Vanda está fora, não só fisicamente (quando sai para os cursos de pós), mas também quando volta para casa, Cássio que está dentro, “segurando”, ainda que de maneira física, ocupa o lugar da função materna, realizando os cuidados básicos obrigatórios (como ele mesmo denomina).

Na verdade, os dois estão posicionados em suas funções parentais do lado de fora, com a mente voltada para a relação conjugal ou para o trabalho, o qual consome muito os investimentos internos deste casal. Neste sentido, eles parecem alheios e distantes das questões que envolvem suas filhas, sem implicação em suas histórias, sem estar efetivamente dentro e prontos, perceptivos, atentos.

Cássio é aquele que está presente fisicamente, mas com a cabeça ausente e que vê os atos, assiste, mas de maneira distanciada, enquanto Vanda recebe as notícias e administra a família, ao invés de criar história, criar vínculos, participar ativamente, envolvida afetiva e emocionalmente.

A falta de tempo é uma queixa permanente de Cássio e Vanda e que influencia nos contatos e no relacionamento deles com as suas filhas, deixando-as carentes da companhia paterna e materna. Queixa como: (...) *nós não temos tempo para o lazer (pai na 8ª sessão)* ou (...) *nossa vida era um corre-corre (pai na 2ª sessão)*.

Segundo Lipovetsky (2004) a falta de tempo é uma das queixas mais comuns nos nossos tempos hipermodernos e o tempo em seu caráter de urgência e de ação imediata, sob o regime presentista, interfere no cotidiano e nas relações interpessoais, onde o urgente se dá às custas do importante e a ação imediata às custas da reflexão.

Esta é uma análise que se coaduna perfeitamente com a posição que estes pais ocupam em relação às crianças, as quais necessitam tanto de seus pais nesta fase tão fundamental e importante de suas vidas, a infância.

E para a construção de laços afetivos, demanda-se tempo e tempo de vinculação para que se estabeleçam a confiança e a possibilidade de reciprocidade (Maia, 2002), o que nesta família parece ser rarefeito.

Neste caso, um aspecto que chamou muito a minha atenção é o lugar da escola denominado como casa, local onde de fato passam a maior parte do tempo e onde muitas experiências são vivenciadas.

O individualismo aparece como marca significativa deste casal, onde cada um quer prevalecer sobre o outro em posições acirradas gerando brigas entre o casal, que ocupam o tempo e espaço desta família, comprometendo muito as funções parentais, pois deixam de dirigir o olhar para as crianças, ficando voltados para si mesmos.

Vanda também tem muitas dificuldades em estar junto com as crianças, estar com elas de fato e a sua capacidade lúdica é restrita, aparece muito a mamãe que briga e não a mamãe que brinca, conforme dito por Rebeca.

Ao analisar as relações entre o casal e o lugar que ocupam no sentido de um ocupar o lugar de dois, ou dois em um ou um dentro do outro preenchendo o vazio e obliterando a falta, a separação, para não vivenciarem perdas (ele = pai e mãe e ela = mãe e pai), a função paterna, neste sentido fica num lugar vago.

Em todos os três casos encontramos dificuldades quanto ao exercício da função paterna, tanto no homem quanto na mulher e também em relação às funções parentais, tanto materna quanto paterna, as quais encontram-se esvaziadas e deslocadas.

Considerando que as funções parentais são os principais agentes de mobilização dos investimentos afetivos e a condição de inserção da criança na ordem simbólica, concordo com Cecarelli (2002, citado por Passos, 2002) quando diz que a espécie humana tem experienciado de formas e intensidades diferentes, a depender do contexto cultural e temporal, uma crise das referências simbólicas.

8.2 - Os sintomas como reativos às neuroses dos pais, a intergeracionalidade e a transgeracionalidade

Outro elemento em comum nos casos, diz respeito ao lugar que o sintoma infantil vem ocupar, ou seja, em todos os casos analisados o sintoma está associado à neurose dos pais, dentro da categoria chamada por Martine Flechet (citado por Kupfer, 1994) de sintomas reativos, ou seja, manifestações sintomáticas com resposta às neuroses dos pais e como produto da organização parental inconsciente.

Mas embora possam ser classificados desta forma, numa compreensão intersíquica, onde a criança responde ao que existe de sintomático na estrutura familiar, não há como negar a parte que cabe a própria criança (o intrapsíquico), dentro de sua singularidade e que estando em relação com o inconsciente parental, não é o simples reflexo deste.

Em Lebovici há uma leitura semelhante da concepção dos sintomas inscritos no corpo infantil como emergente de conflitos relativos a um contexto mais amplo, familiar, denominado como intergeracional (constituída por vivências psíquicas elaboradas em fantasias, imagos e identificações que organizam uma história familiar) e transgeracional

(elementos brutos e não elaborados, vivências traumáticas de não-ditos em relação aos conflitos dos avós que não são gerados nem resolvidos pelos pais).

No caso clínico ‘Mariana’ a compreensão dos conflitos intergeracionais se dá a partir da idealização que ela faz de Joel, ou seja, o filho da cabeça, perfeito, fruto de seu narcisismo, e que deve crescer sem dar-lhe muito trabalho, contrapondo-se com o filho real, a criança real com suas dificuldades e necessidades. E, além disto, elementos transgeracionais também podem ser identificados a partir de seus sentimentos de hostilidade para com seu filho, os quais estão associados com a sua própria mãe (avó de Joel) e a faz ter comportamentos infantilizados, emburrando como uma criança pequena ou se posicionando frente a seu filho como uma babá, numa maneira defensiva de afastar de si a sua própria história.

As dificuldades de Mariana da aproximação física e afetiva de seu filho, é carregada de elementos transgeracionais, de suas vivências de infância em relação a rejeição de sua mãe e à experiência de morte de seu irmão-bebê, o qual morreu sufocado por ela, situação analisada extensamente no tópico deste caso clínico denominado ‘Mariana como filha: o lugar da desgraça e a identificação com Joel’.

Neste sentido, impregnada destes elementos, a função materna é perturbada, pois Mariana não consegue enxergar as condições da criança, sua potencialidades, seus recursos e necessidades. Aparece a menina Mariana invejosa que gostaria de estar no lugar de seu filho e ter aquilo que ela própria lhe dá.

Mariana é a criança mãe e não há lugar em seu coração para mais uma criança que não seja ela própria, a qual necessita de cuidados e amparo afetivo, ela é a própria criança solitária e desamparada. Ela identifica-se com seu filho e o desamparo e a solidão são

vividos duplamente, ou seja, tanto pela criança, a qual também vive esta posição de solidão e desamparo (pois Mariana não consegue enxergar as necessidades de Joel, a partir da dimensão de alteridade), quanto por ela própria.

Com José Paulo, o elemento transgeracional pode ser compreendido através das dificuldades que tem em ocupar a função paterna associado ao relacionamento que teve com seu próprio pai, o qual se constituiu pra ele também como um ‘papai preto e branco’, ausente e dado como morto por mim, tamanha a inexpressividade de sua existência e significância para José Paulo, o qual relata não ter muitas lembranças do pai de sua infância, enfatizando entretanto, seu egoísmo e individualismo somente.

Quanto aos aspectos intergeracionais, um pouco já foi dito acima a respeito da relação narcísico-imaginária que José Paulo estabeleceu com seu filho, onde através de um espelhamento, ele insiste em ver em João Vítor, o menininho que já não existe mais, ele próprio e assim como Mariana posiciona-se como um pai-menino, infantilizado. Está numa posição pré-edípica, não se desligou ainda de sua mãe da infância e vive com ela um lugar de completude e de gozo. “(...) *sou muito ligado com a minha mãe. (...) a gente não deixa a minha mãe sozinha.* (José Paulo na 14ª sessão).

Ele próprio atribui o seu fracasso à educação de seu filho, direcionando para avó materna de João Vítor, que é permissiva. Mas quando o menino atropelador aparece, esta é uma forma de chamar a existência um pai que diz um não ordenador, o pai que faz barreira, que exerce a autoridade paterna, a função paterna. Esta é uma função vacilante em José Paulo e quando denomina o filho como filho-papaizinho, não só espelha-se nele como também se invertem os lugares em relação à autoridade, ou seja, a criança fica à mercê de si própria e faz sua própria lei, pois não há um outro que a barre.

Na família de Cássio e Vanda, no tópico a respeito do ‘Sintoma e da constipação das palavras e afetos às palavras faladas’ muito foi discutido sobre as identificações das duplas Cássio-Amanda e Vanda-Rebeca, a posição retentiva de Cássio em relação às palavras e afetos associado ao sintoma da criança, e a agressividade e rivalização de Vanda e Rebeca, situações que exemplificam bem os conflitos intergeracionais.

Como elemento transgeracional, as crianças Amanda e Rebeca são vivenciadas por Vanda como objetos parciais, pedaços da mãe em cada uma das filhas, reprodução da história materna relacionada à sua vivência infantil em relação às suas irmãs gêmeas, quanto a sentimentos de solidão e inferioridade.

Espelha-se em Amanda (alvo das investidas furiosas de Rebeca) quanto à posição fragilizada, solitária e inferiorizada, semelhança do que vivia na infância.

Neste sentido, Vanda tenta estabelecer uma igualdade entre as crianças, como se fossem gêmeas, anulando as diferenças entre elas (inconscientemente estimulando a competição como forma de estabelecer a igualdade) numa tentativa de livrar-se do sentimento de inferioridade que ocupava na rede familiar e que é reencenado através das crianças.

8.3 - O mecanismo de incorporação

A incorporação se constitui um procedimento defensivo, se opõe a qualquer mudança psíquica que o trabalho de elaboração da perda objetal possa promover, dispensando o sujeito do árduo esforço de recomposição psíquica a ser empreendido mediante o luto objetal. Trata-se do fruto de uma resistência ao trabalho de luto que uma vez realizado,

proporcionaria o desinvestimento desse objeto e a conseqüente construção de outros laços libidinais (trabalho que ocorre no processo de introjeção) (Herzog & Salztrager, 2003).

Este mecanismo defensivo se fez presente na análise dos casos a partir da perspectiva e da lógica em que vivemos no presente século, o século da velocidade, onde tudo tem que ser digerido rapidamente e facilmente. Tudo está transformado a partir de uma ótica acelerada e de urgência. Não só a nossa relação com o alimento mudou (fast food), mas também esta velocidade é presentificada nas relações interpessoais. Não há tempo para elaboração, para reflexão, o que também é corroborado pela mídia-fascinação que captura o sujeito contemporâneo de tal forma que o faz acreditar na mágica e onipotência, alimentando-o continuamente. O mundo assim se torna facilmente digerido em flashes e imagens, através do mecanismo de incorporação, diminuindo assim, a capacidade crítica e reflexiva. (Maia & Albuquerque, 2000).

Tudo é engolido aceleradamente e parece não haver espaços, hiências, esperas. Não há tempo a perder e não se pode perder. Ninguém quer perder. É um jogo da vida que vem se estabelecendo onde deverá existir somente ganhadores. Desta forma, como haveríamos de fazer história, a história da humanidade ou a história de nossas vidas onde o fluxo da angústia nas separações é parte inerente dela? É no final do luto (perda) que obtemos a identificação e guardamos em nós, a memória do objeto perdido. Assim temos que deixar ir e não nos sentirmos indo com o objeto perdido. Mas na incorporação o que haverá de se constituir internamente?

Nos casos analisados, o vazio, o rebaixamento da capacidade reflexiva, as dificuldades em vivenciar a dor do outro (desafetação) estampadas no distanciamento e alheamento dos pais em relação às crianças, revelaram-se gritantes.

Em Mariana, a rapidez e a velocidade das falas e das ações impediram o contato com os afetos, especialmente, a angústia. O desejo dela de que seu filho crescesse rapidamente e se tornasse cada vez mais autônomo a fez desenvolver um colo vazado, sem contenção, sem conteúdo, sem espera. O encontro com o outro é fugaz e não há registro psíquico, nem representação mental. Não há processo de elaboração e sim incorporação, tudo rápido, acelerado, instantâneo.

Além disto, a inexpressividade de Mariana (a mãe robô) nos diálogos que estabelecia com a criança, sem graça, mecânicos, sem afetos, falam de um modo de ser do sujeito contemporâneo onde a desafetação e a apatia ocorrem como resultantes de um congelamento da potência sensorial e expressiva.

Maia (2003) explica que a desafetação e apatia é o congelamento de um domínio do psíquico que é puro processo e movimento. A partir de uma vivência traumática dessubjetivante a mobilidade psíquica corre o risco de paralisação, restando ao eu um enorme esforço para lidar com o congelamento de sua potência sensorial e expressiva. Ao contrário disto, a afetação traumática subjetivante (onde o processo sensorial de afetação do sujeito com o mundo é positivamente traumático) traz desdobramentos de movimento, fazendo com que diversas formas de registros psíquicos se desloquem, se entrelacem e se transmutem.

A cólera recalcada de Mariana se projeta em Joel e a impede de ser mãe, afetar-se com ele, doar-se a ele, maternar Joel como ela mesma desejou ser cuidada por sua mãe. Espera então, que seu filho seja independente, cresça rápido, como ela mesma foi forçada a ser, em razão das falhas de sua mãe, pois não teve o olhar materno o que também interfere na construção de sua maneira de ser mãe.

Além da desafetação, há também na relação de Mariana com seu filho, a condição de evitação da castração, que se coloca em função da obliteração do trabalho de enlutamento do filho fálico, perfeito, que se sustenta à revelia do filho real (Paravidini, Perfeito, Rocha, Dias & Campos, no prelo).

O mesmo irá se dar com José Paulo em relação à desafetação quando se mostra incapaz de pensar e refletir acerca dos sentimentos de João Vítor, especialmente quando a angústia apresenta-se de maneira contundente. *“Pai: Mas o que a gente viu aqui? O que aconteceu? Nada! (20ª sessão). Ou quando diz: “(...) não tenho emoção de pai para filho, não tenho essa coisa (23ª sessão)”*.

Através do lugar que José Paulo se coloca, como o maior desistente, arrasando a sua terra, sua história e suas memórias, e se posicionando com indiferença frente as suas dores e perdas (eliminando assim parte da experiência humana) ele o faz segundo a mesma condição do mecanismo de incorporação, ou seja, sob o estatuto de evitação da dor ou de viver as angústias de castração.

Este anestesiamiento que vive frente à dor do outro (João Vítor) e, conseqüentemente, de si mesmo, nos faz pensar em uma invocante tendência à abolição da alteridade (Paravidini et al., no prelo).

Tema também discutido por Fortes (2004) que analisa a diminuição do espaço oferecido para a interação com a alteridade associando-o com a evitação da dor e o narcisismo. Na medida em que dor e alteridade andam juntas, trazem um estranhamento à estabilidade narcísica do eu, pois é na relação com o outro, que as diferenças e intensidades se evidenciam provocando dor, sentimento este, contrário ao imperativo atual de ter prazer e evitar o sofrimento.

Em Cássio e Vanda, o mecanismo de incorporação se evidencia na forma como lidam com as perdas e os sentimentos relativos às ausências do outro, onde não há elaboração do luto, pois ele não é vivenciado, pelo contrário, o tempo do vazio, da perda, da dor é preenchido por atividades, coisas a se fazer ou a se obter: “Por uma cachorra morta, cinco coelhos vivos!” (conforme a proposta da pequena Rebeca em relação à morte da cachorra Gaia). Ou como também Cássio disse a respeito da ausência de Vanda: *‘Não tem melodrama não’* (2ª sessão). Não há espaço para o choro, sofrimento ou dor e assim também ocorre nos outros casos, ou seja, a dor está excluída. O sujeito narcísico, contemporâneo vive sob o estatuto de exclusão da dor.

Na cena de Amanda com sua mãe acerca da descarga do cocô, sobre o qual Vanda manifesta o desejo de livrar-se logo dele (tópico ‘Mamãe e suas crianças’) ela o faz segundo a sua posição retentiva, obstinada e organizativa, mas também o faz de maneira que tudo seja rápido, depressa, de forma que nem sequer possa se dar conta do que está acontecendo.

Esta atitude revela que falta o tempo primordial para a elaboração psíquica das separações de todas as ordens (reais e/ou fantasmáticas), tempo do processo (que pertence ao mecanismo de introjeção), tempo que no luto é chamado de sofrimento intenso e significado (ódio) pela perda do objeto. Luto que não ocorre na incorporação, a qual, portanto, como mecanismo defensivo, se constitui como uma barreira de proteção frente ao luto das perdas objetais.

Ao tempo do processo predomina então o tempo do imediato e da urgência e o processo antes de se constituir uma trajetória para se atingir uma meta, é vivido como um obstáculo a ser superado.

Desta forma, podemos entender que na atualidade, a dor e a frustração, o tempo de espera, de postergar a satisfação não são mais reconhecidos como constitutivos do percurso de um indivíduo rumo aos ideais de prazer e alegria, mas passam a ser indicadores da insuficiência do sujeito contemporâneo, como analisam Maia e Albuquerque (2000).

Um outro mecanismo também utilizado e que se fez evidente em todos os casos no que diz respeito à forma de lidar com a angústia do real e a dor, é em relação à manutenção de um estado fragmentário, apresentando cisões (clivagens). Como exemplo, no caso de Cássio e Vanda, a maneira como se posicionaram frente ao grito de Rebeca, onde nenhum mal estar, nenhum sinal de estranheza, nada é nomeado, assim como em José Paulo, o qual diante da angústia gritante de seu filho, responde com uma pequena palavra: ‘nada’, nada aconteceu ou em Mariana, a qual diante de situações densas emocionais, respondia com seus longos e cansativos discursos, como forma de não entrar em contato com sua angústia.

8.4 - O sentimento de insuficiência, o masoquismo e o simulacro

Mariana demonstra um sentimento de insuficiência dentro de si muito grande, verbalizando não ter condições e não estar preparada para ter um filho ao mesmo tempo em que estabelece com ele uma relação despótica, sendo que a criança também o faz com a mãe. Um se torna escravo do outro, numa relação de servidão e há elementos sádicos e violentos, com agressões verbais, do tipo: “(...) *vai apanhar até voar sangue (mãe na 33ª sessão)*”; “(...) *me dá aí, idiota! (Joel para a mãe na 39ª sessão)*”.

José Paulo também revela sua insuficiência ao frustrar-se com João Vítor, que não lhe dá ouvidos. O pai não sabe como agir, não sabe o que fazer, ao mesmo tempo em que

projeta seu fracasso na avó materna e deposita sua expectativa e esperança fora de si, ou seja, na escola. “(...) *Esse tipo de educação a criança pega na escola, a avó protege muito, ele quer continuar, não adianta dar bronca, ele vai continuar (pai na 1ª sessão)*”.

Além disto, há também uma relação de servidão, onde a criança triunfa sobre o pai tiranicamente, submetendo José Paulo a si.

A postura física de Cássio nos atendimentos, imobilizado, cabisbaixo, quieto, como um fracassado na profissão e a posição que ocupa diante de Vanda e das crianças é a posição de um sujeito de subserviência, mas que traz também uma hostilidade contida como foi discutida no tópico ‘Papai e suas crianças’, em relação aos sentimentos de hostilidade projetados na cena da brincadeira com varetas, objetos pontiagudos que podem ferir, bem como ao lugar infantil e submisso quanto à sua mulher-mãe.

Este lugar de escravidão descrito nos três personagens acima fala de uma forma de sofrimento aprisionante, o masoquismo, marca importante do homem contemporâneo, pois diante do desamparo vivenciado, este, entrega-se masoquisticamente ao outro, oferecendo o seu corpo como objeto de gozo em troca da proteção que os laços outrora legitimados pela cultura, (onde no passado a norma tradicional impunha a cada um o seu lugar), não oferecem mais. Este é o preço que o indivíduo livre e flexível da pós-modernidade tem que pagar, pois a liberalidade no mundo familiar e relacional tornou os vínculos com as pessoas mais complicado do que antes (Fortes, 2004; Lipovetsky, 2004).

E como disfarce desta insuficiência, em todos os casos, o simulacro, a aparência, a falsificação aparece como a base de construção da realidade, pois hoje não basta ser, é preciso parecer ser (Araújo, 2002). A família de José Paulo aparenta através dos sorrisos e beleza, união e felicidade. Tudo está bem e ótimo e nem o mutismo de João Vítor causa

angústia. Mariana, por sua vez conquistou tudo que deseja casa, independência, autonomia no trabalho, escolas para seu filho, comida à vontade e Cássio é um paizão maravilhoso, um companheiro dedicado e participativo, segundo Vanda.

Além destas considerações, como poderíamos pensar um indivíduo com sentimento de insuficiência tão grande e falta de amor a si próprio conseguir doar-se, implicar-se e transmitir a um outro sentimentos amorosos, se ele mesmo não possui este amor próprio? Não há o que doar se não se acredita em si mesmo e se não me amo, como amar ao outro? Como oferecer ao outro o que não tenho em mim mesmo?

Talvez este seja um forte impasse no cumprimento das funções parentais, como um importante elemento que dificulta a implicação de um pai e de uma mãe na história relacional com seus pequenos, no sentido de fazer história, construir laços afetivos, implicando-se e doando-se inteiramente ao outro.

Neste sentido o saber vivencial fica realmente comprometido e o saber formal, aprendido, que vem de fora do sujeito (do pediatra, do psicólogo ou qualquer outro), passa a ocupar a cena. Saber denominado por Paravidini (2006) a partir de uma lógica demonstrativa explícita, onde os pais como expectadores assistem a tudo que já está posto em cena, dentro de um olhar concreto e superficial, sendo que nada haverá de ser visto para além da cena. Não há possibilidades de criação, invenção, construção. Há um achatamento dos campos das possibilidades simbólicas e imaginárias.

Este saber formal é encontrado nos três casos analisados. São orientações formais-pedagógicas, dentro de um contexto que denominei de ensino-aprendizagem, como se os pais fossem os professores de seus filhos, numa postura educativa somente. Mariana em suas dificuldades de brincar, inventar, fazendo-se como uma mãe-robô com padrões rígidos

e estabelecidos na maneira de relacionar-se com Joel; José Paulo ensinando como se brinca, como se abre uma caixa, como nomear coisas e cores; Vanda em sua posição organizativa e de expectadora assim como Cássio. Os três assumem um posicionamento que tem por finalidade demonstrar algo, como deve ser feito, não há densidade emocional e sim somente o pedagógico. A questão fica no ‘somente’ e na exclusão das vivências e das emoções, ou seja, do que cada um tem a dizer de si e a oferecer ao outro.

Então, este estado vivencial empobrecido e esvaziado da subjetividade contemporânea, atrelado ao narcisismo, individualismo e ao mesmo tempo, aos sentimentos de insuficiência (como foi analisado nestes casos clínicos) dentro do contexto sócio-histórico em que vivemos, onde o imediatismo a partir da lógica hedonista e consumista reina, constituem elementos importantes, a partir dos quais, pode-se compreender como os pais em suas funções parentais não fazem saber junto a seus filhos, o seu saber vivido.

A partir da ética da urgência e do acelerado, a criança da cultura de hoje, mítica e perfeita, deverá desenvolver-se rapidamente e com autonomia, preparada para os desafios pós-modernos, desde muito cedo. E os pais, envolvidos nesta lógica contemporânea, transformam-se em supervisores educacionais e se equipam com todos os tipos de recursos disponíveis, leituras, cursos, palestras, associando-se a saberes especializados, (psicólogos, psicopedagogos, nutricionistas) e deixando de lado o seu saber parental, as suas memórias, as suas histórias.

“A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida”.

Salomão

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa cumpriu os objetivos propostos relativos aos modos como os pais estão exercendo suas funções parentais em nossa época, e eu pude compreender e analisar a questão inicial que me motivou a aprofundar neste tema, que dizia respeito à fragilidade e precariedade dos pais em relação aos seus filhos.

Precariedade e fragilidade, palavras que ressoavam constantemente em meus ouvidos, quando em contato com os pais nos atendimentos. Palavras que se transformaram em uma só: ‘impasses’, a qual quer dizer de uma situação difícil e que parece impossível uma saída favorável; embaraço; estorvo.

É neste lugar de embaraço que os pais se posicionam, dentro de um contexto cultural, que os impulsiona a ser como são, pois aí estão inseridos e não destacados dele.

Neste sentido, podemos conceber uma noção de psiquismo mais amplo, onde elementos sócio-histórico-culturais são de fundamental importância na constituição do sujeito.

Novas patologias surgem e num processo dialético carregam as transformações culturais e também são carregadas por elas, pois cada época produz sintomas que são o reflexo da conjuntura social, econômica, relacional e familiar.

O poder patriarcal, desde tempos, já transformado e agora dividido com a mãe, tornando-se co-parental, as mudanças da mulher em relação ao trabalho e a extrema preocupação com a imagem própria e o seu papel social são certamente fatores fundamentais que interferem na maneira como estes pais irão lidar com seus filhos. Como exemplos disto, o individualismo nos casos analisados, onde as mães voltadas para fora de casa somente, ‘esqueciam’ de suas crianças.

Aliados a isto, os ideais de eu, dentro das condições atuais de tudo poder ser ou ter, socorrendo a criança em tudo que lhe falta, sem deixar espaço, hiância, tem gerado enfermidades psíquicas no campo da linguagem, por exemplo, como foi visto no caso do pequeno João Vítor.

A função paterna que instaura a falta, a incompletude de um ser, eleva a possibilidade de criação, de pensamento, permitindo assim a saída da onipotência e dos recursos mágicos na relação com o mundo e como a pesquisa desvelou, neste sentido, estamos realmente em grandes dificuldades, pois um eu narcísico, pleno e onipotente é que tem se constituído.

Embora sejamos munidos de ferramentas tecnológicas poderosas que nos põe em comunicação com o mundo todo, estendendo nossas relações sociais, dentro da família parece estar ocorrendo uma retração deste espaço de comunicação, de diálogo. No lugar deste, estão os jogos eletrônicos, a televisão, o computador. Como Mariana, muitas mães seguem o mesmo caminho, “um vídeo-game no lugar da palavra”, atos substituindo palavras.

As palavras maternas, doadoras e vitalizantes, portadoras de presença, reconhecimento e sentido e que humanizam (Dolto, 2005), a sensibilidade para com o outro a partir da

profundidade de um olhar, que realmente vê o outro e não a si mesmo, estão se perdendo em nossa era, instaurando dificuldades nos vínculos, desde muito cedo.

A pesquisa mostrou pais que se fazem presentes em demasia no nível das necessidades, oferecendo recursos materiais, objetos, alimentos, mas que falham em suas funções simbólicas, como pais simbólicos, atentos às crianças a partir de um olhar desejante e humanizante, como citado no parágrafo acima. Desta forma, a criança vai ter dificuldades em fazer-se ouvir no registro do desejo destes pais, ou seja, quando somente é atendida no nível de suas necessidades.

Há investimentos afetivos, eles permanecem, transformados por todos estes elementos culturais, hedonismo, narcisismo, individualismo, imediatismo, sendo que o que muda destes investimentos dos pais, diz respeito à qualidade e ao quantum, como afirmou Araújo (2002), o que possibilita o deslocamento de posições dos membros, a dificuldade na constituição de lugares e apropriação deles, questão esta discutida e de grande relevância na presente pesquisa.

Desta forma, há que se considerar que a partir das mudanças que vem ocorrendo na família, um peso tem recaído sobre as crianças, em relação às exigências que tem sido feitas a elas para que sejam cada vez mais competentes e autônomas, como se prescindissem de seus pais, o que não é verdade.

O trabalho psicoterapêutico realizado em um dos casos, 'Cássio e Vanda, pais de Amanda e Rebeca', pôde produzir um reposicionamento das relações geracionais (marido-mulher, o par sexual-desejante e irmã-irmã, o par fraterno), retirando de Amanda um peso que recaía sobre ela, quanto aos conflitos inter e transgeracionais, assim como com Rebeca, pois deixou de haver as linhas cruzadas dos pares anteriores, 'pai- Amanda; mãe-Rebeca'.

Através desta pesquisa, pude me dar conta de questões até então obscuras, tanto nos casos propriamente ditos, quanto em relação às funções, o que nos leva a reafirmar cada vez mais a importância da pesquisa psicanalítica.

Novas pesquisas poderão ser realizadas, como por exemplo, quanto à investigação do mecanismo de incorporação, contrapondo-se ao da introjeção não só a partir das funções parentais, mas no indivíduo contemporâneo em sua relação com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, A. B. (2004). Produção de subjetividades, processos de subjetivação. In: C. A. Peixoto (org.) *Formas de Subjetivação* (pp.95-114). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Andreucci, M. C. (2001). O renascimento do Édipo ou a importância da função paterna na configuração da famílias atuais. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(3), 843-871.
- Antunes, M. C., & Santos, T. C. (2003). Novas subjetividades ou novos sintomas? In: T. Pinheiro (org) *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas* (pp.43-60). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Araújo, C. V. F. (2002). Pai, mãe e filho – Reflexões sobre a família e educação na modernidade. *Estilos da Clínica*, 7(12), 100-111.
- Bemfica, F. (2004, 09 de Agosto). Papel dos pais deve ser repensado. *Jornal Correio do Povo*, Porto Alegre.
- Bick, E. (1967). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Revis. Psicoanal*, Argentina, 24(1), 97-115.
- Bleichmar, S. (1994). Do discurso parental à especificidade sintomática da criança. In: A. M. S. Rosenberg (org.) *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. (pp.121-125) São Paulo: Editora Escuta.
- Botbol, M., & Lecoutre, C. (2004). Os pais e a escola In: M. C. P. Silva (org.) *Ser Pai, Ser Mãe Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. (pp.133-139). (Letícia Solis-Ponton, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Celes, L. A. Nascimento Psíquico. (2004). In: R. O. Aragão (org.) *O bebê, o corpo e a linguagem* (pp.41-57). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Feres-Carneiro, T. (1998). Clínica da família e do casal: tendências da demanda contemporânea. *Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(3), 23-32.
- Fernandes, L. R. (2000). *O olhar do engano: Autismo e o Outro primordial*. São Paulo: Escuta.

- Fink, B. (1998). O sujeito lacaniano. In: M. L. S. Câmara (trad.). *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo* (pp.55-68). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Folberg, M. N., & Reck, N. (2002). Declínio da função paterna e dialética da simbolização. *Estilos da clínica*, 7(13), 92-99.
- Fortes, I. (2004). O sofrimento na cultura atual: hedonismo versus alteridade. In: C. A. Peixoto (org.). *Formas de Subjetivação* (pp.69-93). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. (Jayme Salomão trad.) *Edição Standart Brasileira* (vol.18, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1920)
- Freud, S. (1976). “Cinco lições de Psicanálise.” (Jayme Salomão trad.) *Edição Standart Brasileira* (vol 11, pp.7-46). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado 1910).
- Golse, B. (2004). O bebê, seu corpo e sua psique: explorações e promessas de um novo mundo (Apego, Psicanálise e Psiquiatria Perinatal). In: R. O. Aragão (org.) *O bebê, o corpo e a linguagem* (pp.15-40). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herzog, R. & Salztrager, R. (2003). A formação de identidade na sociedade contemporânea. In: T. Pinheiro (org.) *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas* (pp.27-42). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Jerusalinsky, J. (2002). *Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador: Ágalma.
- Kupfer, M. C. (1994). Pais: melhor não tê-los? In: A. M. S. Rosenberg (org.) *O lugar dos pais na psicanálise de crianças* (pp.99-119). São Paulo: Editora Escuta.
- Lebovici, S. (2000/2004). Diálogo Letícia Solis-Ponton e Sergue Lebovici. In: M. C. P. Silva (org.). *Ser pai, Ser mãe: Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp.21-28). (Letícia Solis-Ponton, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ledoux, M. H. (1990). *Introdução à obra de Françoise Dolto*. (Vera Pinheiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. (Mário Vilela, trad.). São Paulo: Barcarolla.

- Lisondo, A. B. D. (2004). Na cultura do vazio, patologias do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(2), 335-358.
- Lowenkron, A. M. (2001). Maternidades: novas configurações? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(3), 823-842.
- Maia, M. S. (2002) Um tapete vermelho para a angústia: considerações sobre a clínica psicanalítica e a contemporaneidade. In: C. A. Plastino (org.). *Transgressões*. (pp. 85-92). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Maia, M. S. (2006). *Extremos da alma – clínica, experiência subjetiva e campo de afetação*. Acesso em 20/07/2006. Disponível em www.estadosgeraisdapsicanalise.org.
- Maia, M. S. &, Albuquerque, A. (2000). Get there now! Cultura contemporânea, imediatismo e desamparo. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 132, 81-88.
- Mannoni, M.(1983). *A criança, sua doença e os outros O sintoma e a palavra*. (A. C. Villaça trad.) 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mannoni, M. (1986). *De um impossível a outro*. (Vera Ribeiro trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Mélega, M. P. (1998). Intervenções Terapêuticas Conjuntas Pais-Filhos (primeira parte). *Alter – Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 17(2), 119-134.
- Morales, A. T. (2004) Os predicados da parentalidade adotiva. In: M. C. P. Silva (org.). *Ser Pai Ser Mãe Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. (pp.195-201). (Letícia Solis-Ponton, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- OMS – Organização Mundial de Saúde.(1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento de CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. (Dorgival Caetano trad.). Porto alegre: Artes Médicas.
- Paravidini, J. L. L. (2006) *Desenvolvimento emocional infantil precoce: intervenções terapêuticas com crianças em risco de sofrimento psíquico grave*. 2006. 70p. Relatório do pós-doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Paravidini, J. L. L., Perfeito, H. C. C. S., Rocha, T. H. R., Dias, A. G., & Campos, A. F. (no prelo) Nascimento psíquico e contemporaneidade: Implicações metapsicológicas nos modos de estruturação subjetiva. *Revista Psicologia USP*, No prelo.

- Passos, M. C. (2002). Família: o que muda e o que permanece em diferentes configurações. *Cadernos de Psicologia*, 12(1), 31-43.
- Perfeito, H. C. C. S., & Melo, S. A. (2004). Evolução dos Processos de Triagem Psicológica em uma Clínica-escola. *Estudos de Psicologia*, 21(1), 31- 42.
- Perfeito, H. C. C. S., & Melo S. A. (2006). Caracterização da população atendida entre 2000 e 2002 na clínica-escola de psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. *Estudos de Psicologia*, 23 (3), 239-249.
- Pinheiro, T., & Verztman, J. S. (2003). As novas subjetividades, a melancolia e as doenças auto-imunes. In: T. P. (org.) *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas* (pp.77-104). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Prata, M. R. (2004) Da norma disciplinar à iniciativa: Os processos subjetivos e os parâmetros normativos contemporâneos. In: C. A. Peixoto (org.) *Formas de Subjetivação* (pp.37-67). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Rezende, A. M. (1997). A relação “sujeito-objeto de conhecimento” na Filosofia e na Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31(12), 295-308.
- Rezende, A. M.(2000). *O paradoxo da psicanálise: uma ciência pós-paradigmática*. São Paulo: Via Lettera.
- Rosenberg, A. M. S. (1994). A constituição do sujeito e o lugar dos pais na análise de crianças. In: A. M. S. Rosenberg (org.) *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. São Paulo: Escrita.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (André Telles, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Santos, L. A. R. (2005) A criança, seu lugar na contemporaneidade e as implicações na clínica psicanalítica. Acesso em 2/10/2005. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/gruposvirtuais/santos-a_criança.shtml
- Silva, M. E. L. (1993). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus.
- Simionato-Tozo, S. M. P., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 14/15(8), 137-150.

- Solis-Ponton, L. (2004a). Diálogo Letícia Solis-Ponton e Sergue Lebovici. In: M. C. P. Silva (org.) *Ser pai, Ser mãe: Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. (pp. 21-28) (Letícia Solis-Ponton, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Solis-Ponton, L. (2004b). A construção da parentalidade. In: M. C. P. Silva (org.) *Ser Pai Ser Mãe Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. (pp.29-40). (Letícia Solis-Ponton, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, R.M. (1997). A criança na família em transformação: um pouco de reflexão e um convite a investigação. *Psicologia Revista*, 5, 33-51.
- Winnicott, D. W. (1965/1980). *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Zornig, S. A. J. (2001). Da criança-sintoma (dos pais) ao sintoma da criança. *Psicologia Clínica*, 13(2) 119-127.